

ELISA MARIA BALZAN

**A CRIAÇÃO DA DIFERENÇA NA OBRA A RETIRADA DA
LAGUNA DE VISCONDE DE TAUNAY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
– Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade
Católica Dom Bosco, como parte dos requisitos
necessários apresentados para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

Orientador: Prof. Dr. Neimar Machado de Sousa

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS**

2012

**A CRIAÇÃO DA DIFERENÇA NA OBRA A RETIRADA DA
LAGUNA DE VISCONDE DE TAUNAY**

ELISA MARIA BALZAN

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof . Dr. Mário Maestri (UPF)

Profa. Dra. Adir Casaro Nascimento (UCDB)

Prof. Dr. Neimar Machado de Sousa (UCDB)

Campo Grande, MS – 20 de Agosto de 2012.

Universidade Católica Dom Bosco

UCDB

Ficha catalográfica

Balzan, Elisa Maria

B198c A criação da diferença na obra A retirada da Laguna de Visconde de Taunay; orientação, Neimar Machado de Sousa, 2012.
136 f.

Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

1. Multiculturalismo 2. Paraguai, Guerra do, 1864-870 3. Taunay, Alfredo d'Escagnole Taunay, 1843-1889 - A retirada da Laguna – Crítica e interpretação

CDD – 370.1934

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente a Deus por ter permitido que chegasse até aqui;
- Agradeço aos meus filhos e todos os familiares que me ajudaram no sentido psicológico e na autoestima, pelo apoio prestado;
- Aos meus queridos amigos, sempre tão importantes na caminhada audaciosa neste momento da minha vida;
- A Adélia Almeida, muito mais do que uma amiga, uma irmã;
- Aos meus queridos mestres, que tanto incentivaram a minha jornada acadêmica;
- E ao meu orientador Prof. Dr. Neimar Machado de Sousa, pelo incentivo, apoio, palavras, foram de extrema importância para alcançar o objetivo;
- Aos professores presentes na banca, professor Antonio Brand, meu grande mestre; a professora Adir, pelo incentivo, e às contribuições do professor Mário Maestri.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Marco Antônio e Luiz Henrique, sempre ao meu lado, pelo
apoio inenarrável;

Ao meu querido pai (*in memoriam*);

Ao meu querido mestre professor Antonio Brad, que já nos deixou, suas
palavras deixadas grafadas na correção do meu texto, jamais serão apagadas. De onde
estiver tenho certeza que está olhando por nós.

BALZAN, Elisa Maria. A criação da diferença na obra *A retirada da Laguna* de Visconde de Taunay. Campo Grande, 2012. 136 p. Dissertação – Mestrado - Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

Esta pesquisa resultou de um estudo do curso de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), da Linha III – Diversidade Cultural e Educação Indígena, sobre a diferença na obra *A retirada da Laguna* do autor Alfredo d'Escragno Taunay; mais conhecido na vida literária como Visconde de Taunay. Foi realizada uma análise bibliográfica da obra citada e um resgate dos relatos grafados por Taunay sobre a Guerra do Paraguai. A análise partiu primariamente do olhar do próprio escritor e retratador Visconde de Taunay com base em suas memórias produzidas sobre a Guerra do Paraguai. O livro, escrito a partir de 1865 e com a primeira edição datada de 1871, em língua francesa, narrou o episódio da retirada da Laguna ocorrido durante a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai (1864-1870). As narrativas apologéticas que se seguiram após o conflito foram muito influenciadas por esta obra. A expedição “patriótica”, na descrição de Taunay, rumo aos pantanais do Mato Grosso, acreditava estar defendendo o Brasil da invasão pelos paraguaios. A partir dos relatos, possivelmente escritos durante a guerra, Taunay consolidou a obra *A retirada da Laguna*, na qual teceu olhares sobre os sujeitos presentes na guerra; percebendo/apontando a diferença dos membros da comitiva, soldados, mulheres, crianças, comandantes e a hierarquia do exército, índios, paraguaios e por ele mesmo. Foi realizado um estudo interligando a leitura de *A retirada da Laguna*, com teóricos como Skliar, Homi Bhabha, Sturt Hall, Baumam, Canclini, Alcalá, o próprio Taunay, dentre outros, que, estudam a identidade e a percepção da diferença, nos relatos de Taunay. A pesquisa teve uma abordagem predominantemente qualitativa que, segundo Minayo (1994), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações. A leitura foi feita em três etapas: num primeiro momento uma leitura exploratória, com intenção de reconhecimento, no segundo momento, uma leitura seletiva, mais profunda do material bibliográfico; e a terceira uma leitura analítica que selecionou os textos usados como definitivos, resultando nessa dissertação como finalização da pesquisa. E concluindo que Taunay apresentou-nos um ‘olhar’ do homem europeu sobre os sujeitos que estiveram na guerra, subalternizando-os. São os sujeitos da diferença que aparecem também na sala de aula, quando se padronizam as diferenças, ignorando-as.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai; Alfredo de Taunay; *A retirada da Laguna*; a diferença.

BALZAN, Elisa Maria. *The creation of the difference in the work of Laguna Withdrawal of Viscount Taunay difference in work withdrawal de Visconde de Taunay*. Campo Grande, 2012. 136 p. Dissertation (Thesis – Masters) - Dom Bosco Catholic University.

ABSTRACT

This research results from a study of the Master in Education of Dom Bosco Catholic University (UCDB) Line III - Cultural Diversity and Indigenous Education, on the creation of the difference in the work of Laguna The withdrawal of the author Alfredo d'Escragnolle Taunay. Best known in the literary life as Viscount Taunay. The study is a literature review and the work cited reports of a ransom Taunay written out on the Paraguayan War. The analysis is based primarily on the look of the writer himself and retratador Viscount Taunay based on their memories produced on the Paraguayan War. The book, written from 1865 and the first edition dated 1871, in French, tells the story of the withdrawal of Laguna occurred during the War of the Triple Alliance or the Paraguayan War (1864-1870). The apologetic narrative that followed the conflict were very influenced by this work. The expedition "patriotic" in the description of Taunay, towards the wetlands of Mato Grosso, Brazil believed he was defending the invasion by the Paraguayans. From the reports, possibly written during the war, has consolidated the work Taunay The withdrawal of Laguna, in which woven looks on the subject in the present war, sensing / pointing out the difference of the party members, soldiers, women, children, masters and hierarchy Army, Indian, Paraguayan and himself. A detailed study linking reading Withdrawal of Laguna, with theorists like Skliar, Homi Bhabha, Hall Sturt, Baumam, Canclini, Alcalá, Taunay himself, among others, who study the perception of identity and difference and that is justified in reports of Taunay. The reading of the work will be done in three stages: at first an exploratory, with the intention of recognizing the second time, a selective reading, the deeper the bibliographic material and the third an analytical reading of selected texts that used as definitive, resulting As completion of this dissertation research. And concluding that Taunay presented us with a "look" of European man on the subjects that were at war, subalternizando them. Are the subjects of difference which appear also in the classroom when they standardize the differences, ignoring them.

KEYWORDS: war of Paraguay, Alfredo de Taunay; Withdrawal of Laguna; the difference.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 COTEJANDO A OBRA A RETIRA DA LAGUNA	22
1.1 Olhares diferentes provocam diferentes respostas: abordando a diferença	25
1.2 Dos relatos de Taunay: abordagem teórica em <i>A retirada da Laguna</i>	36
1.3A criação da diferença em Taunay e a educação: interligando conceitos, almejando respostas	45
2 CONTEXTO HISTÓRICO	57
2.1 Visconde de Taunay.....	58
2.2 A Guerra contra o Paraguay.....	64
2.3 As narrativa apologéticas	77
3 A OBRA A RETIRADA DA LAGUNA NO CENÁRIO DA GUERRA	86
3.1 A escritura da obra <i>A retirada da Laguna</i>	87
3.2 Taunay e os indígenas: criam-se novos olhares sobre o homem primitivo.....	94
3.3 Taunay, a comitiva, a natureza e o inimigo: personagens de uma mesma história	107
3.4 A presença da mulher na guerra: a negação ou o silenciar.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como finalidade analisar a diferença na obra *A retirada da Laguna* do autor Visconde de Taunay.

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, nasceu em 22 de fevereiro de 1843 na cidade do Rio de Janeiro e morreu em 25 de janeiro de 1899, com 55 anos. Taunay era escritor, professor, político, historiador e sociólogo, nascido em uma família aristocrática de origem francesa, e filho de Félix Emílio Taunay, pintor e professor da Academia Imperial de Belas Artes, e Gabriela Hermínia Robert d' Escragnolle Taunay, irmã do Barão d' Escragnolle.

Foi em 1864, ao começar a Guerra contra o Paraguai, que Alfredo Taunay integrou-se à coluna expedicionária para defender o território nacional contra o plano paraguaio encampado por Francisco Solano López. Na guerra, Taunay participou como engenheiro militar, de 1864 a 1870, e dessa experiência resultou a obra *A retirada da Laguna*, publicada originalmente em 1871 em língua francesa. Considerada sua obra mais conhecida e importante, pela riqueza de seus relatos e pelas informações estudadas ao longo de séculos por pesquisadores; não só da história da guerra, como também de questões que identificam e analisam o ser humano e seus comportamentos sociais. A obra retrata a retirada da Laguna, episódio da Guerra contra o Paraguai ou também chamada Guerra da Tríplice Aliança (formada pelos países Brasil, Argentina e Uruguai), que se iniciou no território brasileiro e culminou na invasão do Paraguai.

Taunay ocupava um lugar confortável junto ao exército na guerra; por representar a monarquia, tinha os privilégios dados aos representantes do governo imperial. Taunay representava o poder. Os relatos apresentados pelo autor ao longo da guerra e enviados ao governo imperial, para informar dos acontecimentos nos campos de batalha, tornaram-se parte da obra que é aqui estudada.

Além de atuar como engenheiro na guerra, Taunay ocupou-se em redigir os relatos que seriam enviados à Corte para que se fizessem conhecer todos os procedimentos ocorridos ao longo dos cinco anos que durou a guerra. Esses relatos e as informações que neles continham resultaram na obra *A retirada da Laguna*, que é o objeto desta pesquisa realizada no curso de Pós-graduação do Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. Esta pesquisa analisará as diferenças retratadas na obra, priorizando os olhares de Taunay, e entrelaçando com teóricos para

que se possam analisar os discursos que aparecem ao longo do texto. Esse estudo pretende recortar as informações, observando como a diferença esteve presente nos espaços, nos lugares e entrelugares ocupados pelos sujeitos que aparecem nos discursos de Taunay. Essa ‘leitura’ será realizada levando em conta o contexto apresentado pelo autor, pois, como cita Tomaz Tadeu da Silva “o contexto determina o significado, as transformações” (SILVA, 2006, p.89), os elementos culturais e históricos de uma forma mais ampla. E neste contexto pretendemos capturar a presença dos sujeitos envolvidos na guerra, como os soldados, os indígenas, os comandantes, os inimigos, as mulheres (pouco mencionadas por Taunay na obra), alguns ocupando posições privilegiadas e outros, vistos como o Outro, pela diferença. Essa diferença observada nas informações contidas nos relatos do autor, presentes nos discursos de Taunay ao longo do texto estudado.

Aceitei o desafio de ler a obra *A retirada da Laguna* há alguns anos quando uma professora de literatura me apresentou a mesma, e me ‘provocou’ no sentido de empreender um estudo sobre a obra. Logo no início da leitura, descobri um texto histórico/literário com relatos históricos e descritivos da guerra que me provocaram a continuar. A análise de uma obra com esse ‘valor’ histórico e literário me pareceu instigante. Pesquisei várias obras do autor para comparação e para conceituar melhor a análise. Como fui ‘tomando gosto’ pela descoberta, me perguntei como poderia pensar em levar essa leitura para a sala de aula? E logo fui tomada por muitas ideias para sugerir a obra *A retirada da Laguna* como leitura em sala de aula. Se pensarmos em séries iniciais, existem recursos que poderão ser utilizados pelo professor para adaptar a leitura com enorme poder de absorção pelo educando. Se for realizada, em séries finais do Ensino Fundamental, já se pode sugerir a leitura como obra literária respaldada na história. No Ensino Médio, os movimentos literários possibilitarão outra leitura, compreendendo as épocas de cada obra, inserindo esse estudo dentro da história, como uma forma de despertar/promover o conhecimento.

Após apresentar meu anteprojeto na UCDB, descobri que poderia fazer novas e muitas leituras dessa obra. Olhando com olhares voltados para a história, pensamos meus professores e eu, logo de início, em cotejar a obra *A retirada* com a educação e o grande desafio, pareceu-me, desde o início, conseguirmos fazer esse entrelaçamento. Optamos por seguir os estudos do programa, na Linha III – Diversidade Cultural e Educação Indígena, e trabalharmos com teóricos como Carlos Skliar (2003), Zygmunt Bauman (2001), Homi Bhabha (1998), Stuart Hall (2009); e outros como Maria Tereza

G. Dourado (2005), François Laplantine (2003), Mário Maestri (2003), Guido Rodrigues Alcalá (2007), Francisco Doratioto (2002), esses últimos da área de história; e com autores da área da educação, como Gomes (2001), Candau (2006), Giroux (1995), Kreutz (1998), entre outros. Procuramos assim estabelecer um diálogo entre esses teóricos e os apontamentos produzidos por Taunay, encontrando ‘miradas’ que nos possibilitem responder às inquietações que nos acometem na pesquisa.

Na literatura brasileira, poderíamos citar nomes como Clarice Lispector, Machado de Assis e Guimarães Rosa. O Visconde de Taunay apareceu na literatura brasileira, com os relatos de guerra, apresentados inicialmente em francês, que foi a obra estudada. O objeto desse estudo será resgatar, desta obra tão intensa, pistas sobre a diferença dentro dos relatos do autor. Este estudo realizar-se-á por uma análise bibliográfica e será feito sob a ótica da leitura e compreensão dos textos que compõe a obra, os relacionados às demais leituras sobre o referido livro, contextualizando externamente.

Apresentamos, pois, caro leitor, a obra *A retirada da Laguna*, que não só pertence à categoria de inesgotabilidade em sua leitura como também expressa um resgate histórico/social/cultural da presença do homem na Guerra contra o Paraguai. Essa leitura será realizada a partir do lugar social de seu autor, do tempo da obra e das perspectivas historiográficas de análise do conflito, em um levantamento historiográfico obtido pelas leituras provindas de referenciais teóricos. Esse ‘olhar’ pretenderá contemplar os fatos de forma a remeter em análise contextual, sempre prezando pelos fatos da história presentes na Guerra e em contextualização à obra de Taunay. O narrador Taunay será lido como um membro da comitiva da guerra, um olhar sobre esse narrador participante/representante, com extremo cuidado e certa desconfiança. Não seremos ingênuos, ao ler os textos apresentados pelo autor, pois, observando as relações, os contatos com essas pessoas, nos campos de batalha, nos momentos de lazer, nos relacionamentos com os indígenas, podem não terem sido tão insignificantes como foram apresentados em *A retirada*.

No mesmo estudo serão desmembradas as construções adjetivas que farão referência à diferença na obra, como o sujeito é apresentado pelo autor e como ele mesmo se apresenta nos planos de guerra.

O estudo tem como objetivo principal analisar/identificar as diferenças que se apresentam na obra *A retirada da Laguna* de Visconde de Taunay e como o autor nos mostrou (ou omitiu) dados específicos. Temos como objetivos: contextualizar

externamente *A retirada da Laguna* a partir do lugar social de seu autor, do tempo dessa obra e das perspectivas historiográficas de análise do conflito; caracterizar, mediante desmembramento das construções adjetivas, as categorias da diferença percebidas na obra e interpretar como a diferença é contextualizada e como o autor a demonstra no texto.

Talvez um dos mais célebres narradores e retratadores do Brasil, cujos relatos e o conjunto da obra podem ser tomados como documentos históricos, Visconde de Taunay foi sem dúvida um visionário participante da Guerra contra o Paraguai, que soube expressar nos seus apontamentos as angústias e os fascínios da desconhecida terra tupiniquim. Em uma carreira literária assolada por altos e baixos, Taunay abordou nos seus escritos as narrações de convívio com os sujeitos da guerra e as dificuldades promovidas pela mesma.

Assim é aqui proposta uma leitura sobre aspectos específicos da obra de Taunay, considerando a condição de olhar do homem Taunay sobre o homem indígena, sob o enfoque do autor, e os demais membros participantes da guerra, sem deixar de mencionar o convívio entre ambos. Em alguns trechos, os relatos aparecem em casos de viagem, relatando momentos de entrosamento da comitiva e, principalmente, de Taunay com os indígenas, no sul de Mato Grosso.

Os fenômenos geográficos, econômicos, religiosos, morais e culturais teciam sobre a comitiva de guerra nuances e comportamentos especificados pelo autor na obra, nos seus relatos.

Em meio a um sertão de Mato Grosso, Taunay recriou com imaginação romântica e idealizada, escrevendo romances como *Inocência* (1872) e a novela *Irecê a Guaná*, incluída em *Histórias brasileiras* (1874), mostrando-nos um Taunay um tanto ‘romantizado’ em relação aos relatos de guerra por ele escritos na obra *A retirada da Laguna*. Vemos o encantamento do autor citado, nas *Memórias* (2004), que foi assim descrito: “Sentia-me deveras feliz no seio daquela esplêndida natureza, debaixo daquelas gigantescas árvores ou à beira de puríssimas águas correntes e na íntima convivência de muitos índios” (TAUNAY, 2004, p. 260).

Em seu livro *A retirada da Laguna*, Visconde de Taunay apresenta-nos um relato fascinante e ao mesmo tempo triste da Guerra contra o Paraguai, ou, a Guerra da Tríplice Aliança. A operação de guerra relatada por Taunay se iniciou com a invasão do Paraguai, em 1867, e contava com o comando do coronel Carlos de Morais Camisão e, como guia da expedição, José Francisco Lopes.

Segundo Taunay (1997), foi ao comando de Francisco Solano López, presidente do Paraguai, que as hostilidades entre Brasil e Paraguai iniciaram-se, com a captura do navio brasileiro Marquês de Olinda, da Marinha Mercante Imperial, o qual levava ao Mato Grosso o coronel Carneiro de Campos, nomeado seu governador, iniciando assim a guerra, em 1865, e que durou cinco longos anos.

A expedição de guerra, que saiu de Miranda, em marcha para Nioaque, era composta por um quadro de engenheiros, do qual Taunay fazia parte e dos comandantes liderados pelo cel. Camisão. O grupo de soldados que também seguiam, alguns com suas mulheres, que acompanhavam a expedição ao longo da jornada, e pelos indígenas, a mando dos comandantes que, segundo estes, deveriam prestar serviços à nação.

Os testemunhos da jornada de guerra eram as cartas enviadas ao Governo Imperial, pela expedição, como prova dos acontecimentos presenciados pela equipe que compunha a coluna.

O discurso apresentado pelo autor será analisado em uma abordagem linguística e caracterizar-se-ão as falas/mensagens, palavras, frases, citações e pensamentos, presentes ou omitidos nos relatos de Taunay. Sendo localizadas e separadas as palavras, serão rotuladas e posteriormente sintetizadas no modelo de uma dissertação.

Assim, o presente trabalho se justifica pela grandiosidade histórica da obra *A retirada da Laguna*, para Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul, e pela rica composição narrativa do livro, exposta em alguns trechos supracitados. O estudo pretende perceber, na obra, a presença da diferença e como ela é percebida, criada nos espaços de guerra, em reconhecimento de novos espaços, novas terras e em novos desafios.

A pesquisa terá uma abordagem predominantemente qualitativa que, segundo Minayo (1994), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações.

O procedimento de coleta de dados será caracterizado por uma pesquisa bibliográfica, pois diz respeito à coleta de informações em fonte primária, ou seja, com base no livro *A retirada da Laguna*, de Visconde de Taunay. A coleta de dados será iniciada com uma leitura exploratória do material bibliográfico, com intenção num primeiro momento, apenas de reconhecimento. O segundo passo será a realização de uma leitura seletiva, que prevê uma avaliação mais profunda no material bibliográfico, com foco nos objetivos da pesquisa. A terceira fase será o desenvolvimento de uma leitura analítica sobre os trechos de textos selecionados que serão tratados como

definitivos, apesar de alguns deles ainda poderem ser excluídos pela inadequação à escolha anterior. Posteriormente serão identificadas as ideias-chave, que serão selecionadas e sintetizadas.

Em etapa posterior, os dados coletados serão analisados por meio do método de análise de discurso, que permite ao pesquisador o estudo dos processos discursivos que envolvem os sujeitos. Segundo Maria do Rosário Gregolin (2001)¹: “O *fazer sentido* é efeito dos processos discursivos que envolvem os sujeitos com os textos e, ambos, com a História”. E pergunta: *O que é esse fazer sentido?* Os processos discursivos materializam-se por toda a parte, com esse pensamento pensamos e alçamos da teoria da Análise do Discurso exatamente para compreender os diálogos no texto de Taunay, as fronteiras e os limites desse *fazer sentido*. Cada texto apresenta um diálogo com outros textos/autores. Sempre estão inseridos na memória coletiva ou individual e na história. O campo de Análise do Discurso deriva dos pesquisadores que originou a problematização dos sujeitos, com suas bases e a produção de sentidos que lhes compete: Pêcheux e Foucault. Em Pêcheux a investigação se dá em relação à epistemologia, ou seja, a problematização ocorre em torno do discurso, dos processos discursivos. Foucault compreende o discurso como um jogo estratégico, de poder, o discurso, para ele, é uma prática que relaciona a língua com outras práticas, no campo social, segundo Gregolin. A ordem de sentidos dentre esses teóricos, está na base da reflexão acerca da interpretação, dos movimentos em torno do sentido e dos processos ideológicos, formadores das muitas possibilidades desse discurso. Diferenças dentro da problematização, desses teóricos, são oposições que remetem às muitas confluências em torno do discurso pensado. Dessa forma Gregolin toma esses teóricos como fundamentação, para tentar explicar que o discurso não é mais uma reprodução da fala unicamente, mas passa a ser um produto ideológico.

Essas duas bases teóricas construídas nas possibilidades de análise de Gregolin, tomamos por empréstimo, para com elas, construir um novo olhar sobre o texto de Taunay. Abrigando os novos pensares que sustentam essa pesquisa, buscaremos, no diálogo, na intertextualidade, nas determinações ideológicas e nos sentidos subjetivos presentes na alteridade, as respostas para nossas inquietações. Esses muitos sentidos

¹ GREGOLIN, M. R. ...et al. **Análise do discurso**: entornos do sentido. (org.). In: Análise do discurso: os sentidos e suas movências. Araraquera: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial, 2001.

serão interrogados para pensarmos sobre o sentido e o sujeito, nos textos do autor citado.

No presente trabalho, as unidades de registro serão as de base gramatical, representadas pelas palavras e/ou orações do texto da obra *A retirada da Laguna*, a partir das quais se pretende responder ao problema de pesquisa, interpretando como Visconde de Taunay mostra-nos a diferença em sua obra. Além disso, a pesquisa pretende identificar como se processaram essas mostras ao longo da guerra e como o autor expõe na obra esse olhar.

Em dados e referências não se pretende desconstruir as informações do livro, mas perguntarmos, durante o processo investigativo, como se formaram as hipóteses que resultaram nesse complexo convívio entre Taunay e os demais sujeitos envolvidos (ou não) diretamente na guerra. Abrem-se aspas aqui para mencionar a relação Taunay e indígenas: teve um relacionamento com uma índia Chané, além das frequentes visitas as tribos que Bittencourt (2000) cita em seu livro sobre os povos Terena. Em seus relatos, o autor apresentou o índio em muitas passagens, como amável e domesticado, mas em outras, desconstruiu a figura do homem bravo e lutador como covarde e traiçoeiro. E o que dizer das mulheres? São pouco citadas na obra, porém, em outros textos do autor encontraram-se menções bem interessantes para a pesquisa, como nas *Memórias* (2005). Outros autores apresentaram relatos profundos e de uma narrativa densa, completa de imagens tristes e de sofrimento, como de Alcalá (2007) que mostra o lado de lá da fronteira, o lado do ‘inimigo’.

O século XIX foi o século das retiradas, que eram vistas como as grandes conquistas, dos atos heroicos, e dos homens conquistadores, como vemos comentários em Taunay (1997).

O império do Brasil organizou um exército para enfrentar o presidente paraguaio Solano López, sobre o qual Taunay escreveu “sem outro motivo que a ambição pessoal” (1997, p. 37), formou-se o exército por soldados da Tríplice Aliança: Brasil, Uruguai e Argentina. As três nações lideradas pelo comando brasileiro proclamaram o levante de uma luta em nome de uma nação, que segundo Taunay (1997), invadida e violada nos seus direitos, necessitou de ser defendida. O plano de Solano López ao atacar o vapor Marques de Olinda foi decididamente o início do confronto. Aos olhos de Taunay os soldados eram todos heróis. O inimigo era o cruel, o indígena, vingativo e selvagem. Era o dominador sobre o dominado. O poder apresentava-se como uma leitura de espacialidade, em que o lugar do outro era

interrompido pela trágica imposição, pelo medo, pela exclusão, pela negação, pela indiferença diante do ‘diferente’, fatores que determinam a diferença.

Começamos a busca entendendo os espaços ocupados pela comitiva de guerra. E se esse espaço ocupado por Taunay for “um espaço de acontecimentos, um espaço de olhares, gestos, silêncios e palavras irreconhecíveis, inclassificáveis, irredutíveis? As espacialidades da diferença?” (SKLIAR, 2003, p.97). Percebemos, então, em Taunay, um espaço dos acontecimentos: os espaços da guerra, ocupados pelos homens que nela estavam presentes, e nos que não estavam, mas que eram representados em nome do poder, nos espaços dos olhares, dos gestos e dos silêncios onde as palavras eram emudecidas em nome do poder ou em nome dos silêncios pensados por nós nesse estudo, pois também apresentam significados.

O espaço da diferença que como cita Skliar (Idem): o outro que ocupa um espaço outro, ou unicamente colonial? Estes espaços são chamados de espacialidades da diferença, que provocam a desordem e que acarretam exclusões.

Procuraremos construir aqui uma ponte, na tentativa de dialogar com teóricos e com Taunay, para compreender como se deu esse discurso da diferença, nas relações com o Outro aparentes nos textos do autor. Tentando sempre dialogar com teóricos que façam a leitura da alteridade, na diferença, que se forma a partir do discurso colonial que Taunay apresenta.

Faremos uma análise histórico/literária da obra *A retirada da Laguna*, pensando em como este estudo concluirá quando apresentaremos uma proposta de contribuição da obra de Taunay para a Educação. Como se poderia utilizar uma obra como *A retirada da Laguna* em sala de aula? De que forma contribuiria para a educação? Como uma obra literária poderia produzir o conhecimento? De muitas formas. O professor levando a obra para a sala de aula pode estimular e despertar o aprendizado em história; pois, a obra é rica em detalhes, que mostram a guerra e contém informações sobre os países envolvidos. Traz relatos sobre os indígenas, os territórios, os países como o Paraguai, tanto de seu território, quanto de seus habitantes. Informa aos leitores, no caso dos alunos, sobre a guerra e responde como a guerra aconteceu, numa época do Brasil Império, século XIX, distante, portanto do seu tempo e do seu olhar.

Outra análise que faremos, e a que realmente nos fixaremos neste estudo com mais profundidade, será a literária. Apesar de a leitura histórica ser relevante para os estudos, buscaremos as práticas literárias da obra *A retirada da Laguna*. Essa leitura

poderá ser levada para a sala de aula como uma investigação pelo professor, com a mesma propriedade de um leitor, investigando e retirando do texto as contribuições que o mesmo pode trazer para a sala de aula. De que forma pode-se contribuir, então? A leitura dos vários textos e seu universo de significados, as palavras, as expressões da época, os comportamentos, as frases e os vários discursos dos sujeitos podem ser discutidos pelo professor de maneira pertinente. Dentro da literatura de Taunay, sua composição narrativa absorverá leituras contribuindo para o aprendizado dos lugares, espaços geográficos, a existência de outras culturas, os índios, os demais sujeitos envolvidos na guerra. Também se pode estudar o autor, suas origens, o movimento literário a que pertence, enfatizando obras como *Inocência*, na qual o autor citado aborda com extremo cuidado, a delicadeza da moça do interior do Brasil. Como o material bibliográfico de Taunay é vasto, o professor poderá traçar um estudo com seus alunos no âmbito de se investigar/comparar os textos, que se referem a relatos de guerra, ou textos como *Inocência*, literários.

É importante que se trace um mapa que abrigue o discurso e perceba em que contexto aparece a diferença, nele embutidos? Se não está perceptível como descobrir uma diferença ‘mascarada’, nos textos de Taunay? Quando se pensa em discurso, não nos voltamos para a única forma linguística da palavra, mas na forma de apresentação dos espaços que atravessam os diálogos e se entrecruzam no tempo e no espaço para criar e fomentar a relação com o outro, sempre em relação ao outro.

As imagens triunfalistas que apareceram no texto, que por ventura tivessem sido vistas pelo leitor, com olhares sobre heróis, serão investigadas e questionadas, pois Taunay nos falou de uma ‘verdade’ descrita por ele na obra. E nos perguntamos: que verdade é essa? A verdade de Taunay ou a verdade dos fatos históricos? Como saber se realmente os acontecimentos narrados por Taunay foram contados com veracidade? De uma obra literária pode-se extrair a resposta para essas dúvidas? Parece-nos a princípio irrelevante desconstruir a imagem do autor, somente pretendemos desmembrar, nas informações contidas nos textos, a leitura da narrativa voltando os olhares para a criação/construção da diferença do outro e a relações entre os sujeitos na/da guerra. Uma diferença aparentemente construída na subordinação desses sujeitos, como aparecem no texto de Taunay, sujeitos que representam o poder naqueles espaços da guerra. O poder estava na ponta da pena de Taunay e dentro dessa perspectiva muitos questionamentos serão aqui abordados, pensando em como o autor ‘poderia’ ver o mundo a sua volta sem um olhar descritor do homem colonizador, do homem europeu?

Importante frisarmos a força das narrativas apologéticas, que se apresentam em forma de relatos da história, presentes em bibliografias/biografias, relatos, informações postados ao longo do tempo. Esse tempo, durante o período mostrado ou após o acontecimento relatado, que foram resgatados por retratistas como Taunay. Em narrativas de leituras informativas, remetiam ao leitor o passado, porém sem se perder a essência que é a apologia à política, ao poder e às lideranças dos comandos centrais, no caso de Taunay, aos poderes e poderosos da guerra.

Em sua obra, *A retirada da Laguna*, Taunay, um carioca em território desconhecido, descreveu a ações dos integrantes da campanha, vivenciada pelos indígenas que participaram dos avanços sobre o inimigo. Os paraguaios, os soldados brasileiros e o restante da comitiva, também fizeram parte, além dos comandantes e a infantaria, indígenas, mulheres e crianças, na província de Mato Grosso.

Taunay também teceu seu olhar sobre as paisagens exóticas do pantanal. Como um homem urbano, olhou a tudo e a todos desde o lugar social que ocupava: o meio social do Rio de Janeiro. Deste lugar, situou-se em meio às imperfeições da natureza e em contato com os viajantes, quando estabeleceu uma relação com os demais integrantes do grupo. Como figurou entre a percepção singular do autor e o novo meio social a que ele está inserido, no caso, a guerra e os territórios mato-grossenses e paraguaios.

Optamos por usar a referência ‘Guerra contra o Paraguai’, a qual o leitor provavelmente perceberá, ao longo da leitura, por influência de leituras históricas. Essas leituras nos remeteram à construção de ‘novos olhares’, como investigadores que somos, para pensarmos de forma mais consciente sobre o significado de uma guerra com as dimensões que foi esta e, principalmente, seguindo Mário Maestri, como escreveu em seu artigo, “Guerra contra o Paraguai”.

Com isso, se faz necessário olhares mais detalhados e menos inocentes, pois da obra literária será ‘retirado’, ‘recortado’ o que construiu e constrói a história e mais do que isso, se faz necessário observar os acontecimentos relatados por Taunay, apesar de dois séculos depois, visto pelo olhar do homem do século XXI, deve ser traçado com delicadeza e ao mesmo tempo certa desconfiança, não em relação à história, mas sim ao olhar do homem que a narrou.

Já se passaram 145 anos do início da Guerra do Paraguai. Alguns escritos foram produzidos a partir da história da Guerra da Tríplice Aliança. Acreditamos que muitos relatos grafados anos após o término da guerra, trazem informações acerca dos

combates e dos combatentes. Os relatos aqui apresentados são resultado dos ‘olhares’ do homem do século XXI, sobre o homem do século XIX. Ao estudarmos, nos provocam desafios muito enriquecedores, porém instigantes e provocadores, visto que pelas/nas leituras traçamos nosso limitado olhar. Um olhar em relação a uma época cheia de conflitos, mudanças e desafios enfrentados pelos personagens de uma história, uma história de guerra que a todos custa esquecer.

Os capítulos serão apresentados iniciando pelo primeiro, intitulado COTEJANDO A OBRA A RETIRADA DA LAGUNA – no qual serão discutidos os significados da diferença, interligando com a educação e a sala de aula. No sub-item 1.1 Olhares diferentes provocam diferentes respostas: abordando a diferença, procuraremos entender quem é o sujeito diferente: o inimigo, o índio, a mulher, os mascates; o sujeito degenerado apresentado como forma de justificar as mortes, as agressões, as invasões, as batalhas e todos os tipos de violência que foram praticadas contra o inimigo. As diferenças nascem da pena de Taunay ao mesmo tempo em que as identidades. No sub-item 1.2 – Dos relatos de Taunay: abordagem teórica em *A retirada da Laguna* procuraremos interligar os espaços da diferença do texto de Taunay, observados e recortados para dialogar com os teóricos que explicam a diferença. Citando teóricos que como Sontag (2003), Skliar (2002) e Bhabha, (1998) entre outros. No sub-item 1.3 A criação da diferença em Taunay e a educação: interligando conceitos, almejando respostas – pensemos em como o educador deve ser como um trabalhador cultural: deve ampliar ativamente os trabalhos além da escola, criando novas lutas democráticas e produzindo melhoras. Mas ao padronizar a diferença a escola produz uma diferença que se torna excludente, e aí a educação acaba se tornando inversa.

No segundo capítulo intitulado CONTEXTO HISTÓRICO, mostraremos, ao leitor, o autor pesquisado, o homem do século XIX e as narrativas apologéticas. No sub-item 2.1 Visconde de Taunay - apresentaremos a bibliografia do autor da obra *A retirada da Laguna*, para que seja conhecido do leitor. Alfredo Maria Adriano d’Escagnolle Taunay, 22/02/1843 – 25/01/1899, (Rio de Janeiro). Neto de franceses foi engenheiro, militar, professor, político, historiador, sociólogo, romancista e memorialista. Incorporou-se à Expedição de Mato Grosso como ajudante da Comissão de Engenheiros, na função de engenheiro militar, na Guerra do Paraguai (1864-1870). Retrato e enviou cartas à corte, a guerra, que resultou em obras como *A retirada da Laguna*, *Cenas de Viagem*, *Memórias* e outras. Por ser neto de franceses, Taunay expressou a ‘sua verdade’ nos seus textos, uma verdade com o olhar recortado do

homem colonizador. O subitem 2.2 A guerra contra o Paraguai – irá abordar a história dos acontecimentos na guerra, se bem que não nos aprofundaremos neste contexto, pois a discussão aqui apresentada não terá como elemento norteador a guerra, mas a diferença. A guerra será o ‘pano de fundo’ da discussão. O aporte histórico que nos embasaremos para tornar o objeto pertinente à discussão. A guerra iniciou-se em 10 de abril de 1865, partiu de São Paulo uma coluna de seiscentos homens, sob o comando do coronel Manuel Pedro Drago, com o objetivo de enfrentar os paraguaios que haviam invadido Mato Grosso, segundo o autor citado. Para concluir o capítulo 2 apresentamos o sub-item 2.3 – As narrativas apologéticas - em Taunay destacam-se pelo uso dos adjetivos que denunciam os olhares do autor sobre os demais membros do grupo. Maestri (2003), refere como sendo “uma apologia militar”. Essas narrativas, muito comuns neste período, referiam-se a enaltecer os sujeitos, no caso de Taunay, os líderes, os soldados, eram assim vistos: honrado, bravo, digno homem, digno soldado. Já os demais membros do grupo, subalternizados, como o índio, que nos foi mostrado como o bruto, o covarde, o cruel. As mulheres, seres inexistentes naquele lugar. E o paraguaio, o inimigo: o ser a ser eliminado.

O capítulo 3 tem como título A OBRA A RETIRADA DA LAGUNA NO CENÁRIO DA GUERRA – no qual abordaremos a obra, como foi escrita, os sujeitos da guerra que participaram da mesma, como os índios, as mulheres, os soldados e a natureza, apresentados aqui como elementos formadores dos desafios que provocam a diferença. No subitem 3.1 - A escritura da obra *A retirada da Laguna* – refletimos como Taunay, por insistência do pai, incorporou-se no Exército brasileiro. Foi o Imperador quem o incumbiu de informar, na forma de relatos, (relatos de guerra ou relatos de viagem), os acontecimentos. Desses relatos obras surgiram como: *A retirada da Laguna*, *Cenas de Viagem*, *Memórias*, *Relatos de Viagem*, outras. A obra *A retirada da Laguna* foi escrita em francês em 1871 inicialmente, só depois foi traduzida para o português por seu filho Afonso d’ Escragnoille Taunay. Nos seus escritos, o olhar eurocentrista e do homem colonizador, aparece os discursos presentes nos apontamentos de Taunay. O subitem 3.2 Taunay e os indígenas: criam-se novos olhares sobre o homem primitivo – investigaremos como o índio brasileiro foi-nos apresentado, sob um olhar em que a imagem rústica do homem primitivo recebe esse conceito a partir do olhar do homem europeu. Parece-nos que o autor apresenta um olhar transversal da presença indígena na Guerra do Paraguai. Mas, nas *Memórias* o autor apresentou outro ‘olhar’ sobre o indígena, principalmente sobre os Terena. Neste subitem 3.3 Taunay, a

comitiva, a natureza e o inimigo: personagens de uma mesma história o estudo será abordado explicando a comitiva, encontramos no dicionário Houaiss (2009) as definições para os termos usados por Taunay ao referir-se a: Comitiva- grupo que acompanha alguém ou algo. E ainda empregou: coluna, expedição, exército, soldado, batalhão: definições empregadas para referir-se ao grupo que esteve na guerra. A natureza – comentaremos como Taunay chamou a natureza de cruel e inóspita. Como apresentou-nos a seca, que provocava incêndios, queimando plantações inteiras. Era um inimigo a ser enfrentado: enchentes, ilhados e a fome: sofrimento. As grandes enchentes do pantanal com rios transbordando e causando mortes de alguns integrantes do grupo. Escreve Taunay sobre as frutas e plantas do cerrado, que saciavam a fome dos soldados e da equipe. E nos reporta às mais belas paisagens: o olhar romântico do autor sobre a natureza. E o inimigo – o inimigo sem dúvida foram os selvagens paraguaios, assim citados pelo autor. O autor citado mostra-nos Solano Francisco López como o ambicioso “ditador”, o mais cruel, como o sujeito a ser eliminado. O espanhol era usado para diferenciar o inimigo dos demais, e este usava o guarani para ‘despistar’ o exército brasileiro. O subitem 3.4 A presença da mulher na guerra: a negação ou o silenciar será uma discussão acerca da presença da mulher na guerra. Maria Tereza Garritano Dourado (2005) escreve que as mulheres estavam lá na retaguarda, tanto as brasileiras como as paraguaias. Então perguntamos: elas estiveram realmente lá?

A análise da obra *A retirada da Laguna* foi realizada com o olhar do homem do século XXI sobre o homem do século XIX, um olhar menos ingênuo para que se melhor compreender os interesses que o autor tinha ao redigir seus relatos. Percebemos na obra a presença da diferença calada, silenciada quando omitiu a presença da mulher na guerra; quando ‘sufocou’ os companheiros do exército calando-os; quando valorizou apenas os companheiros comandantes e anulou os índios, os tratando como seres inferiores.

Hoje dentro da sala de aula essa diferença é vista como ‘algo que eu deva tolerar’ e o professor tem de lidar com as diferenças, mesmo quando a própria sociedade as sufoca. Na educação a diferença é percebida no ‘calar das vozes’ dentro da sala de aula e/ou quando não são percebidas as diferenças.

Mas Taunay também colaborou para a memória, pois seus relatos permanecem vivos, para que não se perca parte da história. Seus relatos contribuíram para que muitas gerações futuras tomem conhecimento dos povos que estiveram na guerra, suas conquistas, suas perdas e seus triunfos.

1. COTEJANDO A OBRA A RETIRADA DA LAGUNA

El império del Brasil estaba por un millón y medio de esclavos y un puñado de duques, marqueses, condes, viscondes y barones.

Para culminar la liberación del Paraguay, este império esclavista puso al mando de las tropas al conde d' Eu, nieto del Rey de Francia y marido de la heredera del trono.

En los retratos, mentón en fuga, nariz alzada, pecho sembrado de medallas, el llamado Mariscal de la Victoria no conseguía disimular el asco que Le daba este desagradable asunto de la guerra.

El supo ubicarse siempre a prudente distancia de los campos de batalla, donde sus heroicos soldados enfrentaban a feroces niños paraguayos provistos de barbas de utilería y armados de palos. Y desde lejos cumplió su hazana final: cuando el pueblo de Piribebuy se negó a rendirse, ordenó tapiar las ventanas y las puertas del hospital, lleno de heridos, y lo mandó incendiar con todos adentro.

Eduardo Galeano

No processo de colonização, o europeu (representado aqui por Taunay), que chegou ao Brasil, encontrou o estranho e começou a falar em ‘um ser sem cultura’ para colocar no centro a própria representação do eu – o europeu. Só podemos compreender o outro, se estivermos em seu lugar. Mas como não podemos estar no lugar dele, convivendo com ele compreenderemos sua cultura, como maneira de não conflitar com os seres todo o tempo. Entender o outro é um diálogo que estabelece relações e permite que combine socialmente. Essas práticas sociais que o sociólogo Zygmunt Bauman, em seu livro *Comunidade*, de 1998, discorre nos seus escritos, propõem que nas relações haja uma ressignificação dos valores para que, as culturas consigam ser mais bem compreendidas e ressignificadas na troca de relações.

Na relação entre Taunay e o grupo que esteve na guerra, fazemos uma leitura que precede a discussão aqui apresentada pelas relações de poder, que se apresentam no texto. As relações entre a comitiva, os companheiros engenheiros, os índigenas, as mulheres, os soldados e até o inimigo, traçaram um diálogo que conduziu a escrita dos relatos apresentados ao Governo Imperial, e que, mais tarde, transformar-se-ia na obra *A retirada da Laguna*, e algumas outras mais, já citadas.

Taunay foi o representante do governo Imperial, portanto, do poder. Ao ser mandado para a guerra, fez-se dele um sujeito com um poder representativo monárquico capaz de delimitar interesses, apontar subordinações e recortar, nos seus relatos, apontamentos que porventura fugissem dos interesses da monarquia.

Em sua concepção clássica, o mundo é feito de representações, sendo elas que permitem entender o comportamento dos grupos sociais, como eles se pensam e quais são as suas relações com os objetos que os envolvem. “[...] representar é atuar, representar a si próprio, ou a outra pessoa; e o que representa outro é tido como quem possui personalidade ou age em nome do representado” (NETO, 1986, p.1063).

A representação do conjunto social e da vida coletiva em que Taunay apresenta a face da guerra, a trama e os horrores vivido, serão aqui aplicados, levando-se em conta o pensamento durkheimiano “*représentation collective*”, pensamento este intimamente ligado à obra de É. Durkheim: a vida coletiva, realidade *sui generis*, é integrada pelos fatos sociais (NETO, 1986, p.1063)². “É preciso considerar a natureza social e não a individual e atentar para o fato de que o mundo todo é feito de representações” (HOROCHOVSKI, 2004, p. 94).³

Focando na obra *A retirada da Laguna*, de Visconde de Taunay, o autor foi o representante coletivo, ao mesmo tempo em que representava o poder, a monarquia, e toda uma nação, com seus interesses políticos; o povo e o exército, enfim todos os que estivessem na guerra em nome da nação brasileira. Representava as armas que eram empunhadas e os canhões que citou nos relatos de *A retirada*, e nas formas de defender seu país. Até a pena de Taunay foi usada para preservar a imagem do país, do Governo e do Império, pois ao traçar seus escritos, selecionou as informações, ora contidas, ora generalizáveis, utilizando-se das leituras apologéticas em sua narrativa sabiamente elaborada.

Então pensemos em como o autor de *A retirada* representou o Império e o *povo* brasileiro; e, para tanto, Roger Chartier⁴ apresenta uma leitura sobre representação, da compreensão das representações, escreve sobre as relações sociais como sendo a construção de um mundo social, que é perturbado:

O que leva seguidamente a considerar estas representações como as matrizes de discursos e de praticas diferenciadas, [...] que tem por objectivo a construção do mundo social, e como tal a definição

² NETO, Antonio Garcia de Miranda /et al. **Dicionário de Ciências sociais**. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Benedicto Silva, coordenação geral; Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

³ HOROCHOVSKI, Marisete T. H. **Representações Sociais**: Delineamentos de uma Categoria Analítica. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC- Vol. 2 nº 1 (2), janeiro-junho/2004, p. 92-106. Disponível em: www.emtese.ufsc.br

⁴ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre Práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

contraditória das identidades — tanto a dos outros como a sua (CHARTIER, 2002, p.18).

Uma forma de estabelecer novo questionamento nesses discursos é observarmos, como recomenda Chartier, se essas formações podem ser compreendidas como verdades a serem cumpridas? “Daí uma adequação necessária entre as parrilhas intelectuais e as fronteiras sociais, sendo o que separa o povo e os notáveis, os dominados e os dominadores ou as que fragmentam a escala social” (CHARTIER, 2002, p. 45). O autor também cita os acordos que se fizeram ao longo da história, seja para definir comportamentos seja para criar laços de dependência, e acabaram por resultar em diferentes saberes.

Dessa forma, pode-se pensar uma história cultural do social que tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é ou, como gostariam que fosse (CHARTIER, 2002, p.19).

Dourado assinala que, para melhor compreender o conceito de representação, entende, “como representação, os vestígios, ou simplesmente as pistas, muitas delas historiográficas, que auxiliam na tentativa de compreensão do papel, de quem, em muitos casos, foi marginalizado socialmente” (DOURADO, 2005, p.21)⁵. Exemplos do ‘olhar’ recortado de Taunay que, querendo ele ou não, se utilizou para referir ao excluído, ao portador da diferença, o subalterno.

Escolhemos esses exemplos de definições do termo representação para designar/definir mais especificamente qual o papel desempenhado por Taunay durante esses cinco anos, de guerra. Mostramos como o autor foi o representante do Governo Imperial junto à guerra, exatamente na tentativa de explicar, ao leitor, como as fronteiras foram sendo construídas, ao longo da guerra, nos espaços das contradições. Os conflitos pessoais e coletivos que ocorreram nessas fronteiras, não somente fronteiras espaciais/geográficas, conforme comenta Chartier, mas e, sobretudo às

⁵ DOURADO, M. T. Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis**: a presença feminina na Guerra do Paraguai. Ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2005.

fronteiras geradas pelos conflitos identitários. Muito comuns na época de guerra, esses conflitos permearão essa investigação, pensando em como se deu esse confronto nos espaços de fronteiras, de divisas de território, como do Brasil com o Paraguai.

1.1 OLHARES DIFERENTES PROVOCAM DIFERENTES RESPOSTAS: ABORDANDO A DIFERENÇA

Chegar a uma identidade significa encontrar diferenças, que nada mais são do que uma identidade enraizada em solo próprio, separada de outras identidades. Ao mesmo tempo em que a diferença isola, o receio de ficar só é superado pelo delineamento identitário. Frente ao Outro, os limites se definem e se superam (MENEGAZZO, 2001, p.113).

Na narrativa apresentada por Taunay na obra *A retirada da Laguna*, o inimigo é retratado como o “chacal”, mata sem razão e sem pensar no outro. Nas falas de Taunay percebemos o inimigo como o ser excluído, pelas condições que estão expostos: as condições de guerra, nas quais o inimigo é combatido, repellido e morto.

Ao se fazer a leitura de *A retirada da Laguna*, o sujeito ‘diferente’, que logo se identifica nos textos, é sem dúvida o inimigo. O inimigo vivido pelo paraguaio, aquele que ocupava os espaços vigiados, como nos mostra Skliar (2003): o outro, como uma ação maléfica. O exército também era o inimigo, pois representava a sociedade de controle, que procurava estabelecer a lei e a ordem; num país dominado por um sujeito sem escrúpulos, de acordo com Taunay, que “sem outro motivo que a ambição pessoal”, tomou o vapor Marquês de Olinda [sic]. Há uma preocupação por parte de Taunay de justificar a guerra, pelo próprio contexto do século XIX, na América Latina, a formação dos Estados Nacionais. Por isso a ênfase dada pelo autor na defesa das fronteiras e do território. Nesse contexto, o inimigo era o que atentava contra o território, o que procurava usurpar as terras que pertenciam à nação vizinha. Nesses relatos observamos a marginalização das ações de comando sobre o inimigo, refletindo sobre como uma guerra pode ser entendida como um campo de exclusão, medo e morte, uma leitura de um discurso dominante no qual se ampliam as diferenças. Seria o caso de ampliar aqui a discussão, referindo-nos à inexistência da fronteira, antes de tudo uma construção da linguagem e da história, na construção da diferença? Uma criação que a história produziu ao longo do tempo, rerepresentada pela linguagem, sendo esta responsável pela disposição dos elementos linguísticos formadores dos conceitos/pré-conceitos,

identificados ou não nesta pesquisa. Taunay apresentou-nos nas informações relatadas, ou mesmo no silêncio, as fronteiras imagináveis que se tornaram obsoletas quando observadas na guerra.

Skliar (2003)⁶ mostra que o roteiro da exclusão ocorre quando os sujeitos já não toleram, ou não querem mais tolerar. Sabemos, então, que existia um espaço de exclusão, onde o sujeito excluído era o inimigo e o sujeito excludente, o que se julgava o pacificador, neste caso vivido pelos soldados da Tríplice Aliança. O narrador constrói para si e para os seus uma identidade e, decorrente dessa, nascem às diferenças. Isso é bem citado nos relatos de Taunay (1997): como os sujeitos que estiveram lá, naquele espaço/lugar, para aplicar a paz, corrigir um erro e tentar exterminar o perigo, representado pelo poder de López.

Fica evidente o discurso colonial que aparece nos textos de Taunay: “[...] o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 1998, p.111)⁷. A conquista, conforme cita Bhabha, a desculpa apresenta-se pela afirmação de um discurso hegemônico sobre os ditos ‘degenerados’, como uma forma de justificar as mortes, as agressões, as invasões, as batalhas e todas que foram praticadas contra o inimigo. Nos relatos de Taunay, essa postura é pela repetição e da ênfase que o autor coloca sobre a representação de Solano López. Os atos de guerra são justificados pelo autor pelo discurso de usurpação do território brasileiro a que pretendia o Governo paraguaio.

Susan Sontag argumenta em *Diante da Dor dos Outros*: “[...], pois o outro, mesmo quando não se trata de um inimigo, só é visto como alguém para ser visto, e não como alguém (como nós) que também vê” (SONTAG, 2003, p. 63)⁸.

É importante compreendermos as relações interculturais que apareceram projetadas ao longo do discurso de Taunay e os processos que foram usados na construção da diferença:

Assim se trabalhariam os processos de hibridização em relação à desigualdade entre as culturas, com as possibilidades de apropriar-se de várias simultaneamente em classes e grupos diferentes e, portanto,

⁶ SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (Improvável) da Diferença**. E se o Outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

⁷ BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

⁸ SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

a respeito das assimetrias de poder e do prestígio (CANCLINI, 2008, p.XXVI).

Foi o que nos apresentou Taunay. O poder impetrado por ele em um diálogo em que o ‘diferente’ é o sujeito que nada tem a ver ‘comigo’, pois, essa relação, entre ‘os desiguais’, parece bem colocada aqui como referência, quando situamos o autor naqueles campos conflituosos que a guerra gerou. Partimos do contexto cultural/histórico que o diálogo que ocorreu entre as partes, o homem europeu e o indígena, assim como os membros da colônia que também estiveram envolvidos na guerra, tenha decorrido da “mistura de hábitos, crenças e formas de pensamento europeu com os originários das sociedades americanas” (CANCLINI, 2008, p.XXVIII)⁹.

Dessa forma, surge a pergunta: e quem é então o Outro? Ao que respondemos: “[...] *todos somos de certo modo, outros* ou então *todos somos, de certo modo, diferentes*” (SKLIAR, 2003, p. 102. Grifo do autor). Essa citação de alteridade, que tenta explicar a relação entre os sujeitos da guerra, é sem dúvida uma tentativa de mostrar o ser diferente que aparece nos relatos do autor. Os olhares de Taunay sobre os membros da guerra representam as leituras de uma cultura colonial presente em A retirada. A forma da aparência igualitária, universal, desperta um poder diferenciador que vitimiza ou idolatra, ou mesmo exclui e reporta a diferença de raça, cultura, de saberes, tornando-se discriminatória e excludente. Surgem nos textos de Taunay ações discriminatórias aparentes, ou não tão evidentes, mas presentes na forma de silêncio. No silêncio mora o efeito das identidades produzidas para si e para os outros. Assim, as diferenças nascem da pena de Taunay, ao mesmo tempo em que as identidades.

Tomaz Tadeu da Silva¹⁰, em seu livro *Identidade e Diferença* escreve:

A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas de um mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p.76).

⁹ CANCLINI, G. N. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

¹⁰ SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Desta feita, não somente em relação ao inimigo, mas também, aos índios que acompanharam a comitiva. Taunay (1997) relatou que os índios se apresentaram para a guerra muito prontamente; quando requisitados, apareciam sem questionar e foram de imensa importância nos campos de batalha. Foram eles que fizeram o reconhecimento dos terrenos, sabiam exatamente os lugares onde deveriam conduzir as tropas de soldados brasileiros, pois conheciam os territórios e evitaram várias vezes de serem massacrados pelo inimigo. Mas, os índios eram tidos como cruéis e violentos, na maioria das vezes, e é dessa forma que Taunay escreveu. Destaca-se nas palavras de Bhabha (1998) o reconhecimento de que algumas práticas são formas discriminatórias ao se conhecer populações nativas, e formas autoritárias de poder são consideradas, como uma forma preconceituosa de controle dessas populações. O homem que estabelece essa leitura é o que ocupa um espaço colonial e que, portanto, tem os olhares do homem europeu. Um olhar articulador que não reconhece as diferenças. Aqui é necessário mencionar as diferenças culturais entre o autor e os membros do exército alto escalão do exército; em relação aos índios, diferenças linguísticas, econômicas, de saberes, históricas, sexuais, raciais dentre outras. Diferenças culturais que surgiram, no decorrer desse contato com homens nativos do interior de Mato Grosso, que é um processo de se reconhecer no outro, identificar-se, no confronto com as diversas culturas. Mas, formas autoritárias que aparecem nos relatos impuseram, em determinados momentos, até à força, os saberes aos índios. As diferenças linguísticas marcaram esse confronto. Taunay (1997) afirma com ênfase que, em muitos momentos, os índios entendiam prontamente as ordens dos líderes, mas algumas vezes, não faziam o que lhes era ordenado. Perguntamos: poderia ser porque não compreendiam a língua? Já ao final da guerra, aparecem relatos que os soldados, assim como o autor, já compreendiam perfeitamente o guarani, falado pelos indígenas e também pelos paraguaios. Taunay mostra as diferentes formas de vida desses povos, mesmo nos relatos em que aponta para a hospitalidade com que eram recebidos nas aldeias, ele e os soldados. Taunay conheceu algumas nações indígenas. Entre elas, os Guaná e os Terena, com as quais conviveu por algum tempo de forma pacífica. O lugar de privilégios de Taunay coloca-o num lugar de prestígio e poder, dessa forma, o subalterno foi tratado como aliado, sendo que, de forma pacífica, conseguiu que os índios cumprissem ‘bondosa’ e ‘pacificamente’ as instruções dos comandantes, atuando como serviçais do exército.

Foi o que aconteceu com os relatos de viagens, perpassados pelo poder que emanava dos Estados metropolitanos/colonizadores, à cata de amearhar riquezas, de corpos e de almas, na confusa (para nós, leitores do século XXI) confluência de uma missão mercantilista em sua versão salvífica (SANTOS, 2010, p. 250).

E para nós, sujeitos do século XXI, é um processo ‘doloroso’, conflituoso entender o olhar do homem do século XIX. A Europa como centro do poder rejeitava todo tipo de diferença, tida como objeto de exclusão. Neste momento, cabe citar Skliar quando apresenta-nos a discussão: “Mitologizar o outro. Fixá-lo em um ponto estático de um espaço preestabelecido. Localizá-lo sempre no espaço outro de nós mesmos.” E continua: “Traduzi-lo para nossa língua, para nossa gramática. Despojá-lo de sua língua” (SKLIAR, 2003, p.116). É a tentativa de fazer do outro um ser “insignificável”, apagando sua significação, massacrando-o. Sempre na tentativa de mostrar esse homem rude, que representa o diferente, aquele ‘do mal’, negando-lhe a cultura, costumes e tradições, no caso dos índios, negarem-lhe a língua também. É quando: “O outro funciona como depositário de todos os males, o portador das *falhas* sociais. Esse tipo de pensamento supõe que a pobreza é do pobre, a violência é do violento, a deficiência é do deficiente, etc.” (SKLIAR, 2003, p. 118). O que na verdade percebemos são estranhas formas de explicar o que nos é diferente dos nossos costumes, em inúmeras tentativas de respostas, mas sempre sem ‘olhar’ o outro como sujeito de sua própria história, ou seja, respeitando sua diferença de ‘mim’.

O que torna possível a compreensão do diferente de ‘mim’? Skliar (2003) remete ao pensamento de alguns autores, quando cita que se precisa do louco, do deficiente, do doente, do marginal, do estrangeiro, do selvagem, do indígena, etc., pois precisamos deles como um resguardo de nossa própria identidade. Precisamos da deficiência do deficiente, para que remeta à estranha (e por que não dizer trágica?) sensação de normalidade. Em linguagem metafórica o autor cita o ‘matar’ o outro, o que significaria eliminar o que possa representar o errado, o sujeito ‘do mal’, refere Skliar.

Essa forma de ‘tentar se combater o mal’ renegando o que é diferente de “mim”, pode ser lida nos contextos do discurso de Taunay em *A retirada*, em relação ao indígena. Este era o diferente a tudo o que se sabia de “civilidade”, pela comitiva do exército. O ‘ser’ selvagem deveria ser tratado como tal; o embrutecido era sempre o índio que enfrentava os maiores perigos em nome do exército. Para poupar os soldados, enviavam os índios na frente, nos campos de batalha.

O índio aparece nos relatos como o selvagem, o cativo, o homem primitivo e cruel, pois, o ‘olhar’ do homem europeu, tomava esse olhar como legítimo. O autor escreveu: “[...] quanto lhes foi possível, de conter o legítimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo furor do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares índios, vingativos como soem ser” (TAUNAY, 2004, p.43)¹¹. Perguntamos: esse olhar do autor legitima qualquer forma de exclusão implantada aos ‘selvagens’? Foram-lhe justificados os atos de crueldade e violência, quando pensarmos, o que para Taunay é um ato de selvageria para os índios não seria uma representação de sua cultura?

Qualquer forma de violência, Taunay reservou-a aos paraguaios e aos índios. A negação da violência pelos soldados brasileiros parece-nos uma tácita forma de calar o discurso etnocêntrico. O homem é capaz de ser “gerador de discriminações étnicas e raciais para justificar diferenças e diversidades de populações que passam a ser classificadas como nativas, aborígenes e tribais” (FLORES, 2006, p.6)¹². Entendemos que ao proceder assim o jovem Taunay por alguma razão que tentaremos descobrir ao longo da investigação, negou as identidades culturais dos índios e veremos de que maneira apresentou-nos a exclusão, no texto.

Os aldeamentos, que se iniciaram no período colonial, transformaram o comportamento dos índios, na ótica dos colonizadores: o índio bom era aquele que aceitava calmamente o aldeamento; o índio revoltoso era aquele que lutava para não se deixar prender. Esse, normalmente fugia antes de ser aldeado, era perseguido e morto, pois era considerado violento, pela razão que não se submeteu às ordens do colonizador.

Eleger a etnia como uma das categorias em educação significa entender que o pertencimento étnico, enquanto uma concreção ou singularização do cultural numa especificidade própria tem uma dimensão engendradora das potencialidades específicas de grupos no conjunto do processo histórico (KREUTZ, 1998, p.3).

As imagens triunfalistas que Taunay nos revelou surgem como estereótipos pré-moldados em que as reminiscências da guerra urgiram brotar. Elas estão presentes,

¹¹ TAUNAY, Visconde de **Memórias**. Edição de Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras; 592 páginas, 2004.

¹² FLORES, Elio Chaves. Etnicidade e Ensino de História: a matriz cultural africana. In: **Nós e Eles: etnia, etnicidade, etnocentrismo**. Rio de Janeiro: Tempo. Nº 21. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, 2006.

nos vários formatos linguísticos, nas narrativas apologéticas que derivam de um ‘olhar’ pedante em relação ao homem nativo da terra, o homem primitivo, esculpido pelo olhar do autor, dissonante da sua visão. Nas narrativas apologéticas, do autor, o soldado e os homens do comando da expedição são mencionados em atos heroicos. O soldado era o bom soldado, o herói e complacente até com o inimigo, constituído de bom senso e de força e sensatez, honra e méritos por defender sua *pátria*. Os deméritos eram todos para o inimigo e os índios.

Todas as formas de ‘eliminar’ o outro estão presentes nos relatos de Taunay: nos campos de guerra; nos encontros e desencontros com o outro nos campos de batalha; a repulsa ao outro se sucedendo de maneira completa e sem perspectiva de questionamentos. O inimigo, ser ‘do mal’, haveria de ser eliminado, levado à morte. Um discurso construído sem a preocupação de entender a igualdade ou desigualdade dos seres envolvidos na guerra, mas aplicado a diferença como forma de negar as identidades.

Existe outra forma de negar a diferença, de não se compreender os sujeitos, execrando-os, aplicando os valores e censuras mencionados até aqui. Dizemos isso para os discursos que não são aparentes, quando se calam os discursos. Por que Taunay pouco mencionou a mulher em *A retirada*? É a leitura que fazemos na obra, quando refere à presença da mulher na Guerra contra o Paraguai. Há um silêncio equivocado ou um silêncio que pode conter uma relação de indiferença? Ou um quase esquecimento do autor? Um sinal de que a presença feminina poderia, sem perdas para a história, ser omitida dos relatos de Taunay, por ser uma passagem ironicamente insignificante? A mulher poderia ser considerada um ‘sujeito inferior’?

[...] O colonizador não compreende a crítica do outro, pois acredita que o outro existe graças a sua própria produção e invenção colonial. Assim, poderíamos nos perguntar: o que é que se espera quando se silenciam os discursos e as práticas coloniais? Que vozes podem surgir dessa (aparente nova) relação? Silenciar-se é, então, fazer perdurar indefinidamente o espaço colonial? Silenciar-se é continuar falando? Falando sobre as vozes colonizadas que falam *colonizadamente* sobre o mesmo? (SKLIAR, 2003, p.108).

Percebemos na passagem “a construção do conceito de Europa, do europeu, através da história, sempre encontraremos ali uma oposição àquilo que é, por

consequência, bárbaro, oriental, subdesenvolvido, latino, não-ilustrado, pagão, etc.” (SKLIAR, 2003, p.112).

Em ambas as citações acima, Skliar (2003) refere ao homem colonizador europeu, aqui reforçado por Taunay. Uma narrativa histórico-literária permite-nos observar as diferenças apontadas ao longo do texto, que apresentam o homem latino pagão como subdesenvolvido e rude, bárbaro, inferior na cultura e na religião, dono de costumes “estranhos”. Explicações de um pensador que conserva para si as influências de um discurso hegemônico e cheio de estereótipos – o discurso europeu.

No entanto, Bauman (1996)¹³ conclui que as caras dependem uma da outra para existirem. Por exemplo: a doença depende da saúde, o bárbaro do civilizado e assim por diante - não são dependências simétricas. Porém, em *A retirada*, observamos essa oposição quando o opressor depende do oprimido e vice-versa para estabelecer a ordem (ou desordem?) da guerra. Senão como existiria o conflito, se nos espaços de guerra não existissem os sujeitos do conflito e suas contradições?

E o que dizer dos soldados presentes na Guerra? De que forma Taunay apresentou-nos os soldados e a comitiva de guerra? Os líderes no comando, os comandantes, (ele mesmo que foi o engenheiro de guerra) e os companheiros de batalha?

Para responder a esses questionamentos, cabe uma explicação de Dourado (2005) sobre a discussão acerca das questões da guerra: “Homens no poder escreviam sobre homens transformados em ‘heróis’.” E discorre: “Até que ponto Taunay é uma fonte fidedigna?” (DOURADO, 2005, p.15). O autor que, pelos seus apontamentos, mostrou a imagem de uma guerra com clareza ou mítica? Como Dourado (2005) interroga, até que ponto podemos confiar nestes relatos? Como essa imagem construída sobre o outro, no caso os soldados, que eram sempre definidos como os heróis nos espaços de guerra, pode ser confiada? Que discurso é adequado ao poder imperial, por lhe ser conveniente, permite-nos desconfiar de sua veracidade?

Não podemos citar os soldados, os engenheiros, nem o corpo do exército, segundo as teorias mencionadas, como “diferente”, pois se o diferente é o que “está maleficamente fora de nós mesmos” (SKLIAR, 2003, p. 117), na visão de Taunay, eles não foram apontados com estranheza, nem como sujeitos a serem negados. Podemos,

¹³ BAUMAM, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

porém, justificar esse ‘engrandecimento’ dos ditos ‘heróis’ de guerra, como Taunay (1997) citou durante seus relatos, nunca num sentido mítico negativo. Mas sim, de engrandecimento e enaltecimento aos seus feitos, o que fica mais evidente como heroísmo de uma retirada.

Ao mesmo tempo, o grupo é desafiado pelo tempo e espaço, pelo significar desse Outro, que ambos representam naqueles lugares inóspitos. A diferença surge no próprio corpo, na própria cultura, no discurso hegemônico produzido pelos líderes do comando e nas perspectivas do grupo; nas ideologias que a própria guerra fomenta, na construção de uma história assimétrica e colonial. A diferença é provocada nas relações sociais que não se curvam, mas que se apresentam nos discursos dominantes e na subordinação dos que não ousaram contestá-la, percebê-la ou mesmo desafiá-la.

As armadilhas provocadas pela natureza mato-grossense deixaram implícitos os discursos coletivos da irreduzível diferença dos sujeitos, das imagens, dos deslocamentos que formaram identidades de sobrevivência naqueles campos de batalha.

Taunay nos mostrou a diferença disfarçada, quando utilizou os adjetivos articulando-os para designar a natureza, o inimigo, de forma a considerá-los excludentes. A diferença entre os membros do grupo - da expedição - e para com os soldados percebemos no emprego da formalidade com que tratou e subalternizou os soldados. Essa formalidade quando os enaltece, tratando-os como heróis e responsáveis pelas conquistas do grupo da Tríplice Aliança; e subalternizou-os, quando não os nomeou, tratou-os pelas patentes, sem nomes próprios, sem identidade. Se para Taunay os soldados foram os heróis da guerra, da mesma forma os tornou membros ‘úteis’ à *pátria*, sujeitos que deveriam prestar serviço à nação, pois lhes seria honroso. Para os homens comuns (os soldados), honras e aplausos à parte significaram pouco, aos olhares do autor, embora tenham sido eles que fizeram o enfrentamento nas batalhas, o que foi visto pelo autor como um dever, sem a necessidade de colocar seus nomes, nem sequer apelidos. Aqui nos cabe um parêntese, para citar os membros da mais alta patente como coronel Camisão, coronel Pereira do Lago, comandante Manoel Pedro Drago, coronel José Antônio da Fonseca Galvão, José Tomás Gonçalves, generais e líderes, e o guia José Francisco Lopes, reconhecido por Taunay como um grande soldado. A esses, Taunay rememora e cita, por serem representantes das mais altas patentes? Para perpetuar na memória seus nomes, e não permitir que o tempo esquecesse? Ou por consideração ou por condição: não sabemos ao certo como Taunay ‘recortou’ essas alianças para serem memórias perpetuadas.

O tempo é o espaço como sinônimo de uma diferença introjetada, que os olhos não viram, mas as diferenças estavam lá: Taunay, um homem da cidade, viu-se em meio à natureza rude dos pantanais. O tempo transcorria também de um modo incontável: não era mais o do relógio, era o tempo da natureza, das estações do ano que mudava de forma súbita, inesperada. Isso aparece nos textos de Taunay, quando relatou as inundações que ilhavam o grupo, os incêndios incontáveis que varriam tudo, espaços da diferença sentida pelo homem da cidade: o homem descendente de europeus. Se esse argumento tem lastro na obra de Taunay, é de pensarmos com Canclini (2008) que o projeto de Taunay é de uma sociedade eugênica e hegemônica.

Em toda parte, o sujeito da diferença foi admoestado. Foi calado e omitido. Tornou-se um objeto em que o estranhamento era algo inevitável, mas não aceito. Taunay viveu o momento em que a humanidade excluía o diferente. Percebemos como ele inferiu: padronizou os soldados, quando não os nomeou, tornando-os iguais nas diferenças; e os índios quando não os identificou, tornou-os iguais, por omissão. Encontramos nas *Memórias* passagens em que os índios são identificados, categorizando-os por etnias e territórios aos quais pertenciam; Taunay falou inclusive das mulheres indígenas. Ao que perguntamos: a diferença foi-nos mostrada/apontada por Taunay de forma caricata em *A retirada*? O autor fez isso para encobrir os sujeitos pertencentes a etnias diversas, porque então, nas *Memórias* esses índios são mencionados? Com que propósito Taunay fez esse recorte?

As várias análises que podemos fazer desse discurso da representação do autor oferece-nos um desafio ao tentar compreender, nas leituras, como houve esse introjetar das reminiscências que se apresentaram na narrativa. Que fala, que palavra e que expressão poderia ser mostrada nos relatos? E o que deveria ser riscado, retirado, omitido ou excluído? Com que pretexto Taunay se ‘arranjou’, ao escrever *Memórias* e relatar os fatos omitidos em *A retirada*? Na tentativa de responder essas e outras inquietações, recorreremos ao escritor Homi Bhabha (1998), que estabelece um conceito de representação, referente à linguagem e identificação do sujeito, um reconhecimento pelo qual o indivíduo utiliza de categorias comparativas para delimitar a cultura. A isso chamamos conceito de diferença cultural, o qual acarreta em um processo de afirmação da cultura ou de discriminação.

Esse confronto cultural apresentou-se na narrativa de Taunay como uma forma de representar o poder que era por ele representado. Taunay era Jovem ainda e dotado de um espírito de aventura, características que quiçá atenuaram os impactos por ele

vivididos na guerra. Uma guerra, que desafiou a todos pelo sofrimento das perdas, das dores, dos massacres, do extermínio, de ver jovens homens morrendo na mais cruel batalha da América Latina. Estiveram lá exatamente para fazer os enfrentamentos que se fizessem necessários, em nome da *pátria*. Poucas coisas os detiveram, pois precisavam chegar onde tivesse que chegar a mando do Governo Imperial. Mesmo acometidos por doenças graves disenterias, cólera, que levaram à morte alguns de seus comandantes. E diante de tanta adversidade, a luta tinha de ser mantida. Tinham um objetivo final e teria de ser cumprido.

Quando se realizou, por fim, a retirada da Laguna, exultantes todos comemoraram enquanto o comandante José Tomás Gonçalves proclamava a ordem do dia. É de se conceder que houvesse heroísmo na retirada, pois estavam lutando pela sobrevivência ante a marcialidade do inimigo.

A retirada, soldados, que acabais de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias as mais difíceis. Sem cavalaria contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pela cólera que vos roubou em dois dias o vosso comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias, todos estes males, todos estes desastre vós os suportastes numa inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas de imensas inundações, em tal desorganização da natureza que parecia contra vós conspirar. Soldados, honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras! (TAUNAY, 1997, p.254).

Esta ordem do dia foi redigida pelo próprio Taunay “de um jato, concisa e vibrante”, como ele conta nas *Memórias* (2004). Da forma como Taunay nos mostrou em seus escritos, a comunicação do comandante literato com os soldados acontecia de forma tranquila. Porém, acreditamos que as belas e floreadas palavras, que Taunay mostrou nos relatos, foi obra exclusivamente das palavras escritas e dedicadas àqueles homens mais letrados. Mesmo porque os soldados, que faziam parte do *povo* não entendiam a linguagem formal da época (do homem letrado como Taunay). Para com eles os tenentes e majores dirigiam-se com um tratamento especial e cuidado, aquele que se dá ao povo, com simplicidade, para que seja compreendido por todos.

1.2 DOS RELATOS DE TAUNAY: ABORDAGEM TEÓRICA EM A RETIRADA DA LAGUNA

Pensamos: Taunay justificou a invasão do território vizinho pelo fato de que as terras foram ameaçadas pelo governo López, por pensar em alargar as fronteiras do seu país, movido simplesmente pela ambição pessoal, como comentou Taunay em *A retirada da Laguna* (1997, p.37). E refletimos como se mostrou o homem que habitava essa região. E como transportamos nossa discussão acerca da territorialidade, das fronteiras desses povos excluídos em suas origens e ‘jogados’ em parte alguma, contrariando o pertencimento tão inerente às formações culturais dos povos indígenas. Mas, estes, convencidos pelo não índio, ‘mergulharam’ nos campos de guerra, não empunhando armas, mas carregando-as, vencendo os desatinos da fome, da miséria, da perda da terra. Ao que nos perguntamos: houve também a perda da identidade?

O mesmo olhar estereotipado paradoxal que é dirigido a Mato Grosso pelo viajante estrangeiro, passa ser recebido do brasileiro de outras regiões. Macro e micro espaços se reorganizam a partir de um único ponto que ao mesmo tempo fascina e aterroriza. O espaço exótico e tropical possui um encantamento que supera a realidade (MENEGAZZO, 2001, p. 119)¹⁴.

Entendamos que Taunay pertencia a uma elite, que representava o poder monárquico, mas que escreveu seus relatos com o ‘olhar’ do europeu, nos campos de guerra. O olhar do viajante, do estrangeiro que ressignifica os valores dentro de sua visão de mundo, com os recortes do olhar europeu, mas diante de um mundo estranho a ele e a toda a equipe: o interior do Mato Grosso.

Se a estratégia de hegemonia é, literalmente, insignificável sem a representação metonímica da sua estrutura agonística e ambivalente de articulação, como poderia a vontade coletiva estabilizar e unificar sua interpretação como agência de representação, como representante de um povo? (BHABHA, 1998, p.57).

¹⁴ MENEGAZZO, M. A. Representações literárias de Mato Grosso: o europeu, o latino americano, o brasileiro e o mato-grossense. In: **Literatura Comparada: Interfaces e Transições**. Coordenação Paulo Sérgio Nolasco dos Santos. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001, p.113-122.

Ao que temos de tentar responder: “Mover o enquadramento da identidade do campo de visão para o espaço da escrita põe em questão a terceira dimensão que dá profundidade à representação do Eu e do Outro” (BHABHA, 1998, p.81).

Na citação acima, o autor Bhabha, em *O Local da cultura*, aponta para a discussão de como a representação do Outro adquire uma ambivalência desconstrutora como poder do conhecimento e da identificação do sujeito. A identidade está confrontada na expectativa do Outro e é um modo contraditório de representação do outro presente no discurso colonial.

Quando falamos em identidade; pensamos que as culturas são processos identitários linguísticos; os quais também conflitivos:

A identidade étnico-cultural não é uma realidade muda, ela é fonte de sentido e de construção do real, mesmo onde aparece como marginalizada. [...] Isto significa que a etnia, isto é, o pertencimento étnico em processo, concorre na constituição de sujeitos e de grupos. É um elemento constituinte de práticas sociais, e ao mesmo tempo as práticas sociais vão constituindo a reconfiguração étnica (KREUTZ, 1998, p. 2).

Quanto a reconfiguração étnica citada pelo autor Kreutz, percebemos também no texto de Vargas (2003)¹⁵, referindo-se ao povo Terena:

Aproximando essa discussão identitária para a sociedade Terena, observa-se que ocorre um processo semelhante ao pensamento do senso comum, ou seja, que os índios Terena não seriam (são) mais índios de verdade, porque muitos deles não falam mais a sua língua, suas pautas culturais foram modificadas, alguns estão nas universidades, disputando trabalho com os não índios, deixando suas terras indígenas e morando nas cidades próximas a elas, em busca de melhores condições de vida e de trabalho (VARGAS, 2003, p.35).

E em Taunay (1997), o índio ‘transformado’ pelas influências culturais, étnicas, geográficas, pela perda do seu território após a guerra, originou uma transformação nos grupos indígenas, pois almejaram buscar melhores condições de sobrevivência e subsistência. Como vemos em Vargas (2003), o homem indígena

¹⁵ VARGAS, Vera L. F. **A construção do território Terena (1870-1966):** Uma sociedade entre e imposição e a opção. Dourados: UFMS, 2003.

procurou as cidades, na tentativa de mudar sua condição, estudando e assumindo os conceitos do homem não índio.

A relação aos índios Terena, pode-se dizer que as transformações culturais não foram somente resultados de suas pautas culturais de convívio. As próprias forças sóciopolítica-econômicas da sociedade regional forçaram a isso: a Guerra contra o Paraguai foi fator determinante para o *esparramo* dos índios pelo território sul-mato-grossense. Tiveram suas aldeias destruídas e os antigos territórios que ocupavam tomados pelas fazendas que começaram a se formar na região. O *esparramo* indígena pelas fazendas aconteceu justamente com o fim da referida guerra; esse também foi o período em que os Terena formaram o principal grupo de trabalhadores da região, tornaram-se a mão-de-obra mais procurada pelos fazendeiros, sendo também os responsáveis pelo desenvolvimento econômico daquela região (VARGAS, 2003, p.35).

Na obra *A retirada da Laguna*, não encontramos comentários sobre os índios ao final da guerra. Alguns trechos no final da obra, que foram escritos em outras obras de Taunay, podem ser resgatados como importantes. Em *A retirada*, porém, não encontramos abordagens sobre as configurações étnicas provocadas pela mudança cultural ocorrida na guerra, que os índios foram transformados em agricultores nas fazendas. Parece-nos comum, ao autor, pois citou que os índios eram os que plantavam o milho e, nas *Memórias* (2004), Taunay comentou sobre as lavouras e os cultivos dos Terena, tendo o cuidado de tratá-los como um povo educado e trabalhador.

Percebemos então, nas palavras de Kreutz (1998), que o processo cultural é sempre um processo conflitivo. O autor pondera: “[...] o tema do racismo não é apenas um ‘companheiro de viagem da exploração colonial’, legitimando-a, mas também constitui um paradigma profundamente vinculado com as lutas nacionalistas que acabaram desembocando nas duas Guerras Mundiais” (KREUTZ, 1998, p.10)¹⁶.

Entre a diversidade e a diferença existe um abismo insondável, uma distância política, poética e filosoficamente opressora. O outro da diversidade e o outro da diferença constituem outros dissimilares. A tendência de fazer deles o mesmo retorna todo discurso a seu trágico ponto de partida colonial, ainda que vestido com a melhor roupagem do multiculturalismo – mesmo que seja igualitarista ou diferencialista. Há uma política, uma poética e uma filosofia da diferença. Mas como descrever essas questões em inventar novamente o outro, sem mascarar-lo, sem designá-lo, sem emudecê-lo, sem deixá-lo tenso com

¹⁶ KREUTZ, Lúcio. **Identidade Étnica e Processo Escolar**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS - XXII Encontro Anual Caxambu – MG. 1998.

a fixação do diferente, sem constituí-lo num simples ventríloquo da nossa mesmidade, sem transformá-lo em uma espacialidade exterior da nossa (in) diferença? (SKLIAR, 2002, p.201-2)¹⁷.

Pois o outro que se apresenta diante de ‘nós’, não necessariamente é aquele que ocupa outro lugar no mundo, como percebemos em Taunay (1997), no qual o outro é sempre o diferente de ‘mim’, o sujeito que ‘me perturba’, como foram os índios, quando o autor os chama de selvagens. Ou as mulheres, tratadas como seres inexistentes e os soldados, como seres que ocupavam aquele espaço, não por merecimentos, mas por dever para com a Pátria. Pensemos: se ao tratar o “homem bruto” como tal, o autor pretendeu desestabilizar o homem primitivo/nativo, isso permitiria um espaço maior para ser ocupado pelo colonizador? Na cabeça de Taunay, seria uma forma de ‘criar espaço’ para o homem mais culto, mais inteligente, mais preparado cultural e socialmente, o homem branco europeu, o colonizador? Pensava ele que os ‘direitos humanos’ seriam apenas do povo considerado ‘mais evoluído’, como encontramos no século XIX? Os ‘valores’ de Taunay refletiram-se nos seus textos e apareceram nos seus relatos.

Dessa forma, Skliar (2003) nos provoca questionando de que, quem é, afinal, o outro? E discorre: “... não é uma pergunta cuja resposta possa nos conduzir à confortável e tranquilizadora conclusão de que *todos somos, de certo modo, outros* ou então *todos somos, de certo modo, diferentes*” (SKLIAR, 2003, p.102). Ao que podemos concluir: as diferenças existem, não é questão de hierarquizá-las.

Vemos então, em Taunay, uma hierarquia, em que as diferenças são silenciadas em nome do poder que detinha? Taunay também se deteve diante das etnias indígenas e do que chamamos de popular, suas crenças e seus costumes foram revelados apelo autor nas *Memórias* (2004).

E o termo popular é definido por Hall (2009) como “a manipulação e aviltamento da cultura do povo”, e que “não existe uma ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominações culturais” (HALL, 2009, p.237). Em outra descrição, o autor assinala que: “[...] a cultura popular é todas essas coisas que o ‘povo’ faz ou fez. Aquilo que define

¹⁷ SKLIAR, Carlos. **A educação que se pergunta pelos outros**: e se o outro não estivesse aqui? In: LOPES, Alice Cassimiro; MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Curriculo: debates contemporâneos*, São Paulo: Cortez, 2002. p. 196-215.

seu ‘modo característico de vida’. (Idem, p.240) E problematiza que nem tudo o que um *povo* faz pode ser visto como cultura, pois seria muito comum, muito descritivo, precisa se descobrir o que é um “mero inventário descritivo”, afirma.

Estudando e refletindo sobre os sujeitos na guerra, presentes ou não, percebemos a necessidade de se entender as relações interculturais que apareceram projetadas ao longo do discurso.

Assim se trabalhariam os processos de hibridização em relação à desigualdade entre as culturas, com as possibilidades de apropriar-se de várias simultaneamente em classes e grupos diferentes e, portanto, a respeito das assimetrias de poder e do prestígio (CANCLINI, 2008, p.XXVI).

O que é o diferente? Parte-se do contexto cultural/histórico que o diálogo que ocorreu entre as partes, ‘o homem europeu’ e o indígena, assim como os membros da colônia que também estiveram envolvidos na guerra, tenha decorrido da “mistura de hábitos, crenças e formas de pensamento europeu com os originários das sociedades americanas” (CANCLINI, 2008, p. XXVIII).

Os fenômenos geográficos, econômicos, religiosos, morais e culturais tiveram uma força maior nos campos de guerra, e o sentimento de comunidade amparava os membros da comitiva tornando-os mais unidos num sentimento coletivo.

Esse estudo é uma reflexão acerca das diferenças em Taunay, especificamente na obra *A retirada da Laguna*. Escolhemos por analisar na obra recortes de textos que o autor informou-nos sobre as diferenças que se fizeram notar nos campos de guerra. Mas, Taunay não os mostrou. Apenas apresentou ‘olhares’ colonialistas, de um jovem descendente de europeu, que trazia consigo ‘marcas’ da Europa tradicionalista com seus valores do século XIX, e o autor aplicou-os a todos. Para que questionar um modelo hierarquizador, eurocêntrico e apologético? Taunay convencido de que a forma mais adequada seria omitir certos apontamentos a D. Pedro II, à corte brasileira, às famílias europeias¹⁸, para não produzir conflitos desnecessários, assim o fez em *A retirada*. Permitiu-se assim, fazer com que a sociedade conhecesse sua história tal e qual sentiu e viveu, que foram omitidas em *A retirada*, mas escritas com detalhes, grosso modo, saborosas, nas *Memórias*, e publicadas somente cinquenta anos após sua morte, conforme desejou o autor.

¹⁸Taunay foi neto de franceses que emigraram para o Brasil. Sua família, inclusive sua esposa e filhos, também descendentes de europeus mantiveram a cultura europeia.

O fundamental, no entanto, é que se perceba o étnico como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O étnico constrói-se nas práticas sociais, num processo de relação. Por isso é fundamental entretanto para as relações de poder entre os diferentes grupos sociais e culturais (KREUTZ, 1998, p. 5).

Queremos saber quem foi Taunay: o representante de um *povo*? De uma nação? O legítimo representante do Governo Imperial durante a Guerra contra o Paraguai? O olhar eurocêntrico sobre o sujeito marginalizado socialmente? Como podemos fazer a leitura dessa representação se ao mesmo tempo em que representava um povo, era representado pelos demais em função da e na guerra? Ao questionarmos sobre a posição ocupada por Taunay no campo da representação, perguntamo-nos se ele também era representado pela comitiva, pelos indígenas e até pelo inimigo?

Na leitura da obra tentamos entender o que é esse espaço da diferença que nos move no sentido de buscar significações para nossa pesquisa.

Chegar a uma identidade significa encontrar diferenças, que nada mais são do que uma identidade enraizada em solo próprio, separada de outras identidades. Ao mesmo tempo em que a diferença isola, o receio de ficar só é superado pelo delineamento identitário. Frente ao Outro, os limites se definem e se superam (MENEGAZZO, 2001, p.113).

Não pensamos em criticar a obra *A retirada*, nem poderíamos pela relevância de sua narrativa para a história. Apenas procuramos discutir a maneira como o autor aborda o sujeito, que é o Outro, em seus relatos, e como os apresenta ao leitor. O objetivo é questionar como ultrapassar as fronteiras da literatura propriamente dita e transcender pelas imagens históricas, triunfalistas, que o autor criou, para apresentar conotações do poder, por ele representado. E percebermos como culturalmente Taunay se serviu da diferença entre os sujeitos, para representar o poder monástico que tinha se serviu da autoridade, e para isso, criou os sujeitos da guerra com o olhar eurocêntrico que trouxe consigo.

E imergindo nas questões de identidade pensamos com Kreutz em como

A cultura está vinculada à vida social. Movimentos sociais, conflitos, instituições, espaço social, a linguagem e a visão de mundo dos indivíduos, tudo isto é uma expressão cultural. As culturas, mesmo onde aparecem como marginalizadas e excluídas, não são realidades mudas, mas são fontes de sentido e de construção do real. O ser humano de fato nasce culturalmente situado, o que, no entanto, não é

um destino já que vai re-situando sua atualidade cultural, retomando constantemente o conflito de tradições oculto sob o signo de uma “identidade estabelecida” (KREUTZ, 1998, p.5).

Procuramos entender como Taunay ‘significou’ a diferença. No texto de A retirada, traçou comentários a respeito da equipe que comandava a expedição de guerra. Em dado momento, porém percebemos que o autor deixou claro sua animosidade em relação ao comandante Camisão, um sujeito que, nos parece, a princípio, fora indicado para o cargo de comandante, segundo Taunay, sem ao menos ter condições de ser líder. A liderança não era seu forte. O autor nos mostrou momentos de ansiedade, em que o comandante titubeou em algumas passagens e, ao invadir o Paraguai, fora teimoso. Explicou que o comandante não era ligado a definições rápidas e imediatas, e quando as fez, surpreenderam Taunay.

Percebemos nesta citação:

Nosso comandante leu nesse despacho não o que havia ali, isto é, indicação facultativa, mas uma ordem formal e peremptória para avançar. Foram inúteis as observações que lhe fizeram a propósito do assunto: cego por sua suscetibilidade doentia, não aceitava sequer as objeções menos contestáveis (TAUNAY, 1997, p. 54).

Súbitas decisões que, segundo Taunay (1997) poderiam ter comprometido toda a equipe. Suas decisões foram marcadas por críticas de Taunay. Nesse questionamento julgamos importante também salientar a atitude de Taunay em relação a algumas passagens, quando comparou o exército brasileiro ao exército francês que usou na Argélia alguns tipos de assentos amarrados a cavalos para transportar os doentes.

E sobre o espaço das fronteiras, observamos no relato de Taunay o momento da chegada das tropas na fronteira do Brasil com o Paraguai:

Foi um momento solene, uma emoção a que ninguém escapou, oficiais e soldados. Ver o aspecto da fronteira que demandávamos representou para todos uma surpresa. Ninguém estivera ali antes. Alguns podiam já tê-la visto, mas apenas com os olhos de caçador ou de andarilho, para quem o chão é indiferente. A maioria de nós ouvira falar vagamente da fronteira, mas agora ali estava ela à nossa frente, como ponto de encontro de duas nações armadas, como campo de batalha (TAUNAY, 1997, p. 82).

O espaço da fronteira visivelmente mostrado a nós pelo autor como um espaço geográfico que, da mesma forma, não deixou de instaurar no grupo certa emoção, pois

os destinos daqueles homens estavam interligados, pela história. Essas ideias generalizáveis tomaram forma e hoje, nós homens do século XXI, questionamos: o que é generalizável torna-se comum ao homem de forma a impetrar a violência e os costumes, todos como sendo uma verdade absoluta? Em uma guerra, as ordens, os mandos são sempre generalizáveis e, portanto não são questionados, pois não cabia naquele espaço/tempo regular as informações? Todos os mandos foram absolutos, cumpridos, suprimindo dos sujeitos seus direitos? O aceitável não se questionou, apenas foi cumprido nas defesas dos interesses políticos.

E é necessário que

[...] enveredamos, inicialmente, pelo papel de textos como o de Taunay na divulgação para o mundo da barbárie e da violência das guerras. Por outro lado [...] não podemos deixar de questionar o quanto o generalizável é, a um só tempo, necessário na compreensão das coisas do mundo, estabelecendo as fronteiras entre o aceitável e o não aceitável, entre a barbárie e a solidariedade, entre o humano e o que já não parece humano, mas também o quanto o mesmo generalizável, quando transformado em senso comum, banaliza o jogo compreensivo, para torná-lo verdade unilateral e inconteste na defesa de interesses de grupos políticos, econômicos e culturais (SANTOS, 2010, p. 248)¹⁹.

Esses espaços de fronteiras ainda podemos entender como espaços de territorialidade, mas as questões não são tão simplistas: falar em fronteiras não é questão meramente espacial. Trata-se de um espaço de ocupação em que os sujeitos estão à mercê de suas trocas identitárias, benevolentes ou não; são espaços multiculturais e de trocas, espaços em que se alargam as relações.

Assim, *A retirada da Laguna* move-se pelo espaço das relações externas do Brasil com seus vizinhos geográficos – no caso de *A retirada*, o Paraguai – mas sobretudo como o Estado brasileiro inseria-se ou pretendia firmar-se em meio ao cenário do século XIX, marcado, *grosso modo*, por uma ideia, por um projeto de modernidade, de cultura e por uma proposta econômica – o liberalismo. Avança-se, portanto, para além dos limites espaciais, intentando-se marcar um lugar para o Brasil que suplantasse a lógica do local, alocando-o em uma proposição de pertencimento a uma tradição maior, qual seja, a européia, inclusive do ponto de vista beligerante, com a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai (SANTOS, 2010, p. 249).

¹⁹ SANTOS, R.C.Z. **De memórias, de fronteiras, de viagens e de violência em A retirada da Laguna**. In: ESTEVES, A. R., Zanoto, S.A., (orgs.). *Literaturas de viagem, viagens na literatura*, Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2010. p.247-258.

Que fazer com esses espaços que se interligam e criam rupturas, os espaços das diferenças que são aplicados em nosso meio sem que muitas vezes percebamos? Espaços em que as fronteiras são sinônimos de limites, de imbricações de espaços deslizantes em que configuram as relações dos sujeitos na formação de suas identidades. Os espaços marginais (dos sujeitos que vem da margem), também são significativos, na formação das diferenças. Muitas vezes, são espaços de exclusões, donde os sujeitos observam e analisam com os olhares subalternizadores, o olhar de Taunay.

Os olhares atravessados de Taunay podem ser definidos como Kreutz propõe:

No monólogo cultural predominante, a diferenciação foi um estigma a ser superado pelo caminho da uniformização, na perspectiva de uma superioridade protetora, não se percebendo a “comiseração paternalista” como uma forma de discriminação (KREUTZ, 1998, p. 7).

“Na mesma prática de insensibilidade com as diferenças, situa-se a relação do colonizador cristão em relação aos povos indígenas” (KREUTZ, 1998, p. 8). E complementa: “O artifício de domínio do europeu, cristão-colonizador, era o de tornar os povos com culturas diferentes mais iguais a ele para colocá-los melhor a seu serviço” (Idem, p.8).

No contato do colonizador, aparece nitidamente a compreensão do processo identitário como algo monolítico e homogêneo, algo acabado, suscetível de ser transmitido. E esta concepção a-histórica, metafísica, levou-o a uma incapacidade total de diálogo com as culturas diferentes da sua. Entre os missionários, também era consensual que o modo de ser indígena não se ajustava aos padrões da sociedade lusa e hispano-colonial. A função da redução e da escola deveria ser a de transformar o modo-de-ser indígena, ajustando-o aos princípios euro-cristãos (KREUTZ, 1998, p. 8).

Parece-nos que para Taunay o olhar atravessado era um modo de ver o outro, legitimado pela diferença e pela ‘arrogância’ do olhar do colonizador. Pensemos como, mesmo em meio a tanta adversidade, o autor não se deixou influenciar pelos modos e crenças, costumes e gostos de outros povos? Mesmo que seu olhar tenha sido permeado pelos costumes e influências europeias, não teria sido Taunay um sujeito exposto às imbricações identitárias, pelo convívio de tantos anos junto aos combatentes, às transformações decorrentes da guerra, portanto também um sujeito em transformação? Foi Taunay também um outro, sujeito de si mesmo, que ao término da guerra percebeu-

se ‘capturado’ pelos modos dos índios, pela natureza do interior dos pantanais, ou tão somente pelo olhar frágil e doce da bela índia Guaná Antonia, por quem disse nas *Memórias* (2004) ter sido apaixonado? Estas reflexões de fato nos remetem a pensar como Taunay também foi um sujeito ajustado e imbricado culturalmente, podendo nem ter se dado conta disso, no final de tudo.

1.3 A CRIAÇÃO DA DIFERENÇA EM TAUNAY E A EDUCAÇÃO: INTERLIGANDO CONCEITOS, ALMEJANDO RESPOSTAS

Convém lembrar – apesar das diferentes ramificações ideológicas – a profunda e vigorosa discussão havida no final do Império a propósito dos assuntos educacionais. Abrangia uma tomada de posição diante das precárias condições do sistema escolar então existente, nos seus vários graus e ramos, avançado-se na formulação de uma política nacional de educação (FAUSTO, 2001, p. 261)²⁰.

Nas leituras dos textos de Taunay, percebemos que o autor relacionou-se com os demais membros da equipe e, nos seus apontamentos, registrou como as negociações foram criadas nas relações entre o grupo. Dessa ligação, sabemos, há as relações de poder, que estão inseridas, até mesmo nos relatos do autor à Corte, ou tão somente nas representações que ele assume no decorrer dos relatos. O contato do Eu e do Outro é representação que ocorre nas relações estabelecidas e em contato com os membros da equipe, são também as relações de poder. Esse poder pode ser entendido pela representação da elite oriunda do Governo Imperial; afinal Taunay era representante da monarquia na guerra. Ele representa e é representado pelo outro. Não são somente as relações sociais que estão sendo discutidas, também o contato com a natureza que lhe apareceu exuberante e voluntariosa.

Podemos considerar que as representações são várias formas de discursos e de práticas diferenciadas. As representações coletivas comandam atos e por isso são consideradas elevadas, quando “tem por objectivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades — tanto a dos outros como a sua” (CHARTIER, 2002, p.18).

²⁰ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9ª Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2001.

Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro. Não é devido a alguma panacéia humanista que, acima das culturas individuais, todos pertencemos à cultura da humanidade; tampouco é devido a um relativismo ético que sugere que, em nossa capacidade cultural de falar sobre os outros e de julgá-los, nós necessariamente “nos colocamos na posição deles”, em um tipo de relativismo da distância (BHABHA, 1998, p.65).

Durante os anos que durou a guerra, o autor reforçou os trabalhos dos camaradas, retratando-os sempre como seres corajosos e de qualidade no combates em terras inóspitas e nos sertões com a imensa dificuldades das intempéries. Além dos combatentes valorosos, como citou Taunay ao longo de seus relatos os índios, valorosos pela presença de espírito ao longo das caminhadas. Idealizados, preparados para figurar como coadjuvantes nos livros de história, relegados a um passado mítico, o tempo dos heróis. Não fosse o conhecimento dos territórios por onde passou a expedição, dificilmente as tropas brasileiras teriam chegado ao inimigo ou sobrevivido aos ataques e às doenças.

O autor de *A retirada da Laguna* não poupou elogios às tropas e as comitivas, pois foram os que promoveram a defesa do território brasileiro, segundo ele. Aqui seria Taunay representando um grupo? Os camaradas, como foram citados, ou peões de fazendas, eram os que campeavam, e figuram no texto como seres de qualidade pelos serviços prestados. É a galhardia dos bravos soldados relatada por Taunay?

Os oficiais foram destacados pelo autor pela valente cooperação nos campos de guerra, pelas tomadas de decisão quando a coragem se fez necessária; lá estavam eles em frente a tudo e a todos, com imensa coragem e sem hesitar, como foi o episódio do abandono dos coléricos em que citou: “Foi um drama emocionante, em que o Coronel Camisão sentia necessidade de tomar uma atitude, mas não tinha coragem de fazê-lo. Só o fez depois de várias reuniões com o conselho de oficiais” (GOMES, 1990, p.39)²¹. Mais uma ênfase, do texto do autor, em que cabe a leitura sobre sua posição diante do Outro.

É o que observamos em Taunay. A presença do Outro sempre a ‘desconfiar’. O sujeito diferente, o excluído, o bárbaro, o inculto, o violento, o marginalizado (o

²¹ GOMES, Otávio Gonçalves. **Mato Grosso do Sul na obra do Visconde de Taunay**. Brasília: Centro gráfico do Senado Federal, 1990.

inimigo Taunay nos apresentou como o bárbaro, mas no final do livro apresentou uma passagem em que citou o inimigo como um sujeito marginalizado), um olhar com muitas implicações. O poder esteve presente, na sociedade da época e nos costumes. Na guerra, revestiu-se Taunay da ‘armadura’ que lhe coube para encenar o palco da desigualdade. E a diferença apresentou-se nas formas mais potencializadas como confrontamos nos relatos do autor.

Fizemos esse ‘recorte’ na abordagem do sujeito criador da diferença para mostrar como essa diferença também pode ser ‘sentida/observada’ na vida escolar do indivíduo, para comentarmos como se constroem as relações sociais, e que dentro da escola elas produzem significados. São sempre produtos de representações e estão articuladas com relações de poder, complementa Backes (2005)²².

Esta é uma tentativa de estudarmos dentro da história da Educação, como autores escreveram sobre esse sujeito da diferença na escola. Como essas interrogações surgem a partir dessas leituras, e nos provocaram a pensar nos limites que o indivíduo perpassa nas questões escolares, seja visto dentro do estabelecimento, ou fora dele, nas suas relações sociais que são perpassadas pelas construções de identidade.

Dentro do ambiente escolar, a comunicação também está intrinsecamente acoplada. Os processos educacionais são fortemente engessados pelo poder e construídos sob o caráter homogeneizador da diferença. E temos que perceber que projetos que hegemonizam a diferença devem ser pensados em termos de seus efeitos como sugeriram Kreutz (1998), Tomaz Tadeu da Silva (1995), Stuart Hall (2009), Homi Bhabha (1998), Candau (2006) dentre outros autores. São inquietações e transformações culturais produzidas a partir e como efeitos das interligações dos sujeitos. Esses movimentos culturais produzem transformações e os indivíduos que estão a mercê dessas transformações são os mesmos sujeitos que provocam e são vitimizados pela diferença.

E pergunta Candau (2006)²³: “Por que se fala e se discute tão acaloradamente hoje sobre as relações entre educação e cultura/s? Que especificidade essa problemática tem no nosso mundo?” (Idem, p.39). É uma discussão que precisamos levantar e

²² BACKES, José Licínio. **Cultura, representação, linguagem e poder**. In: A negociação das identidades/diferenças no espaço escolar. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

²³ CANDAU, Vera Maria. **O/A educador/a como agente cultural**. In: Cultura e política do currículo. Alice Ribeiro Casimiro Lopes, Elizabeth Fernandes de Macedo e Maria Palmira Carlos Alves (org.). Araraquara, SP: Junqueira & Martin, 2006.

problematizar, pelo caráter “homogeneizador e monocultural da educação” que não dá conta de responder às necessidades de políticas sociais que a escola necessita. “Hoje esta consciência do caráter monocultural da escola é cada vez mais forte, assim como a da necessidade de romper com ela e construir práticas educativas em que a questão da diferença se faça cada vez mais presente” (CANDAUI, 2006, p.40).

A escola deve ser um espaço em que as diversas culturas se entrecruzam e se movimentam, num ambiente social em que as identidades se conferem, se distinguem e se reconhecem cada identidade com sua autonomia, porém, todas “sofrendo” influências e modificando-se nesses espaços multiculturais.

“A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença” (2006). Calar ou abafar essa diferença torna-se mais fácil de lidar no ambiente escolar.

Uma outra contribuição que consideramos muito interessante para uma nova compreensão das relações entre educação e cultura/s diz respeito a uma concepção diferente da escola como um espaço de cruzamento de culturas, fluído e complexo, atravessado por tensões e conflitos (CANDAUI, 2006, p.40).

Nenhum espaço é neutro do ponto de vista cultural. Sempre será um espaço de negociações, no qual predomina o poder e abjeta a exclusão. Novas práticas educativas estão sendo propostas por pesquisadores pensando em tecer um novo ‘olhar’ sobre o foco da educação e da cultura, no âmbito da diferença e propondo novas negociações. Mas, algumas formas de comunicação parecem ainda introjetadas bem profundamente, e percebemos que a implicação na mudança de pensar e de estilo, na área da educação, ainda está ‘cega’. Terá de se investir em novos saberes e novos olhares significativos e não mais os olhares atravessados que permearam a escola durante décadas.

Entendamos também que:

Quando os estudantes de Escola Particular, hoje social e culturalmente entendida como sendo de melhor qualidade, dizem que quem estuda na escola pública pertence à “baixa cultura”, dizem o que dizem produzindo determinados efeitos porque, foram/são produzidos por diferentes discursos que se inscreveram/inscrevem em seus corpos (BACKES, 2005, p. 4).

“As identidades e diferenças convivem nos mesmos espaços e tempos, e não há a possibilidade de levantar fronteiras rígidas e sólidas”, conclui Backes (2005). Essas fronteiras são espaços que tem de ser administrados pelos sujeitos e que criam novos espaços e lugares. Todos somos sujeitos de compreender a significação de que cultura

não é um objeto pronto transmitido de um para outro. Ela está sujeita às imbricações e às trocas, às inovações produzidas e forjadas ao longo da construção identitária.

Quanto à expressão ‘o outro como alguém a tolerar’, propõe a existência da diferença, mas, apresenta-se aí um paradoxo, já que aceitar o diferente como princípio também se deveria aceitar os grupos com comportamentos antissociais ou opressivos, comenta Candau (2006). Questões de discriminação e preconceito, no âmbito da escola, podem gerar diversas formas de violência, de negação ou exclusão. Essas tensões são provocadas quando a desigualdade impera e os sujeitos não são capazes de fazer o enfrentamento da diferença, muitas vezes eliminam o conflito para padronizar os sujeitos num processo tal que disfarça e esconde a diferença.

Candau (2006) propõe que os educadores adotem uma postura reinventada para que com isso possam contribuir para a formação de novas identidades, construídas a partir de um caráter histórico e cultural primando pelas necessidades e diferenças que o sujeito apresenta, mesmo no espaço escolar.

A função da escola começa a cobrar sentido na medida em que seja capaz de preparar o aluno [...]. Nesta perspectiva, a escola pode ser concebida como o espaço de encontro entre as diferentes formas de ser, de pensar e de sentir, de valorizar e de viver, construídas em um marco de tempo e de espaço que dão pertinência e identidade a indivíduos e grupos sociais. Deseja-se despertar os alunos e a sociedade toda para a perspectiva intercultural, para uma sociedade aberta, marcada pela diferença cultural (KREUTZ, 1998, p. 16-17).

Taunay confirmou em seus relatos, principalmente na obra *A retirada* (1997), como a existência dessa mistura de crenças, valores que formam as culturas, a hibridização e a interculturalidade acabam por promover o surgimento de uma terceira cultura, a cultura das margens como cita Marli Fantini²⁴, em seu texto, que são culturas que não se quebram, mas que se complementam ao longo do tempo, não se perdem, mas se transformam (2004, p. 166).

Desse modo, entendemos como Backes (2005), escreve: “Entender que os significados culturais regulam normativamente a vida do sujeito requer a compreensão de como as normas operam” (Idem, p.4). São representações como as de Taunay, que são utilizadas nas salas de aula para reforçar os efeitos desejados de naturalização do

²⁴ FANTINI, Marli. Águas Turvas, identidades, quebradas-hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas. In: **Margens da Cultura: Mestiçagem, Hibridismo & outras misturas**. Benjamin Adala Junior (org), São Paulo: Boitempo, 2004, p. 159 a 180.

Estado nacional, do poder e do jogo de interesses sempre evidentes quando se naturaliza a diferença.

“O estudante, no espaço escolar, está dentro de um conjunto de normas que ele compartilha com os demais” (BACKES, 2005, p. 4). E compreendermos que a cultura não é um conjunto de produtos acabados, que podem ser transmitidos de um/uns para outro/outros, “ao contrário, a cultura é um trabalho de produção, invenção, criação, construção” e conclui: “A cultura é prática de significação, é prática produtiva, é uma relação social, é uma relação política (de poder), é produtora de identidades e diferenças” (Idem, p. 4). A escola e seus conteúdos são instituições produtoras de significado e exclusão.

Entendo, com Scott (1990), que tanto o gênero quanto o étnico perpassam os símbolos de uma sociedade, suas normas, sua educação, sua organização social. Isto significa que a educação é etnicizada, ‘atravessada’ pela etnia. O étnico é elemento de diferenciação social, influi na percepção e na organização da vida social. Ele não se dá no abstrato. Manifesta-se nos símbolos, nas representações e nas valorações de grupos. O étnico concorre para que a concreção histórica se efetive de uma forma específica (KREUTZ, 1998, p. 2).

Kreutz ainda refere que a educação perpassa pela questão etnia, e que, a organização da vida social do sujeito acaba contribuindo de forma constitutiva para a formação histórica dos grupos, nos quais o sujeito está inserido.

Assim, ao se promover a escolarização, na modernidade, sob o movimento de formação dos Estados Nacionais, esta mesma escolarização tem se tornado fortemente um fator de imposição da língua nacional e do desaparecimento de falas locais e de dialetos (KREUTZ, 1998, p. 4).

Essa operação foi executada nos campos de guerra, durante a retirada da Laguna e escrita nos relatos de Taunay, demonstrando-nos como os dialetos e línguas locais desapareceram em detrimento das imposições de uma língua nacional, imposta e submetida.

A escola trás consigo especificidades que cada qual contém ao mesmo tempo em que tenta reduzi-las. A cultura escolar é o que a mesma trás/tem e que deve prezar para passar para o aluno. Mas, as políticas nas sociedades são marcadas por desigualdades e exclusões, dos grupos mais excluídos, como mulheres, índios, afrodescendentes. É, portanto, imprescindível o trabalho de conscientização dos sujeitos envolvidos na escola, pois, “não há educação que não esteja imersa na cultura da

humanidade e particularmente, do momento histórico e do contexto em que se situa” (CANDAU, 2006, p.39).

“O projeto educacional foi articulado, na modernidade, com este modo de compreender a sociedade. Ele é, a exemplo da literatura, o resultado de um longo e contínuo processo de uma forma de expressão nacional”, complementa Kreutz (1998, p. 13), que esse processo apontou a hierarquia como supremacia e o nacional, excluído.

A escola, tal como foi implementada na formação dos Estados Nacionais, faz parte e foi um dos ‘instrumentos privilegiados’ que levaram à interiorização da idéia de que estes conhecimentos tratados numa perspectiva generalizante são superiores aos saberes particulares e locais (KREUTZ, 1998, p. 13).

E o autor ainda afirma que a escola é levada a popularizar a escrita, pois as línguas orais são consideradas fracas em detrimento à escrita, um desvio de norma. Assim são responsáveis por impor um único tipo de escrita, apresentada como o saber, ao invés de uma fotografia do saber. A obra de Taunay faz um processo semelhante em relação aos povos indígenas no século XIX, e do presente, do século XXI.

Todo um conjunto de pesquisas apontam, como vimos, que a função da escola tem sido predominantemente a afirmação de **uma** etnia, de **uma** perspectiva cultural, em detrimento das demais. Se foi uma prática histórica, não é, no entanto, um destino. Numa nova compreensão da dinâmica social, em que se entende que a sociedade é culturalmente múltipla, em que ocorrem interações e contradições, é possível refazer-se a referência de compreensão, propiciar espaço para a impregnação recíproca de grupos diferenciados no processo escolar (KREUTZ, 1998, p. 16-17).

Candau (2006) também critica o daltonismo cultural presente nas escolas, o daltonismo escolar dos professores, do pensamento e comportamento padrão, quando se tende a naturalizar a diferença e não a questiona, nem a trata como um desafio para a educação. Aqui podemos pensar em associar esse comentário aos usos possíveis da obra de Taunay, *A retirada da Laguna* (1997), e considerar alguma leitura para que seja contextualizada. Dentre algumas formas podemos pensar em considerar o olhar da diferença, do autor, e o olhar do estrangeiro a cultura local, a percepção do colonizador e as influências culturais que surgiram percebidas em seus relatos.

Candau (2006) aborda:

Para ensinar é necessário ter certezas e uma maneira de apropriação dos conhecimentos disponíveis na sociedade que nos permitam fazer

afirmações absolutas e universais, que nos dêem segurança e também favoreçam a aquisição por parte dos alunos e alunas de referenciais seguros, balizas firmes, onde as fronteiras entre as verdades e os erros possam ser claramente estabelecidas (CANDAUI, 2006, p.47-8).

Ao universalizar a educação nos prendemos a conceitos já estabelecidos, relativizando os modos de serem, as culturas, as diferentes visões de mundo, os conhecimentos adquiridos, as formações históricas e sociais dos alunos. Evitar esse procedimento possibilita-nos de praticar “uma dinâmica fundamental para que sejamos capazes de desenvolver currículos coerentes com o multiculturalidade. Nessa perspectiva, trabalhar o *cruzamento de culturas* presentes na escola constitui também uma exigência que lhe está intimamente associada”, afirma Candau (2006, p. 48).

As multiculturas podem ser entendidas e compreendidas, quando possamos perceber que as diferentes experiências promovem diferentes resultados, imbricados pelos recursos que os sujeitos utilizam na sua caminhada. Sendo assim aproveitemos as contribuições de Candau:

Conceber o/a educador/a como uma agente cultural ainda constitui uma perspectiva somente anunciada em alguns cursos de formação inicial e/ou continuada de educadores/as. No entanto, essa concepção é fundamental se queremos contribuir para que a escola seja reinventada e se afirme como um lócus privilegiado de formação de novas identidades e mentalidades capazes de construir respostas, sempre com caráter histórico e provisório, para as grandes questões que enfrentamos hoje, tanto no plano local, quanto nacional e internacional (CANDAUI, 2006, p. 50).

Gomes (2001)²⁵ atenta para o novo olhar sobre a escola e a forma como os processos socioculturais constroem ressignificados no processo da escola. O diálogo entre Educação e Cultura abre uma necessidade de se compreender e reconhecer como a sociedade e a escola estão interligadas pelo próprio espaço de diversidade que apresenta. Mas, quando o professor diz: em sala de aula todos os alunos são iguais, é o atropelo da diferença, é a presença da igualdade formal, na qual esquece de que os alunos não são iguais, pois têm suas necessidades diferentes e particulares. Suprimir a diferença em uma obra literária e abordá-la desse modo na escola constitui um processo intencional de imposição de identidades favoráveis ao modelo de estado monocultural.

²⁵ GOMES, N.L. **Escola e Diversidade Étnico-Cultural**: um diálogo possível. In: Múltiplos Olhares sobre educação e cultura. Juarez Dayrell (org.), Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 85-91.

A diferença é vista como sinal de deficiência, de incapacidade, e por isso a reflexão aponta para a urgente necessidade de perceber que os sujeitos são formados pelos seus processos sociais, e sua interação como essas relações representam o conhecimento que eles têm do mundo, contribui Gomes (2001).

O processo educacional e escolar foi acionado em função desta perspectiva de laicidade e de universalização. Independentemente de origem social e cultural, de experiências vivenciadas, o aluno era simplesmente **aluno**, e a escola era simplesmente **escola**. Os reflexos de se conceber o processo educacional foram marcantes no sentido de retratar muito pouco a diversidade e a complexidade. O discurso nacionalista é um exemplo disto, pois ao fundir o significado de nação com o de pátria, forçou uma homogeneização a partir de certos núcleos de adesão, realizando um movimento complementar de integração e exclusão ao descrever grupos, ao impor espaços, ao conferir a palavra ou negá-la (KREUTZ, 1998, p. 9. Grifo do autor).

Para ensinar, é necessário ter certezas e uma maneira de apropriação dos conhecimentos disponíveis na sociedade que nos permitam fazer afirmações absolutas e universais, que nos deem segurança. Além disso, é necessário também, que favoreçam a aquisição por parte dos alunos de referenciais seguros, balizas firmes, onde as fronteiras entre as verdades e os erros possam ser claramente estabelecidos, completa Candau (2006).

A cultura tem um papel importante na vida dos sujeitos. Isso dá uma dimensão de conhecimento que os educadores não podem negar, em sala de aula. Há, portanto, a necessidade de uma discussão no meio acadêmico educacional, para se reelaborar um olhar mais aguçado e um posicionamento da escola ante as questões que afetam a cidadania e acarretam preconceitos. Questões étnico-raciais, de sexualidade, de gênero, racismo estão entre as que devem ser revistas e discutidas para se evitar atitudes discriminatórias dentro da escola, cita Gomes (2001).

Brand (2005)²⁶ discorre que houve avanços significativos na educação básica, na temática indígena, mas há poucos avanços em relação à aceitação por parte dos órgãos públicos sobre a escola diferenciada. Uma discussão que deve transpassar as barreiras do discurso, e o respeito à diferença garantida nos termos da lei, mas que ainda prevalece o discurso hegemônico e colonial. Mesmo escolas com professores indígenas

²⁶ BRAND, Antonio. **Indígenas no Ensino superior**: experiências e desafios. Apresentado no 15º COLE – 04 a 08 de julho de 2005.

seguem em muitos casos, ensinando lições longe da realidade vivida pelos alunos indígenas. O autor comenta que na Constituição de 1988, encontram-se frisados dois aspectos importantes para esses povos: a autonomia, no qual engloba o reconhecimento das terras, o respeito à organização social, dentre outros dispositivos, e o conceito de diferenciado que é uma proposta de ensino inovador, com respeito à liberdade e ao direito que cada povo pretende; cada conceito desses deve ser discutido frente às lutas de cada povo. Uma política indigenista autoritária que prevaleceu como modelo escolar durante décadas, deixou uma seqüela histórica, embora a Constituição garanta o fortalecimento dessas culturas, há de se pensar numa forma de ‘quebrar as barreiras’, de romper com a burocracia que impedem a prática dessas ações de autonomia para os povos indígenas, comenta Brand (2005).

Ainda há outra questão: os professores alegam pouco preparo para abordar questões que tratam de preconceito e diferenças culturais. Acreditamos que isso esteja relacionado à origem desses professores, sendo eles também formados num modelo monocultural, segundo um projeto de Estado hegemônico assentado em argumentos racistas.

Desta forma a inclusão das discussões promovidas pela sociedade civil torna-se imprescindível para uma reflexão mais profunda, de maneira mais cuidadosa sobre as identidades dos sujeitos nas relações sociais juntamente com a escola.

Novos espaços devem ser reavaliados para poder com isso contribuir para que a pesquisa possibilite instrumentos na produção do conhecimento, privilegiando os povos indígenas na construção de melhor qualidade de vida aos seus descendentes. O desafio é a sustentabilidade das populações envolvidas, sempre voltados ao desenvolvimento, sem, contudo se perder o conhecimento e as novas tecnologias, usadas de forma responsável, para criar melhores condições de sustentabilidade e autonomia para as populações indígenas no Brasil, num conhecimento engajado e multicultural da sociedade brasileira, conclui Brand (2005).

“E as consequências desta forma de ler a diversidade cultural foram marcantes no campo educacional” (KREUTZ, 1998, p. 11).

É de fundamental importância a abordagem da questão étnico/cultural/racial, ressaltando a necessidade da desconstrução social do preconceito e da discriminação racial que são impostos à população indígena. Deve-se suscitar reflexões sobre as representações sociais negativas colocadas a essas populações por meio de estigmas e estereótipos. Levantar o questionamento da educação étnico-racial no espaço escolar. E

concordamos que ressaltar que as leituras clássicas como a de Taunay são ótimas oportunidades para trabalhar a temática em sala de aula em história e literatura.

Giroux (1995)²⁷ afirma que existe uma pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido. Neste caso a pedagogia crítica pode ser compreendida como um esforço ao qual produzirá identidades e suas práticas ideológicas e sociais.

É preciso compreender a cultura como um movimento de diversificação de leituras divergentes de textos, não somente voltados para a ideologia, mas como vistas à uma nova escola. A discussão irá se formar acerca de duas questões: a pedagogia crítica da representação, enfatizando a noção de autoridade textual pelo professor, que ‘poda’ o senso crítico do aluno combatendo a interpretação; e a pedagogia transformativa. Torna-se necessária uma pedagogia crítica de representação para desvelar a discursividade do conhecimento, que molda a existência social, bem como as economias de poder privilegiam arranjos sociais desiguais, afirma Giroux (1995).

Desta forma, Giroux (1995) amplia a discussão comentando que a pedagogia crítica da representação deve trazer estratégias para compreender o poder, as ideologias, a cultura e a política presentes na produção textual. A representação deve ser entendida como uma interpretação ética, que dê fundamento à relação do Eu e o Outro em práticas que promovam a solidariedade e não a opressão. Na pedagogia transformativa, pode-se criar uma política contra hegemônica que crie oportunidades para questionar o poder, as formas sociais e coletivas, numa reflexão crítica e repensar suas habilidades para promover uma transformação social.

A pedagogia como forma de produção cultural: os alunos devem cruzar fronteiras, as experiências em sala de aula fortalecidas para desenvolver habilidades e experiências emancipatórias e não alienantes. A escola e outras esferas devem ter um projeto em comum nas lutas políticas e pedagógicas, no contexto social e político mais amplo. “Neste sentido, inicia uma melhor compreensão sobre a relação entre cultura, conhecimento e poder. [...] Necessita ressignificar e reelaborar as narrativas eurocêntricas, o conhecimento disciplinar, a alta cultura e o cientificismo” (KREUTZ, 1998, p.18).

²⁷ GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995 p. 85-103.

Kreutz (1998) comenta que: “A escola pode ajudar os alunos a examinarem criticamente sua própria localização histórica em meio a relações de poder, privilégio ou subordinação”.

Giroux exemplifica esta perspectiva no sentido de, em vez de se organizar o processo escolar em torno de preocupações estritamente disciplinares, que se organizassem cursos que “alargassem a compreensão que os/as estudantes possam ter de si mesmos/as e das outras pessoas, ao examinar eventos que enfoquem um senso de responsabilidade social e moral (KREUTZ, 1998, p.18).

Percebemos uma maneira estreita e limitada de se ver as culturas. A escola, quando limita a visão do sujeito, se porta como o colonizador, impondo condições de aprendizagem e tornando-o socialmente dependente dos ensinamentos do mesmo. Contrário a isso, vemos Kreutz, que nos mostra a urgente necessidade de uma educação com responsabilidade social e moral, na qual o sujeito seja capaz de organizar seus aprendizados e focar no seu crescimento intelectual. Mas, percebemos, na obra de Taunay, impressos nos relatos, as condições ‘cegas’ do colonizador, com a clara intenção que os leitores acreditassem somente naquilo que estava escrito, ou seja, uma ‘verdade’ histórica silenciada para que se negasse o que, na visão de Taunay, havia necessidade de omitir. Como questionamos em nossa pesquisa, porque Taunay faria esse recorte na verdade histórica? A quem interessava proteger?

2 CONTEXTO HISTÓRICO

Del Paraguay exterminado, sobrevivió lo primero: entre tanta muerte, sobrevivió el nacimiento. Sobrevivió la lengua original, la lengua guaraní, y con ella la certeza de que la palabra es sagrada. La más antigua de las tradiciones cuenta que en esta tierra cantó la cigarra colorada y cantó el saltamontes verde y cantó la perdiz y entonces cantó el cedro: desde el alma del cedro resonó el canto que en lengua guaraní ilamó a los primeros paraguayos.

Ellos no existían.

Nacieron de la palabra que los nombró.

Eduardo Galeano

Iniciando nosso estudo acerca da diferença na obra *A retirada da Laguna* do autor Visconde de Taunay, nada mais propício começarmos nossa reflexão com a apresentação do autor e sua biografia, com o propósito de que o leitor identifique quem é o autor da obra, época em que viveu a Guerra contra o Paraguai. Sendo um homem de Letras, Taunay (1997) foi apresentado, na maioria das leituras que fizemos em relação a sua obra, como retratista, que produziu relatos de guerra ou relatos de viagem. Mesmo não sendo somente nas Letras exímio também na pintura e artes, foi com a literatura que se fez notar. O autor também foi político e monarquista fervoroso.

Na sequência, abordaremos a Guerra contra o Paraguai, apresentando ao leitor um breve histórico de como se procedeu a invasão ao Paraguai, sempre priorizando os ‘olhares’ de Taunay na obra citada e cotejando com outros autores. Pensando em estabelecer uma leitura um tanto mais significativa do ponto de vista acadêmico, visto que se trata aqui de um estudo científico. Aos olhares de Taunay, a guerra formou-se a partir da retenção do vapor Marques de Olinda e o Brasil, para cuidar de suas defesas, invadiu o Paraguai quando López arquitetava um plano para chegar ao mar.

A seguir, apresentamos o século XIX: a Europa passou por mudanças drásticas, foi sem dúvida o século das contradições. O século em que as guerras e os conflitos marcaram a história; porém grandes pensadores, filósofos, poetas e a literatura transcenderam os movimentos. Mas, foram os movimentos sociais e históricos que marcaram a transição para o século XX.

Nossa ‘pretensão’ no capítulo que segue é entender quem foi o homem do século XIX. Sempre com o objetivo de compreender Taunay e o homem que esteve na guerra, que participou dela ou que a projetou. Aos olhares do homem do século XXI, as leituras podem nos parecer deslocadas, mas havemos de nos colocar na posição do autor

e de onde olha, escreve e relata a guerra. O desafio é exatamente cotejar com os autores/teóricos atuais; para com isso, tentarmos dialogar e quiçá responder algumas inquietações que nos acometem.

E por último, o leitor encontrará uma tentativa de compreendermos o que são as narrativas apologéticas. Elas aparecem em forma de documentos, de relatos e de informações que foram redigidas no início da história brasileira, para informar ao Império sobre as conquistas, os acontecimentos e retratar a própria história. Abordaremos uma discussão como essas narrativas foram escritas para “conduzir” as informações de forma tendenciosa, caracterizada pela padronização do poder, que não escapa aos relatos do autor, sempre voltando o ‘olhar’ sobre a obra de Taunay.

Apreendendo do texto de Santos (2010, p. 247): “Queremos também demonstrar como a apreensão pelo leitor de determinadas passagens históricas/literárias é capaz de gerar, pela virtualidade, pelas sensações e pelas impressões apresentadas ao longo da História, verdades generalizáveis e banalizáveis”.

Contextualizando com teóricos como Skliar, Bhabha, Hall, Chartier, Alcalá, Maestri, Dourado, dentre outros, procuraremos identificar os olhares que produzem as diferenças ao longo dos textos de Taunay. E provocados por esses questionamentos, pensando no texto poético de Eduardo Galeano (Espejos, 2008), sentimos a presença da dor e da morte que da guerra emergiram, mas que das entranhas da mesma surgiu a vida que ainda restou: pela língua guarani. E por ela fortalecido o povo paraguaio sobreviveu.

2.1 VISCONDE DE TAUNAY

Visconde de Taunay, cujo nome de batismo era Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 22 de fevereiro de 1843, e faleceu, também no Rio de Janeiro, em 25 de janeiro de 1899, com 56 anos incompletos. Era filho de Amado Félix Emílio Taunay, barão de Taunay, e de Gabriela de Robert d’Escragnolle. Seu avô, o pintor Nicolau Antônio Taunay, foi um dos chefes da Missão Artística francesa de 1818 e fundou a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Pelo lado materno, era neto do conde d’Escragnolle, emigrado da França pelas contingências da Revolução. Foi engenheiro, militar, professor, político, historiador, sociólogo, romancista e memorialista.

Taunay teve educação esmerada, impregnada de arte e literatura, desenvolveu bem cedo a paixão literária e o gosto pela música e o desenho. Estudou humanidades no

Colégio Pedro II, onde se bacharelou em Letras em 1858, com distinção. No ano seguinte, ingressou no curso de Ciências Físicas e Matemáticas da Escola Militar. Em 1861, adentrou no Exército, mesmo não sentindo atração pela vida militar, para agradar ao pai. Alferes-aluno em 1862, bacharel em matemática em 1863, foi promovido a segundo-tenente de Artilharia em 1864, inscrevendo-se no 2º ano de Engenharia Militar, que não terminou, por receber ordem de mobilização, com os outros oficiais alunos, em 1865, no início da Guerra contra o Paraguai. Foi incorporado à Expedição de Mato Grosso como ajudante da Comissão de Engenheiros, na função de engenheiro militar, incumbido de enviar ao governo imperial notícias do corpo expedicionário de Mato Grosso, isso “graças à intervenção do pai junto ao imperador, de quem era grande amigo” (TAUNAY, 1997, p.13).

Taunay mostrou cuidados extremos com a aparência física, especialmente com os cabelos, ainda dançava e tocava piano. Curiosamente, Taunay foi seduzido pela ideia de viajar durante “meses por sertões imperfeitamente conhecidos e mal explorados”, que existiam nesta altura de sua jovem vida de vinte anos. A aventura que essa decisão traria só o tempo poderia dizer. Os relatos e as informações foram registros feitos por Taunay mesmo estando no campo de combate. Foi o escritor que levou os primeiros apontamentos ao governo brasileiro, “no Rio de Janeiro, as primeiras informações sobre a terrível retirada” (TAUNAY, 1997, p. 19).

Em 1868, eram publicados os primeiros capítulos de *A retirada da Laguna*, enquanto seu autor acompanhava o conflito. Na Guerra contra o Paraguai, Taunay escapou milagrosamente de morrer de cólera. Gomes (1990) relata uma passagem em que Taunay escapou da morte por provocar o vômito, quando ao comer um pedaço de carne sentiu-se enjoado; mas seus companheiros, o Cel. Camisão e seu imediato morreram logo em seguida. E foram inúmeras passagens como essa citada que o autor de *A retirada da Laguna* escreveu nos seus relatos de guerra. Taunay publica seu livro, *Cenas de viagens*, em 1868, e em 1869, o Conde d’Eu, comandante das forças brasileiras em operação no Paraguai, convidou-o para secretário do seu Estado-Maior, sendo encarregado de redigir o Diário do Exército, cujo conteúdo foi, em 1870, reproduzido no livro do mesmo nome. Em 1871, publicou o romance *A Mocidade de Trajano* sob o pseudônimo de Sílvio Dinarte. No mesmo ano, publicou em francês suas impressões sobre um episódio da Guerra do Paraguai, *A retirada da Laguna*. A publicação chamou a atenção de todo o Brasil para o jovem escritor. Na obra *A retirada da Laguna*, o autor registrou o episódio da Guerra contra o Paraguai - o maior conflito

armado internacional ocorrido na América do Sul. Escrito em francês, *La Retraite de Laguna*, (1871) o livro foi traduzido para o português pela primeira vez, em 1874, por Salvador Mendonça e outras duas posteriormente, a última delas, por Affonso de E. Taunay, filho do escritor.

Com o fim da guerra, Taunay foi promovido a capitão, e terminou o curso de Engenharia, passando a professor de Geologia e Mineralogia da Escola Militar. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira n. 13, que tem como patrono Francisco Otaviano, e fez-se conhecido no mundo das Letras com o nome literário de Visconde de Taunay.

Casou-se com Cristina Teixeira Leite, filha do Barão de Vassouras, que foi uma esposa dedicada e extremosa.

Usou vários pseudônimos em sua carreira literária: Anapurus, André Vidal, Carmotaigne, Eugênio de Melo, Flávio Elísio, Heitor Malheiros, Sílvio Dinarte, Múcio Escoevola, Sebastião Corte Real.

Por indicação do Visconde do Rio Branco, candidatou-se a deputado geral pelo Estado de Goiás, que o elegeu para a Câmara dos Deputados em 1872; nesse mesmo ano, publicou *Inocência*. Essa publicação tornou Taunay um nome do Romantismo brasileiro, que se dividiu em categorias, dentro das quais o autor encaixou-se no Romantismo regionalista. Percebemos as características dessa escola literária ao longo de toda a sua obra.

Taunay presidiu a província de Santa Catarina e Paraná, de 1876 a 1877. Afastou-se da política como senador em 1889, após o 15 de Novembro, por fidelidade à monarquia. Aqui, o autor permite-nos abrir um parêntese para provocar o leitor, no sentido de onde Taunay estava, consentia na construção da diferença a partir das escolhas que fez? Monarquista resoluto foi contra tudo que se afastava do patrimonialismo conservador e do poder absoluto, e podemos perguntar: seria justificativa para invadir o Paraguai, estando este sob o comando de López?

Para compreendermos melhor esse conceito de patrimonialismo conservador, nos apoiamos em Néstor Garcia Canclini, em seu livro *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade* (2008), quando discorre que “o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos”. E complementa: “O patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus” (Idem, p. 162). E ainda mostra que: “A teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância

fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje. Essa é a base das políticas autoritárias. O mundo é um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito” (CANCLINI, 2008, p. 162). E Canclini menciona: “Celebra-se o patrimônio histórico constituído pelos acontecimentos fundadores, os heróis que os protagonizaram e os objetos fetichizados que os evocam” (Idem, p.163).

A escola também é palco de uma abordagem em que se impõem o poder e a teatralização do patrimônio. Ela ensina aos discentes ‘leituras’ provenientes de um estudo laico e dominante. A educação liberal fundada na Argentina por Domingo E. Sarmiento diferencia o povo inculto e primitivo do educado. A escola funciona então como um ‘recorte’ priorizando os saberes impostos por ela e desvalorizando a experiência que o sujeito traz consigo. Na escola é comum dizer: “não devemos nos comportar como selvagens”; quando se passa do recreio para a sala de aula alegres e risonhos, “não devemos nos comportar como índios”, comenta Canclini (2008, p. 165-6).

A hegemonia europeia impõem seus valores culturais aos povos latinos, com uma escola monocultural e hegemônica, um modelo ‘pronto’ que depois de ‘ditado’ é difícil de ser modificado. Nesse contexto as escolas indígenas acabaram por ‘perder’ a língua materna, e em muitos casos, essa perda foi definitiva. Com isso, muito da cultura desses povos indígenas se perdeu, ao longo do tempo. Mesmo diante dessas imposições as tentativas, de enfrentar as desordens sociais decorrentes desse processo de poder, de desterritorialização, o tracionalismo surge como um aporte “para suportar as contradições contemporâneas”, assinala Canclini (2008, p.156).

Pensemos aqui em Taunay, os acontecimentos ao longo da guerra que foram grafados em seus relatos, apresentam características de um palco semelhante ao citado por Canclini. Se a guerra teve a simbologia de um palco para Taunay, os soldados, o exército, os índios, as mulheres e mesmo o inimigo seriam os atores? Não, na perspectiva de Taunay. Da expedição sabemos que os protagonistas eram representantes do poder, os heróis eram os soldados, que mesmo diante de tal enaltecimento, por parte do autor, não os identificou, assim como os índios e as mulheres. Os objetos fetichizados, como escreve Canclini (2008), foram sem dúvida, as fardas, os canhões, a artilharia, as menções, como medalhas e brasões outorgados pelo Governo Imperial. E na Guerra contra o Paraguai, o poder apresentou-se na elite imperial, nos comandantes da expedição e nos campos de batalha: eis o palco de Taunay.

Na introdução da obra *A retirada da Laguna* (1997), encontramos uma tentativa de Dom Pedro II de estabelecer a ordem e a paz com o Paraguai, mas ao que López não se rendeu. Isso justificaria, nas palavras abaixo, a invasão, o ataque e a condição amoral de López, apontados por Taunay ao longo dos relatos? Abordaremos, de forma mais condensada, no capítulo das narrativas apologéticas essa discussão sobre a abordagem da diferença e da moral e consequentemente da alteridade junto aos sujeitos da/na guerra.

[...] o imperador julgou imprescindível dar prosseguimento às operações de guerra, até que Solano López se entregasse ou saísse do país. Essa teimosia do imperador, homem geralmente tolerante, causou surpresa, e nas *Memórias* Taunay tentou encontrar uma justificativa para ela, alegando que não se podia negociar com López, por ser este uma “personalidade absolutamente fora da lei moral” (TAUNAY, 1997, p. 20).

Perguntamos: como pode Taunay apresentar como justificativa para o ataque a forma amoral de López conduzir seu país? E considerá-lo amoral, justificaria o sangue derramado? Poder-se-ia deitar a noite e dormir o sono dos justos senão pela causa imperialista que o exército tanto defendeu e que Taunay enfatizou como legítima e honrosa defesa da pátria? Encontrar em López a expressão da perversidade humana no seu mais apropriado tom poderia ser um disfarce à violência aplicada ao povo paraguaio? Dessa forma, tornam-se moralmente justificados os atos de crueldade? Mas a história não se justifica por meros pensamentos e comentários presentes nesses relatos. Se ao autor coube a missão de relatá-los, soube Taunay, sempre que pegou na pena, que, história caberia um sentido mais digno, nos relatos, mesmo que constantemente duvidaremos dessa narrativa heroica e segundo ele, bem sucedida missão.

Taunay foi membro do Instituto Histórico e Geográfico e fundador da Academia Brasileira de Letras. Em 1878, caindo o Partido Conservador, partiu para a Europa, em longa viagem de estudos. De volta ao Brasil em 1880, iniciou uma fase de intensa atividade em prol de medidas como o casamento civil, a imigração, a libertação gradual dos escravos, a naturalização automática de estrangeiros. Em 6 de setembro de 1889 recebia o título de Visconde. Em 1890, inicia a redação de *Memórias*, só publicada conforme seu desejo, cinquenta anos após sua morte. Estava no início de uma alta preeminência nos negócios públicos quando a proclamação da República lhe cortou a carreira, dada a fidelidade com que permaneceu monarquista até a morte (1997, p.27). Taunay obteve também os títulos de oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de

São Bento de Aviz e da Ordem de Cristo. O homenageado recebia a condecoração da Ordem por serviços à pátria juntamente com a medalha e o título de cavaleiro. Eram tradicionais na época do Império. Em 1829, para perpetuar a memória de seu matrimônio com D. Amélia de Leuchtenberg e dom Pedro I criou a Imperial Ordem da Rosa. A Ordem de Aviz passou à administração dos reis de Portugal e, a partir do século XVIII, tornando-se exclusivamente de caráter honorífico militar, específica para premiar serviços militares. Mais tarde, voltou a ser conferida, sendo a única ordem honorífica portuguesa mantida pelo Governo Provisório, após a Proclamação da República no Brasil. A Ordem de Cristo funcionou como continuidade da Ordem dos Cavaleiros Templários, mais tarde, porém foi utilizada para premiar cidadãos nacionais e estrangeiros que tivessem prestado relevantes serviços à pátria e à humanidade. Prado (2011)²⁸.

Taunay foi um incansável trabalhador, patriota, homem público esclarecido e apaixonado homem das Letras. Teve a plena realização do seu talento no terreno literário. Sua obra de ficção abrange, além do romance, as narrativas de guerra e viagem, descrições, recordações, depoimentos, artigos de crítica e escritos políticos. Foi também pintor; algumas telas suas são significativas. Era grande apaixonado da música, tendo deixado várias composições, e revelou-se também estudioso da obra dos grandes compositores.

As obras de Visconde de Taunay ao longo de sua carreira, como escritor/literato/retratador, foram: *Cenas de viagem*, em 1868; *A Campanha da Cordilheira*, em 1869; *La Retraite de Laguna*, 1871 (em francês, traduzido como "A retirada da Laguna"); *Inocência*, publicada em 1872 e considerada a obra prima do romance regionalista do Romantismo brasileiro; *Ouro sobre Azul*, romance em 1875; *Estudos críticos*, em 1881 e 1883, em dois volumes; *Amélia Smith*, drama, em 1886; *No Declínio*, romance, em 1889; *O Encilhamento*, romance, 1894. Em 1890, Taunay inicia a escritura de *Memórias*.

OBRAS PÓSTUMAS: *Reminiscências* (1908); *Trechos de minha vida* (1911); *Viagens de outrora* (1921); *Visões do sertão*, descrições (1923); *Dias de guerra e do sertão* (1923); *Homens e coisas do Império* (1924). Em sua bibliografia constam ainda obras de história, corografia e etnologia brasileira e sobre questões políticas e sociais.

²⁸ PRADO, G. Cintra do. **Medalhas do Brasil Real e Imperial (1808- 1889)**. Disponível em: www.monarquia.org.br.

2.2 A GUERRA CONTRA O PARAGUAI

Susan Sontag (2003) em *Diante da Dor dos Outros* afirma que: “Nas expectativas modernas e no sentimento ético moderno, cabe uma posição central de que a guerra é uma aberração, ainda que inevitável.” Comenta que ao longo da história a guerra foi vista como norma, e que a paz, exceção. E conclui: “A guerra é vista como algo que os homens fazem, de modo inveterado, sem se demoverem ante o acúmulo de sofrimento que ela inflige; e representar a guerra em palavras ou em imagens requer uma frieza aguçada e inabalável” (SONTAG, 2003, p.64).

As discussões sobre a Guerra contra o Paraguai entre os historiadores foram permeadas pelo escasso questionamento sobre a mesma, na América Latina. O conflito que durou cerca de cinco anos, proporcionou inúmeras visões e sempre prevalecia a ideia da vitória brasileira no final da batalha, situação contraditória do ponto de vista da legalidade ou da ilegalidade sobre a mesma. Solano López que até então era visto como um “infame e traidor” passou a ser percebido, sob a ótica revisionista²⁹, com outro olhar. O Brasil, a nação vencedora, já não ocupa mais esse papel; sua atuação tomou, muitas vezes, a descrição de vergonhosa. O Brasil que teria ido à guerra, para alguns, apenas por influência da Inglaterra, promoveu, com seu exército, um verdadeiro extermínio, no Paraguai.

... é necessário lembrar que a República do Paraguai, o Estado mais central da América do Sul, após invadir e atacar simultaneamente o Império do Brasil e a República Argentina em fins de 1864, encontrava-se, decorridos dois anos, reduzida a defender seu território, invadido ao sul pelas forças conjuntas das duas potências aliadas, às quais se unira um pequeno contingente de tropas fornecido pela República do Uruguai (TAUNAY, 1997, p. 35).

Também não se pode pensar que o paraguaio tenha sido um mártir, um herói, assim nos mostra Doratioto em *Maldita Guerra* (2002)³⁰, que tenta desmistificar que a Guerra contra o Paraguai tenha sido engendrada pela Inglaterra e também não acredita no número de mortos que se falou durante todos esses anos. O texto conta com base documental e metodológica bem fundamentada. A guerra do Paraguai foi um marco na

²⁹A historiografia marxista critica as narrativas apologéticas, segundo Maestri (2003): “Esses trabalhos pioneiros foram principalmente obras de oficiais combatentes. Eles construíram-se através da seleção e da organização dos discursos apologéticos empreendidos pelo Estado, pelo governo e pelas classes dominantes durante o confronto”.

³⁰ DORATIOTO, F. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

história dos países envolvidos: Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. Os três primeiros formaram a Tríplice Aliança, com o pretenso de atacar Solano López em toda sua ‘galhardia’, conforme escreveu Taunay, e não de destruir o Paraguai. A ação de guerra e o tempo que o conflito durou, sorveram recursos financeiros que o Brasil necessitava para seu desenvolvimento.

O futuro Visconde de Taunay era 2º Tenente de Artilharia, em 1864, quando rebentou a guerra da “Tríplice Aliança” contra a República do Paraguai, e cursava o penúltimo ano do curso de engenharia militar, sendo incorporado ao corpo do exército, logo mais, que se formava para resgatar a área ocupada pelo inimigo, no sul do Mato Grosso, compreendida pelos municípios de Miranda e Nioac (LÉVAY, 2011, p. 1).

Taunay (1997) integrou-se à coluna expedicionária com o propósito de defender o território nacional contra o plano encampado por Francisco Solano López, segundo o próprio autor. Na guerra, participou como engenheiro militar, de 1864 a 1870, experiência que resultou em seu livro *A retirada da Laguna*.

Lévay (2011)³¹ assinala que não se pode estabelecer com exatidão o local onde a tropa acampara, mas é provável que tenha sido onde hoje é a Vila Anastácio, quase no sopé do morro da Freguesia do Ó, antes de iniciar a longa marcha rumo ao Paraguai.

Em 1865, no início da guerra que o presidente do Paraguai, Solano López, sem outro motivo que a ambição pessoal, suscitara na América do Sul, mal amparado no vão pretexto de manter o equilíbrio internacional, o Brasil, **obrigado a defender sua honra e seus direitos**, dispôs-se resolutamente à luta. A fim de enfrentar o inimigo nos pontos onde fosse possível fazê-lo, ocorreu naturalmente a todos o projeto de invadir o Paraguai pelo norte; projetou-se uma expedição deste lado (TAUNAY, 1997, p.38. Grifo nosso).

Importante salientar a forma romântica de Taunay ao referir-se à sua presença na guerra. Romantizar os fatos da guerra adjetivando-os de forma literária foi uma das características do texto do autor. Esse pensamento também está presente nos relatos nos quais o autor não omite seu fascínio pela escrita adjetivada e romântica dessa geração de escritores. Sendo assim, nos perguntamos: terá sido pela honra que Taunay foi à guerra?

³¹ LÉVAY, Emeric. **Uma índia chamada Antonia**: a grande paixão de Taunay. Disponível em: <http://www.tj.sp.gov.br/museu/Memoria/Antonia.aspx>

Devemos, ao tentar responder esse questionamento, pensar em sua relação com o romantismo, que se apressa na vontade de deixar o leitor mais do que informado da realidade, melancólico e surpreendido em seus ‘exagerados adjetivismos’. Mais do que contar a verdade ao leitor, parece-nos que Taunay pretendia elevá-lo a uma espécie de delírio romântico como na passagem em que cita: “Deixarei uma viúva e seis órfãos; eles herdarão um nome honrado” (1997, p. 65), referindo ao guia Lopes, no momento de uma tomada de decisão para avançar sobre o inimigo; sem víveres para mantê-los, em uma ação arriscada que poderia resultar na morte do grupo.

Taunay escreveu, nos campos de guerra, alguns apontamentos e a outra parte, no término da guerra, a mais conhecida de suas obras: *A retirada da Laguna*. A obra narra “um episódio menor (nem por isso menos cruel e assustador) de uma guerra particularmente sangrenta: a coluna que avançou para Mato Grosso deveria ser apenas a vanguarda de um exército destinado a invadir o Paraguai” (TAUNAY, 1997, p.18).

Em 10 de dezembro de 1865, a coluna chegava a Coxim, na região sul da província mato-grossense, onde se deteve por causa das enchentes e das febres que dizimavam os soldados. Dali seguiu para Miranda, ainda mais ao sul, onde morreram novecentos homens e o próprio comandante Drago, vitimados pela epidemia de cólera. Em 1º de janeiro de 1867, o coronel Carlos de Moraes Camisão assumiu o comando da coluna, que seguiu para Nioaque, ainda em solo brasileiro, onde conseguiu a ajuda do guia José Francisco Lopes.³²

O autor Guido Rodriguez Alcalá³³ escreve sobre *el final de la tragedia*, no livro *Residentas, destinadas y traidoras: testimonio de mujeres de La triple Alianza*, (2007):

Habiendo prometido morir a la cabeza de sus tropas, López optó por la fuga el 27 de diciembre de 1868; desde ese día, hasta el 1º de

³² José Francisco Lopes residia em uma fazenda chamada Jardim, onde se dedicava à pecuária no Mato Grosso, em área próxima ao Paraguai. Por ser o local ainda ocupado por povos indígenas, a criação de gado se fazia de forma extensiva, o que permitiu que José Francisco Lopes e seus irmãos se tornassem profundos conhecedores da região que seria o palco da Guerra do Paraguai. No início dos conflitos, em 1864, foram sequestrados a esposa e os quatro filhos de José Francisco Lopes pelas tropas paraguaias. Tomado por um sentimento de vingança, José Francisco Lopes alistou-se voluntariamente no Exército brasileiro para guiar as tropas que iniciavam uma ofensiva por terra ao território paraguaio. Após tamanha caminhada, já fragilizados no final do conflito, José Francisco Lopes abriu mão do gado da família para alimentá-los, falecendo em seguida.

³³ ALCALÁ, Guido Rodríguez. *Residentas, destinadas y traidoras: testimonio de mujeres de La triple Alianza*. Assuncion: Servi Libro, 2007.

marzo de 1870, en que los brasileiros lo alcanzaron, y sin ninguna chance de ganar la guerra, dirigió una retirada ruinosa para los paraguayos. Para el 1º de marzo el ejército paraguayo, si puede llamársele así, no tenía quizás 500 hombres; ni contando los civiles que te acompañaban, la cifra podría ser de monta. El Paraguay, para esa fecha, tendría unos 200.000 habitantes (no hay cifra cierta), lo que implicaría la muerte del 60% de su población durante la guerra (ALCALÁ, 2007, p.24).

Dannemann (2007)³⁴ relata que a retirada da Laguna, constituiu a mais famosa e trágica retirada já efetuada por tropas brasileiras. A história do drama militar começou em 10 de abril de 1865, quando partiu de São Paulo uma coluna de seiscentos homens, sob o comando do coronel Manuel Pedro Drago, com o objetivo de enfrentar os paraguaios que haviam invadido Mato Grosso. Em Uberaba, Minas Gerais, eles se reuniram a contingentes oriundos de outras cidades da mesma província, uma força considerada insuficiente para atacar os paraguaios, e por isso Drago preferiu seguir para Cuiabá, na esperança de lá conseguir aumentar o seu contingente. Na província de São Paulo, permaneceu durante dois meses, encontramos menção, a essa estada nas *Memórias*, de Taunay.

A tropa levou mais de ano e meio para alcançar o seu destino, fazendo longas paradas. Taunay relatou os momentos da entrada das tropas em terras do Paraguai: foi em 21 de abril de 1867, “às oito horas da manhã os clarins do quartel-general deram a ordem da marcha: íamos finalmente transpor a fronteira, entrar em território paraguaio e atacar o forte de Bela Vista, que é daquele lado, a chave do país” (TAUNAY, 1997, p. 96). Com o guia Lopes à frente da coluna, perceberam fumaça ao longe: “São as casas de Bela Vista, incendiadas”, acrescentou. Dias depois, em 1º de maio, a coluna alcançou a fazenda Laguna, distante cerca de vinte e poucos quilômetros. Com a falta de mantimentos que tornava a fome iminente e com pouca munição, a expedição procurava ser confiante, ainda que nas condições mais vulneráveis, levada pelo otimismo de seu chefe.

FIGURA 01 - RETIRADA PARAGUAIA DESDE HUMAITÁ ATÉ CERRO CORÁ

³⁴ DANNEMANN, F. K. 1867: **Retirada da Laguna**. 2007. Disponível em: www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br. Acesso em: 15 Jan. 2010.



Fonte: ALCALÁ, 2007, p. 25.

A presença do inimigo fez o comandante pensar em ‘negociar’ a retirada e um oficial do 17º batalhão, com uma declaração escrita em espanhol, português e francês e de posse de uma bandeira branca dirigiu-se aos paraguaios. A proposta de paz enviada pelo comandante brasileiro recebeu como resposta um papel preso a uma vara que dizia:

Ao comandante da expedição brasileira:

Os oficiais das tropas paraguaias estão sempre prontos para as comunicações que se lhe quiserem fazer: mas, no estado de guerra declarada que existe entre o Império e a República, só podemos tratar-nos com a espada desembainhada. Vossos tiros de canhão não nos atingem, e quando nos chegar a ordem para responder ao ultraje, há no Paraguai terreno ainda para manobras do exército republicanos (TAUNAY,1997, p.103).

O comandante brasileiro recebeu o insulto trazido por um soldado de López : “[...] uma folha de couro na qual estavam grafados os seguintes versos, mais grosseiros do que ingênuos: *Avança, crânio pelado: / Vem procurar a própria cova/ O general desafortunado*. E acrescentado: “Acreditam os brasileiros que estarão em Conceição para as festas. Os nossos os receberão ali com baionetas e chumbo” (TAUNAY, 1997, p. 103-4). Um bilhete um tanto “provocador” para as tropas brasileiras. Os paraguaios chamavam o comandante de “crânio pelado” por este ser calvo.

A voz do inimigo que permanecia como um ressoar na mente dos soldados brasileiros, conforme autor citado, o que restava como recurso derradeiro seria da retirada imediata; que se processou por entre escaramuças com tropas paraguaias e luta incessante. Mesmo contra a vegetação incendiada.

E a ordem do dia 12 de junho de 1867 resumia em poucas palavras os acontecimentos:

A retirada soldados, que acabais de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no início das circunstâncias mais difíceis. Sem cavalaria, contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos em que o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, pela cólera que vos roubava, em dois dias, o vosso comandante, o seu substituto e ambos os guias, todos esses males todos esses desastres vós os suportastes numa inversão de estação sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas e através de imensas inundações, em tal desorganização a da natureza que ela parecia conspirar contra nós. Soldados, honra à vossa constância que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras! (TAUNAY, 1997, p. 263-4).

Nessa triste e desoladora caminhada de regresso à *pátria* os soldados da coluna se viram obrigados a abandonar cerca de 120 companheiros doentes e feridos, que foram deixados numa clareira da mata, entregues à própria sorte. Isso afirma o autor como que para ‘dar uma explicação’ ao leitor, do abandono de tantos irmãos doentes. Como se para justificar o abandono? Seria preciso ‘convencer’ o leitor de que

realmente o exército brasileiro era suficiente humano e jamais cometeria tamanha atrocidade, se realmente não fosse necessário. Mesmo os clarins e as fanfarras para comemorar a ‘vitória’, não apagaram a dor desses homens infortunados, é o pensar de Taunay em seus relatos.

Mário Maestri,³⁵ do jornal *La Insignia*³⁶, em janeiro de 2003, apresenta um retrato da guerra contra o Paraguai no qual comenta os livros de autores que fizeram referência à mesma. Como ele nos apresenta abaixo os autores Júlio José Chiavenatto e na sequência, Francisco Doratioto:

Júlio José Chiavenatto publicou no Brasil *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. Esses trabalhos criticavam duramente a intervenção e ação da Tríplice Aliança *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai* obteve grande sucesso e influenciou o imaginário histórico brasileiro porque galvanizou a difusa memória do rosário de horrores que fora a guerra, até então semi-soterrado pelo discurso patriótico (MAESTRI, 2003, p.2).

Encontramos, nos relatos de Taunay, referências a que as três nações que invadiram o Paraguai tenham deixado atrás de si rastros de morte e os horrores que nosso imaginário talvez nunca consiga alcançar. A nação invadida lutou com as forças que possuía: “Em geral, explicou-se a paradoxal resistência como resultado de preparação militar prévia e do fanatismo guarani, promovidos por Solano López” (MAESTRI, 2003, p.2).

Os aliados não encontraram batalha fácil: “Um terço dos soldados formava a cavalaria; os restantes dividiam-se entre a infantaria e a artilharia. Esse pequeno exército tinha soldados de dezesseis a cinquenta anos – era evidente sua superioridade física sobre os soldados aliados” (CHIAVENATTO, 1987, p.110). Segundo o autor, que exacerba ao limite suas afirmações, o Paraguai era um país onde o povo melhor se alimentava no mundo, era forte cultural e socialmente e, entre os soldados de López, todos sabiam ler e escrever. “As origens da Guerra do Paraguai, que germinavam desde o início do século, começaram a tomar contornos nítidos na medida em que o povo guarani consegue consolidar seu progresso” (Idem, p. 34).

³⁵ É historiador e professor da UPF-RS.

³⁶*La insignia*. Diario independiente iberoamericano, jornal independente iberoamericano. www.lainsignia.org/.

Mário Maestri (2003), em seu artigo, “Guerra contra o Paraguai” aborda três perspectivas historiográficas envolvendo a guerra: política, latino-americanista e patriótica. Nesse artigo, comenta a abordagem que o historiador Francisco Doratioto fez da guerra:

Francisco Doratioto deduz a origem e a evolução do conflito da personalidade de Solano López, sobre quem lança a responsabilidade total da guerra. Isso, apesar de apresentar corretamente o confronto como tendencialmente inevitável, devido à procura da nação guarani de maior espaço regional e à negativa dos governos brasileiro e argentino de concedê-lo. A personalização da história empreendida em *Maldita guerra*, por Francisco Doratioto, resulta no elogio das apologéticas das lideranças da Tríplice Aliança - Pedro II, Mitre, Caxias, Osório, etc. -, e na diabolização de Solano López, identificado a Hitler, ingênua personificação moderna da violência social na história (MAESTRI, 2003, p. 4).

No recorte de texto acima, Maestri comenta como Doratioto refere-se a López como a personificação da violência, pois não se deteve diante da dor de crianças, adolescentes, jovens e mulheres que sofreram os horrores da guerra, mesmo em muitos casos, sem terem pegado em armas. De forma cruel e violenta, López teria imposto, segundo Doratioto, suas ordens jamais pensando no outro, como uma pessoa a ser respeitada. Uma violência que repercutiu ao longo da história. Encontramos em Santos (2010) abordagens sobre a violência aparentes nesse conflito:

Em tese, a potência, como vontade de ação, de fazer, deveria levar o sujeito a ser independente, porém respeitando a vontade dos demais. Quando esse respeito é suplantado pela “vontade de poder”, quando os sujeitos agem mais do que podem, entra em cena a violência. Em uma situação de guerra, na qual “vontades de poder” entram em confronto, o palco é o mais propício para a explosão da violência” (SANTOS, 2010, p. 255).

A violência nos é mostrada subjetivamente, uma violência que, em muitos ‘olhares’, pode parecer leituras de um tempo em que o europeu desconsiderava a figura do homem pertencente a outros lugares, principalmente por vê-lo como primitivo, o sujeito que não é dono de suas aspirações e decisões. Por consequência, esse homem primitivo deixou-se influenciar pelos dominantes (aqui presentes no colonizador), pois acreditou ‘ser ele o dono das verdades’.

E em uma guerra as consequências políticas/sociais/culturais chegam amedrontar a nós, homem do século XXI, por vermos a violência com que a guerra submeteu tanta gente. Mário Maestri (2003) apresenta-nos uma ‘leitura’ sobre a Guerra contra o Paraguai, causas e consequências:

A guerra contra o Paraguai foi acontecimento central da história brasileira da segunda metade do século 19. As ações militares iniciaram-se em 12 de outubro de 1864, com a invasão brasileira do Uruguai, e concluíram-se em 1 de março de 1870, com a morte de Francisco Solano López, em Cerro Corá, no interior paraguaio. Dos cento e quarenta mil soldados brasileiros convocados para o confronto, cinquenta mil teriam morrido nos combates ou devido a ferimentos e doenças. O financiamento do enorme esforço militar comprometeu por mais de uma década as já frágeis finanças brasileiras. A guerra tencionou política, social e economicamente o Brasil, desvelando o profundo anacronismo do Estado imperial escravista, despreparado e inadaptado para um esforço militar nacional. As consequências políticas do conflito foram profundas (MAESTRI, 2003, p. 1).

No livro de Taunay (1997), observando suas palavras e informações colhidas ao longo dos apontamentos, podemos perceber os ‘olhares’ do autor em vários segmentos. Pensemos em Taunay já recolhido em seu confortável lar, após o fim da guerra, escrevendo suas lembranças em detalhes como que recordações, recortando apenas o que realmente teria sentido para ele e registrando em seus cadernos? Como fez Taunay para ‘eleger’ o que realmente seria importante para colocar nos registros? Que princípio foi o escolhido? Será que pensou em fazer essa escolha (sempre as escolhas são resultados de alguma reflexão), como separou deixando de lado aquele detalhe e elegendo outro para ser descrito? Que grau de importância esses relatos tiveram em sua vida para serem escritos ou para serem calados, omitidos? Então, ao fazer uma escolha, grosso modo, permite-nos pensar que o autor ‘selecionou’ o que deveria escrever, tendo em vista a produção de determinado efeito no leitor?

Encontramos em *A retirada da Laguna* (1997) os apontamentos do autor, nos quais se encontram comentários sobre a formação da guerra e os motivos pessoais, que levaram a Solano López a ‘provocar’ o Governo Imperial brasileiro, o que teria incitado a guerra e despertado a reação do Brasil, segundo Taunay, na defesa da honra da Pátria.

Outra visão apontada pelo autor Guido Rodrigues Alcalá (2007), em seu livro *Residentas, destinadas y traidoras*, que argumenta que as verdadeiras heroínas da guerra de 1870 foram as mulheres, porque elas eram constantemente aquelas que ‘caíam

em desgraça' com o Marechal Francisco Solano López, eram assim chamadas de *residentas* e as que eram acusadas de traição eram chamadas de *destinadas*.

As acusadas de traição marchavam a pé até uma colônia prisional na cordilheira de Maracajú, tanto as destinadas como as *residentas*, de acordo com Alcalá (2007), foram vítimas do furor irracional da guerra, perseguidas pela fome e pelos bombardeios inimigos, sem nenhuma proteção do exército nacional. As mulheres e seus filhos menores foram os autênticos heróis, ainda que no sentido distinto ao expresso pelos “fanáticos belicistas”. Citado pelo autor mencionado, para referir os homens de Solano López e a seus despreparados soldados, que junto com seu líder fizeram as maiores atrocidades, esmagando o povo paraguaio.

Neste livro, Alcalá (2007) conta a trajetória de senhoras acusadas de agirem contra o sistema de López, que eram retiradas para o que hoje chamaríamos de campo de concentração (figura 02). Esse retiro chamava-se Espadín, que se encontra atualmente em território brasileiro, perto da união das cordilheiras de Amambai e Maracajú, instalado como um ‘campo de concentração’ para as traidoras.

Ainda segundo Alcalá, Solano López era “ídolo de uma religião nacionalista, que chega ao Paraguai como reflexo das ideias totalitárias da ação francesa e se converte na ideologia oficial da ditadura Iginio Morinigo³⁷ e Alfredo Stroessner.³⁸” (2007). Nesta ideologia de extrema direita a história é resultado da ação de um punhado de chefes. Os soldados cumprem alegremente as ordens do chefe. [...] Os homens estão para desgastar-se pelo chefe. Todo mundo está feliz com a carnificina. Isto pelo menos é o que diz a ideologia militarista oficial (ALCALÁ, 2007, p. 59. Tradução nossa).

³⁷ **Higinio Morinigo Martínez** (Paraguai, 1 de janeiro de 1897 - 27 de janeiro de 1983) foi um paraguaio ditador, geral e figura política. Ele serviu como presidente do Paraguai a partir de 07 setembro de 1940 a 3 de Junho de 1948. Foi Chefe do Estado Maior do Exército em 1936. Descendentes de europeus e Guaraní, era fluente em ambas as línguas espanhola e guarani. Sucessor de Franco, José Félix Estigarribia, do Partido Liberal, nomeou Morinigo como seu ministro da Guerra em 02 de maio de 1940. Quatro meses depois, o presidente Estigarribia foi morto em um acidente aéreo em 7 de setembro de 1940, e Morinigo foi escolhido para servir como presidente por dois meses até as eleições.

³⁸ **Alfredo Gustavo Stroessner**- Nasceu em 03/11/1912, Encarnação, Paraguai; Faleceu em 16/08/06, Brasília, Brasil. Ingressou na carreira militar aos 17 anos. Em 1932 distinguiu-se na Guerra do Chaco, combate que opôs o Paraguai à Bolívia entre 1932 e 1935. A partir daí, ascendeu gradualmente na carreira até 1952, quando atingiu o posto de comandante-chefe do Exército em 1952. Revelou habilidades políticas nos golpes e contragolpes que abalaram a política paraguaia entre 1947 e 1954. No dia 4 de maio de 1954, aderiu no último momento ao golpe de Estado que depôs o presidente Federico Chavez. Dois meses mais tarde, auxiliado pelo Partido Colorado, de tendência conservadora, Stroessner fez-se proclamar presidente do país. Foi reeleito, em pleitos marcados pela fraude, por sete mandatos consecutivos (em 1958, 1963, 1968, 1973, 1978, 1983 e 1988) Sua ditadura, porém, iniciou um período de relativa estabilidade econômica.

Esta citação nos remete a uma reflexão acerca do que pensar sobre a guerra, homens, soldados, crianças, mulheres e indígenas que padeceram em nome da honra e do poder. Realmente, o povo paraguaio estava feliz com a carnificina? Como poderiam cumprir alegremente as ordens de um autoritário (e por isso nos atrevemos a chamá-lo de *sanguinário*, o que nos capítulos seguintes provavelmente conseguiremos mostrar/provar), *El Supremo*, como era conhecido pelos compatriotas paraguaios?

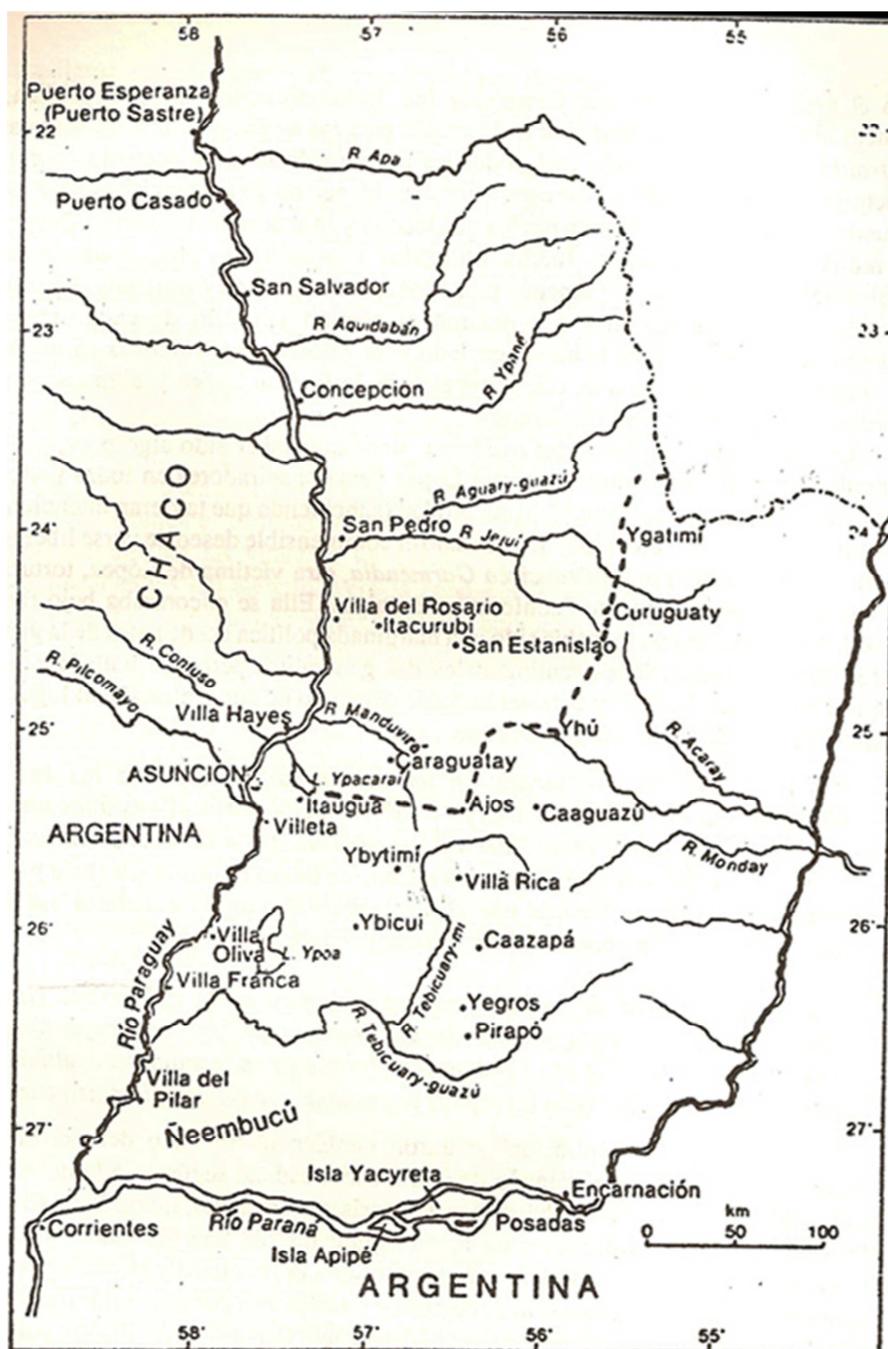
Isso pode nos levar a pensar na ideologia que movia as nações em confronto, voltadas para formas de poder e de exercícios diferenciados da autoridade. Como pode Taunay se referir a Solano López, em vários trechos de *A retirada*, como alguém que estava no poder à revelia de seu povo e desconsiderar a figura de D. Pedro II, no poder por mérito dinástico e não pelo querer manifesto de uma nação? (SANTOS, 2010, p. 254).

Para Taunay o Brasil reagiu às ‘provocações’ de López, indicando que este tenha abusado de sua autoridade. A partir dessa ambição pessoal de López, que teria passado à frente dos interesses do seu país, conforme escreve Santos (2010), se formou a aliança entre Argentina, Uruguai e Brasil. O imperialismo de Solano López, fez com que se fizesse uma preparação de antemão, para que a aliança pudesse combater o inimigo mais preparado, uma nação mais protegida e mais forte, segundo relata Taunay.

A guerra tencionou politicamente o Brasil, deixando marcas profundas, passando pela luta abolicionista em que a classe política subjugou-se, afirma Maestri que considera que “a historiografia nacional-patriótica brasileira propôs que a guerra fosse contra a ditadura de Solano López, e não contra o povo paraguaio” [sic]. E conclui afirmando que apesar dos importantes lapsos factuais e interpretativos, empreendia-se tentativa de análise das formações sociais envolvidas na guerra, de crítica geral da historiografia patriótico-imperialista, e que “a história voltou a ser lida prioritariamente como produto da ação errática de protagonistas excelentes e os fenômenos sociais, como produto de determinações ideológico-culturais” (MAESTRI, 2003, p.3).

Maestri (2003) ainda cita a guerra como “ação imperialista e genocida apoiada pelos ingleses”. O clima de terror imposto por Solano López mantinha os soldados combatendo com medo da repreensão, segundo Guido Rodrigues Alcalá (2007).

FIGURA 02 - ROTA APROXIMADA DE DESTINADAS, DESDE TACUARAL (YPACARAÍ) ATÉ ESPADÍN



Fonte: Alcalá, 2007, p. 29.

Maestri aponta uma extrema necessidade de se estudar as condições de guerra, do público envolvido, em um estudo mais profundo, para que se entenda o que ainda não foi descoberto, pelas várias facetas que a guerra revelou.

Para a história de Mato Grosso do Sul, a obra *A retirada da Laguna*, através de seus relatos e pela composição narrativa do livro, deixa impresso vestígios de uma luta

armada, desigual. “Como explicar o imenso esforço militar, as baixas multitudinárias e os mais de cinco anos necessários para vergar, em aliança com a Argentina e o Uruguai, uma nação de importância regional menor” (MAESTRI, 2003, p.2). Ainda apresenta a consideração: “Mesmo se o Império e a Argentina tenham anexado parcelas dos territórios paraguaios, transformando o país em uma verdadeira república, dizimando literalmente sua população - autores estimam redução de até 69% da população paraguaia” [sic].

O Brasil dispendeu uma ação militar enorme de homens convocados para o confronto. As ações militares trouxeram para o país, prejuízos dantescos, de todas as ordens e para saná-los foram necessários esforços, para a recuperação. Em lugar de uma explicação da ação de massas na história a partir da intervenção de personagens providenciais, impõe-se o entendimento da gênese de lideranças carismáticas, por mais exóticas, contraditórias e desalinhas que sejam como expressões, diretas ou oblíquas, de forças e interesses sociais profundos (MAESTRI, 2003, p.6).

A passagem da retirada da Laguna foi o episódio de retirada do exército da Tríplice Aliança diante do inimigo. Apesar das perdas pelas doenças e mortes provocadas pelo inimigo, o exército brasileiro exultante cantava louvores ao “Chefe Supremo da República, cuja previsão e tino guerreiro arrancaram do inimigo tão valioso laurel” (TAUNAY, 1997, p. 280).

O Paraguai saiu arrasado do conflito, perdendo partes de seu território para o Brasil e a Argentina. O processo de modernização tornou-se coisa do passado, e o país se converteu em um exportador de produtos de pouca importância. Os cálculos mais confiáveis indicam que metade da população paraguaia morreu, caindo de aproximadamente 406 mil habitantes, em 1864, para 231 mil em 1872. A maioria dos sobreviventes era de velhos, mulheres e crianças (FAUSTO, 2001, p. 216).

As tropas brasileiras deixaram para trás destruição e morte. O Paraguai arrasado, destruído e o Brasil endividado para a Inglaterra, comenta Fausto (2001).

Permanecem as necessidades de explicações consistentes que busquem as razões, os motivos que levaram tantos a lutarem em uma ofensiva desumana e cruel, para que a história compreenda os desastres promovidos por tão destruidora guerra, uma guerra que, a todos, custa esquecer.

2.3 AS NARRATIVAS APOLOGÉTICAS

Visconde de Taunay quando retornou da guerra (Paraguai), levou consigo profunda experiência do país e inspiração para a maior parte dos seus escritos:

... então com 25 anos incompletos e recém-chegado dos ‘fundos sertões’ de Mato Grosso, decidiu finalmente colocar no papel – aproveitando a memória ainda fresca dos fatos e as anotações de um diário – as lembranças dos eventos dramáticos sucedidos a um punhado de soldados brasileiros perdidos nos confins desconhecidos do Império do Brasil, entre 1865 e 1867 (TAUNAY apud MEDEIROS, 1997, p.9).

Após retornar ao Rio de Janeiro, Taunay deixou as lembranças voltarem à memória e dela surgiu a selvageria da guerra, a forma violenta e brutal dos campos que surgiram em recordações, em calafrios. Dedicou-se intensamente a colocar no papel o que lhe viesse à memória, em impressões assustadoras das lembranças colhidas.

Os capítulos foram sendo concluídos e os primeiros apontamentos de *A retirada da Laguna*, foram publicados em 1868, mas, a versão final, em 1871, em francês.

Como podemos perceber, as narrativas apologéticas em Taunay destacam-se pelo uso dos adjetivos que denunciam os atos a que ele chamaria de ‘extraordinários’ feitos da campanha. Seus escritos foram redigidos, em sua maioria, após o término da guerra, quando o autor já se encontrava no Rio de Janeiro. De uma maneira confortável para o autor. Perguntamos: será possível rever, mesmo nas suas mais profundas memórias, os conflitos registrados, as perdas, os numerosos desafios, como febres e as doenças? Rememorou também as perdas de munição, falta de víveres, fome, sede, e a inevitável presença ameaçadora do inimigo? Como esse olhar do autor pode ser direcionado aos acontecimentos não registrados no passado (mesmo que se fale de um passado recente). Como um olhar não pré-conceituado pode ser lançado sobre os acontecimentos?

Assim como refere Santos (2010), pensamos que “nosso objetivo é questionar o caráter ‘cordial’, menos ‘selvagem’, no avanço de fronteiras que Taunay ‘rememora’ em sua *A retirada da Laguna*, acerca da soldadesca brasileira, em comparação aos ‘selvagens’ paraguaios e aos índios brasileiros”.

Buscamos questionar essas ‘falas’ generalizáveis de Taunay que aparecem ao longo dos relatos. O conflito que se formou durante a guerra pôde ser observado também culturalmente, pois sobreviveu a ideia do homem subjogado e inferiorizado

pelo poder representado pelos líderes do comando da expedição. E existente também, pelo Governo Imperial, ausente nos campos do conflito, mas presente pelas ideologias de seus representantes, como Taunay.

Para compreendermos o sentido de memória, buscamos Sontag (2003): “O que se chama memória coletiva não é uma rememoração, mas algo estipulado: isto é importante, e esta é a história de como aconteceu, com as fotos que aprisionam a história em nossa mente”. Então Taunay rememorou a história que tinha ‘reservado’ em sua mente? Buscou as fotos que representariam os fatos tal e qual pudesse mostrar os acontecimentos da guerra? Reais ou imaginários, recortados ou adicionados, fatos que Taunay pôde simplesmente ter omitido?

Sontag (2003) complementa: “As ideologias criam arquivos de imagens comprobatórias, imagens representativas, que englobam idéias comuns de relevância e desencadeiam pensamentos e sentimentos previsíveis”.

As imagens triunfalistas que nos apresentou Taunay respondem em parte às visões da representação do poder por ele idealizado. E nesse “jogo” de simulações e interesses é que nos cabe as reflexões e as novas leituras desses pertencimentos.

Falamos de uma guerra: destruidora, complexa, indigna.

E vemos trechos como: “Em prantos, o santo homem corria de um altar para outro, como se quisesse verificar todos os ultrajes feitos aos objetos de sua veneração” (TAUNAY, 1997, p. 45), referindo ao frei Mariano³⁹ que se deparou com sua paróquia destruída pelos paraguaios, em Miranda. Nas palavras de Taunay há de se observar, ao longo da narrativa de *A retirada da Laguna*, um esforço em qualificar os soldados brasileiros e da Tríplice Aliança como heróis. Os líderes também eram assim vistos, sempre os qualificando pelos dizeres: “honrado, bravo, digno homem, digno soldado, infatigável guia Lopes, incansável comandante, valoroso guia Lopes, inabalável firmeza dos líderes”, os soldados extremamente patriotas; como também exclamações enérgicas, animação do grupo de soldados, cavalaria incansável, oficial inteligente, bravura, a

³⁹ Frei Mariano de Bagnaia (1820-1888). foi vigário na província de Miranda durante a Guerra do Paraguai e em *A retirada da Laguna* Taunay refere a ele com estima e respeito. Frei Mariano esteve próximo aos índios e dedicou parte de sua vida seja na vida social, seja na religiosa, no aldeamento. Foi missionário e publicou artigos sobre essa atividade refletindo sempre a realidade austera que vivia. Ao sul de Mato Grosso esteve durante e depois da Guerra do Paraguai. Terminada a guerra ainda permaneceu em Mato Grosso por ordens superiores e diz: “No Mato Grosso está o meu calvário”. (SGANZERLA, 1992 p.188). Extremamente dedicado às causas religiosas e ligado à Igreja católica foi muito respeitado pelos indígenas, foi político e escreveu sobre suas viagens pelo interior do Brasil. Faleceu querendo retornar à Europa, mas permaneceu em São Paulo por obediência às ordens superiores, de acordo com Sganzerla (1992).

travessia do rio Miranda, os soldados o executaram mesmo numa operação perigosa, como comentou Taunay (1997). Os homens do exército foram citados com elevação e respeito pelo autor, porém ao longo da narrativa podemos observar trechos em que o autor atrelou ao comandante, adjetivos como: ‘pouco audacioso como lhe era habitual’. Essas palavras nos mostram uma forma de ‘minimizar as atitudes incoerentes em relação ao outro’, como uma desculpa para atos falhos, que por ventura surgissem e que Vossa Majestade, o Governo Imperial ou os seus representantes, pudessem descobrir/perceber ao longo da narrativa. E perguntamos: quiçá pensou o autor, que, projetando no texto o comandante como um homem pouco habilidoso, poderia insinuar que algumas más sucedidas ações poderiam ser ‘culpa’ do comandante, que fraquejara em suas decisões? “O comandante, fortalecido em sua primeira resolução, não foi capaz, porém, de executá-la sem deixar transparecer algumas de suas antigas hesitações. [...] dando explicações que alimentaram interpretações maldosas” (TAUNAY, 1997, p. 75).

Os adjetivos reforçadamente usados para destacar o grupo como fatores de espetaculares ações em prol da pátria, como comenta Maestri (2003), citando como sendo apologia militar. Esses adjetivos usados por Taunay são características do movimento literário do qual o autor está inserido, o romantismo. Características do romantismo regionalista aparecem na adjetivação de Taunay presentes em trechos supracitados como alguns exemplos acima, e muito reforçados na obra *Inocência*. Percebemos, deste modo, nas narrativas de Taunay, além do romantismo, as narrativas apologéticas histórico/literárias que não fogem a nenhum desses discursos.

O uso de literatura de viagem como instrumento para explicações sociológicas, históricas, antropológicas e outras, sem a sua devida relativização em relação ao colonialismo, ao racismo e ao etnocentrismo, acaba por apenas reproduzir, no interior dos trabalhos que pretendem ser críticos, o discurso do branco europeu, retificando apenas o seu olhar (LEITE, 1996 apud SECO, s/d, p.23).

A cavalaria sempre liderada por um ‘astuto’ cavaleiro avançou sobre o inimigo, sobre o adversário, segundo o autor ‘cruel e covarde’, como justificativa para ser extinto pelos soldados da Tríplice Aliança, ou para justificar a própria guerra? Um adjetivo utilizado pelo autor foi ‘compatriota’ referindo aos companheiros de batalha e que reforça a apologia presente nos seus relatos.

Numa passagem em que os índios arrastaram os cadáveres paraguaios diante de tal violência o coronel “para dar o exemplo, mandou inumar sem exceção todos os corpos encontrados no campo de batalha, com **o zelo da escrupulosa piedade que lhe era natural**; duas horas foram consagradas a este triste ofício, que confiou à terra inimiga nossos infelizes **compatriotas**” (TAUNAY, 1997, p.125. Grifo nosso).

Ao longo de seus relatos Taunay apresenta uma narrativa plástica, conforme vemos abaixo:

Como escritor, Taunay é, sobretudo um visual, primando nas descrições; mesmo a sua narrativa, freqüentemente muito boa, se traduzem termos plásticos. Além disso, manifesta acentuada preocupação com a própria personalidade, o que o levou a escrever uma maioria de recordações e a lastrear a sua ficção de experiência vivida ou observada. [...] O seu estilo é espontâneo, nem sempre bem cuidado, mas expressivo e airoso (CANDIDO e CASTELLO, 1966, p.96).⁴⁰

Taunay nos apresenta uma narrativa em que o olhar é calculado e sofisticado, sempre pensando e/ou prezando o quê e como dizer para não criar desgastes desnecessários. As ‘miradas’ do texto levavam a pensar com júbilo os ‘heróis’ da guerra, os soldados e os homens brasileiros. Em uma passagem em que o guia Lopes tenta atrair o grupo de paraguaios para uma emboscada, assobiando e gritando, o autor justificou a conduta de Lopes por sua esposa ter sido duas vezes capturada pelo grupo paraguaio, é a vingança do guia, justificada pelo sofrimento, citou Taunay (1997, p. 99). O espírito de altruísmo presente no texto aparece para dar indícios claros de uma narrativa carregada de apologias. O comportamento simples desses homens na guerra, só era enaltecido pelo ‘rufarem dos tambores’, no espírito orgulhoso e egocêntrico do autor. O enaltecimento ao corpo do exército aparece evidente quando relata uma deserção de um voluntário que roubara um dos soldados e que provavelmente acabara caindo nas ‘garras’ do inimigo, grafou Taunay (1997, p. 112).

Maestri critica: “Inaceitável julgamento de valor sobre os atos dos milhares de soldados brasileiros, argentinos e uruguaios que tiveram a sabedoria de obedecer ao sábio preceito plebeu que, se ‘Deus é grande, o mato é maior’, escafedendo-se de uma

⁴⁰ CANDIDO, Antonio. CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira** – Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

guerra das elites abominada pelas populações dos subalternizados” (MAESTRI, 2003, p. 5).

Esse formato de se pensar, dentro da educação, molda a expressão dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Como são a representação e a criação conotativa desses “olhares” dentro da sala de aula?

Canclini (2008) afirma que “a contenção e o suspense, o que não se nomeia, são tão importantes como o que se diz”.

Também não se pode ignorar o valor dos rituais escolares, reconhecido por estudos etnográficos, para organizar os vínculos entre professores e alunos, formar consenso sobre as atividades a desenvolver e realizar as aprendizagens que requerem “mecanização” (CANCLINI, 2008, p. 166).

Voltando-nos para a escola, pensando em como ela é padronizada, pois o processo é condicionante e normalizador, que torna os indivíduos uniformes. Atentamos para as relações sociais, quando na verdade os sujeitos são frutos de realidades diferentes e produtos de espaços construídos de paradigmas ideológicos individuais que ao chegar à escola são ‘castrados’.

Os olhares não percebem o outro, que esteve sempre presente nos campos de batalha. A guerra terá sido feita só por homens poderosos como Taunay? E o diferente, o tratar do diverso, daquele que não é igual a ‘mim’, não encontramos nos relatos do autor? Perguntamo-nos como o autor reverencia os líderes e anula os subalternos? No exército havia apenas capitães, comandantes e lideranças, e quem segurava as armas? Quem ficava à frente nas emboscadas? Quem era o primeiro a morrer?

Pensamos em Silva (2000), quando argumenta sobre as formas convencionais que funcionam como formas de se entender as condutas humanas, o poder é transferido ao indivíduo. Na construção pedagógica, são formatos que podem tornar-se perigosos, na medida em que esses conhecimentos são construídos sob a premissa da regulação. No âmbito da aprendizagem, o controle promoverá um domínio sobre a própria identidade do indivíduo. Como serão construídos os saberes nesse processo no qual a identidade é permeada pelo controle? Pela construção de formas e conceitos a intervenção educacional poderá construir com legitimidade às representações identitárias do sujeito? E que efeitos promoverão sobre a construção do conhecimento e a criação da identidade do indivíduo?

Sob esse ‘olhar’ observamos na obra *A retirada* o enaltecimento às tropas do Brasil e do corpo do Exército brasileiro. O autor mostrou-nos, pela construção linguística, as narrativas que permearam comentários demasiadamente centralizados pelo poder: “O comandante do 21º batalhão era um major comissionado, José Tomás Gonçalves, homem determinado e empreendedor, além de popular, não só por seus méritos como também pela estima que facilmente conquista uma fisionomia franca e simpática” (TAUNAY, 1997, p. 114). Referências às qualidades dos comandantes são evidências claras da posição do autor, não silenciosa e tampouco ausente nas escritas apologéticas. Se as condições de Taunay na guerra eram de fato ‘confortáveis’, por ocupar o estreito espaço dos oficiais e comandantes da expedição, permite-se o autor projetar nestas suas ‘miradas’ em seus textos? Embora não totalmente verdadeiras, mesmo que inquietantes para nós, aos olhares do homem de fora, a apreciação das circunstâncias que o levaram a agir e a relatar os movimentos militares como feitos extraordinários, mesmo que débeis e execrados pela violência aplicada e ao mesmo tempo, recebida.

Permeando essa discussão, Mário Maestri provoca uma reflexão ainda mais condensada, diante dos fatos da guerra contra o Paraguai:

As primeiras narrativas de vocação historiográfica sobre o conflito foram construídas após sua conclusão, nos últimos anos do Império. O golpe republicano de 1889 deu-se sob a égide da alta oficialidade do Exército, principal interessada na consolidação dessas leituras apologéticas. Esses trabalhos pioneiros foram, sobretudo obra de oficiais combatentes. Eles construíram-se através da seleção e organização dos discursos apologéticos desenvolvidos pelo Estado e pelas elites imperiais durante o confronto (MAESTRI, 2003, p.1).

Segundo Maestri, por volta dos anos de 1960, novos estudos foram realizados sobre a história e houve uma espécie de “rejeição das ‘narrativas totalizantes’ valorizou a proposta das novas histórias política e cultural que terminou restaurando as *velhas* interpretações idealistas e subjetivistas do passado” (MAESTRI, 2003, p.3). Novos estudos críticos revisionistas, que mostrou a guerra como genocida, como o texto de Júlio José Chiavenato, que publicou no Brasil *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*, criticando a intervenção e ação da Tríplice Aliança. Maestri assinala que “Em geral, esse revisionismo apresentou a guerra como ação imperialista e genocida apoiada pelos ingleses e explicou a resistência paraguaia a partir de pretenso caráter

modernizador do Estado lopizta. Destacou também a importância dos cativos libertados para lutarem nas tropas brasileiras”, referindo ao texto de Chiavenato. Sobre essa obra, Maestri (2003) ainda nos provoca, pois, diz, que “influenciou o imaginário histórico brasileiro porque galvanizou a difusa memória do rosário de horrores que fora a guerra, até então semi-soterrado pelo discurso patriótico”.

Lúcio Kreutz (1998) pondera que temos de levar em conta o dinamismo das relações culturais para compreender o dinamismo que liga as partes envolvidas, para se ler a trama das tensões e relações partícipes neste ato.

Na guerra contra o Paraguai, a identidade brasileira aprisionada pelo poder dos mandos do Governo Imperial apresentava-se dominadora, em contrapartida, esse poder subjogava os fracos (mesmo o povo brasileiro que a guerra massacrava financeiramente). Os opressores constituíam uma parte em que o poder – de uma forma centralizadora- ditava as ordens e os subordinados, obedeciam.

Maestri ainda comenta:

O livro *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, do historiador Francisco Doratioto, [...], constitui exemplo paradigmático do assinalado restauro historiográfico. [...] critica explicitamente o revisionismo paraguaio e latino-americanistas, propondo realizar *nova* e mais equilibrada leitura dos fatos (MAESTRI, 2003, p.3).

O escritor Alfredo Bosi (1994)⁴¹ escreve que os primeiros escritos na história da nossa literatura formam os textos de informação, que resgatam a história nos relatos dos viajantes. Por eles terem participado da formação da cultura brasileira, de seu ‘descobrimento’ e da formação da história pelos registros documentais redigidos ao longo dos séculos. Mais precisamente:

Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são *informações* que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro. Enquanto informações, não pertencem à categoria do literário, mas à pura crônica histórica e, por isso, há quem as omita por escrúpulo estético [...]. No entanto, a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições

⁴¹ BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura brasileira. 39 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno palavra-arte.

E não é só como testemunhos do tempo que valem tais documentos: também como sugestões temáticas e formais. E mais de um momento a inteligência brasileira, reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e do nativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro [...] (BOSI, 1994, p.13).

O mais curioso é que a *invenção* do Brasil prescinde dos índios, negros e mulheres. Canclini (2008) relata que em face do modelo europeu de globalização, as identidades assumem um processo de abstrair os traços que determinam a cultura. “Esses processos incessantes, variados, de hibridização levam a relativizar a noção de identidade. Questionam, inclusive, a tendência antropológica e a de um setor dos estudos culturais ao considerar as identidades como objeto de pesquisa” (CANCLINI, 2008, p.XXII - XXIII).

O discurso apresentado por Taunay trata-se de uma narrativa histórico-literária que possui vínculos que denotam a sua proximidade em relação à organização cronológica e espacial dos acontecimentos. Assim, como salienta Chartier (2002), há de se entender os textos pela interpretação das narrativas ficcionais, do público a quem foram dirigidas, às formas como foram lidas e os efeitos que surtiram em cada época. A reconstrução as diferentes formas como os textos foram entendidos, comentados e situados, reconstrói em parte a realidade da produção da obra literária. E a leitura que se deve realizar junto ao texto deve ser compreendida levando-se em conta vários fatores, principalmente por se tratar do homem em uma guerra no século XIX.

Maria Tereza Garritano Dourado (2005) nos apresenta uma nova ‘mirada’ sobre a guerra e as leituras memorialistas:

Ao longo do século XX, a Guerra do Paraguai foi abordada pelos memorialistas e historiadores mato-grossenses sob premissas específicas, sendo que o discurso histórico, com fortes conotações memorialistas, construído pelos intelectuais mato-grossenses, esteve, sempre, atrelado aos grupos que disputavam e partilhavam o poder, dando-lhes, principalmente, legitimidade (DOURADO, 2005, p.14).

E pensamos sobre os efeitos produzidos dentro de uma sala de aula, na qual é-nos apresentado um discurso construído, que mostra uma leitura sobre a história sempre dependente de quem produziu o ‘olhar’. Nessa premissa, o olhar dominante do autor foi-nos apresentado pela percepção do sujeito presente na guerra, sujeito do conflito

muito mais revelador para a história do que se encontra em um único relato, como *A retirada da Laguna*. Ao que nos perguntamos: esse discurso apresentado em sala de aula, nas narrativas apologéticas escritas com o olhar do homem sujeito da história, pelos relatos, apresentam muitas interpretações compreensíveis? Se essas leituras são feitas a partir dessas leituras envolvendo a própria história, como caberá entendermos as implicações das leituras apologéticas que apareceram no final do Império? Esses foram trabalhos deixados por oficiais combatentes que retratavam o confronto. “As primeiras narrativas de vocação historiográfica” foram organizadas através dos discursos apologéticos desenvolvidos pelo Estado (Império) durante a guerra. “As leituras apologéticas imperiais foram ampliadas após 1889” (MAESTRI, 2003, p.2).

Em lugar de uma explicação da ação de massas na história a partir da intervenção de personagens providenciais, impõe-se o entendimento da gênese de lideranças carismáticas, por mais exóticas, contraditórias e desalinhadas que sejam, como expressões, diretas ou oblíquas, de forças e interesses sociais profundos (MAESTRI, 2003, p.6).

O aporte teórico presente nos relatos de Taunay possibilitou – nos refletir sobre a posição histórico-literária dos seus textos. Também nos reporta à pesquisa dos eventos históricos que a obra aponta, mas que em alguns casos, omite. Essa omissão por parte do autor leva-nos a refletir e a tentar responder a pergunta que nos fazemos ao longo da caminhada: ao omitir, o autor esteve posicionando-se em favor de tal evento ou contrariando-o, se assim lhe fosse conveniente? Ao calar, ao silenciar, Taunay nos impele a refletir sobre porque se calou diante desse acontecimento? É a reflexão que nos fazemos neste primeiro capítulo: a historicidade dos textos de Taunay e de como o autor se posicionou diante dos fatos narrados.

3 A OBRA A RETIRADA DA LAGUNA NO CENÁRIO DA GUERRA

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
 Nos livros vem o nome dos reis,
 Mas foram os reis que transportaram as pedras?
 No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde
 Foram os seus pedreiros? A grande Roma
 Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu?
 Só tinha palácios
 Para os seus habitantes?
 César venceu os gauleses.
 Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
 Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
 Quem mais a ganhou?
 Em cada página uma vitória.
 Quem cozinhava os festins?
 Em cada década um grande homem.
 Quem pagava as despesas?
 Tantas histórias
 Quantas perguntas

Bertold Brecht

Neste capítulo, abordaremos o discurso presente na obra *A retirada da Laguna*, ao qual procuraremos volver um olhar mais crítico, porém não menos ciente da sua bagagem histórica. Nos relatos que Taunay nos deixou, há uma gama de informações que abarca desde os líderes presentes na guerra até os subordinados. Em *A retirada da Laguna*, essas informações tornaram-se, grosso modo, injustificadas, ao pensarmos que em outras obras o autor explicitou suas visões, sobre os acontecimentos, com outro olhar. Então nos perguntamos: Por que Taunay omitiu muitas informações no texto de *A retirada*? Como calou diante de alguns fatos importantes, como a presença das mulheres na guerra do Paraguai? Elas não estiveram realmente lá? A própria história contradiz Taunay. Sendo assim, a guerra se fez sozinha? Quem cozinhava? Quem cozia as roupas maltrapilhas dos soldados e da comitiva? Quem carregava os filhos nas costas, quando os cavalos já eram tão escassos? E em *Memórias*, o autor relata a presença das mulheres, contrariando os relatos de *A retirada*.

E mesmo os soldados foram-nos apresentados sem nomes, apenas como soldados. Foram eles que morreram afogados nos rios caudalosos do Pantanal; foram eles que enfrentaram os desafios da guerra e o inimigo, morrendo em abundância. E Taunay afirmou que eles foram os heróis. Perguntamo-nos: apenas eles? Os demais presentes nessa guerra sangrenta e tortuosa foram invisíveis? Aos olhares de Taunay, os índios estiveram invisíveis. Assim como os negros que acompanharam a comitiva de guerra e sempre foram colocados na dianteira, na frente do pelotão. Eram sempre os primeiros a morrer. No texto, Taunay escreveu que morrer pela Pátria é belo, é patriótico, é mostra de honradez. Por que então o autor não registrou seus nomes? Por que eles não foram mencionados? Algumas poucas etnias indígenas aparecem no texto de *A retirada*.

Como assevera Brecht, no poema “As portas de Tebas”, essas perguntas são muitas para serem respondidas. Quantas histórias, quantos estudos seriam preciso para descobrimos que em cada sujeito envolvido na guerra havia sua história, sua margem de *fama* que se esgotou naqueles campos, em alguns casos sem nem ao menos serem identificados, pois foram simplesmente abandonados. E os que retornaram, sem nome, sem identidade, sem terra, sem ninguém, ficaram a mercê da própria sorte.

3.1 A ESCRITURA DA OBRA A RETIRADA DA LAGUNA

Toda obra literária transcende o imaginário. Na obra *A retirada da Laguna* de Visconde de Taunay, não poderia ser diferente.

Ítalo Calvino em “Por que Ler os Clássicos” (1994) reforça a perspectiva da leitura/ releitura das obras consideradas clássicas, pois, a cada releitura, abrem-se novas descobertas tal qual a primeira. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer, sob esse aspecto, caracteriza-se pelo alto teor de inesgotabilidade. Com essa perspectiva, pensamos em produzir esse estudo, que sugere a leitura dessa obra tão instigante, com uma proposta literária, voltado para a História. Mesmo sabendo que *A retirada* é-nos apresentada em relatos aos quais Santos (2010) comenta como “relatos de guerra” ou “relatos de viagem”, trata dos sujeitos presentes na Guerra contra o Paraguai de forma literária. Porém, percebemos pelas imagens triunfalistas que Taunay nos apresentou os relatos, e nesses, os índios, como meros serviçais a mando da Pátria comparando-os com os selvagens paraguaios, o cruel

inimigo. É importante que entendamos: “o substantivo masculino ‘relato’ vem do latim *relātus*, que reconhece a relação, a descrição e a notícia sobre algo ou alguém” (SANTOS, 2010, p. 250). Santos comenta ainda que existe um poder que transcende a forma linguística e que aparece nos relatos de viagens, permeando sentidos que legitimam as formas várias de ver o mundo.

[...] vemos no relato de guerra, que também é um relato de viagem, *A retirada da Laguna*, de Taunay, a negação do outro como sujeito capaz de expressar uma civilidade, isto é, um modo de se portar em face do mundo. No caso, esse sujeito é o paraguaio e também os índios brasileiros que acompanhavam a expedição brasileira (SANTOS, 2010, p. 250-1).

O fato de Taunay ter sido um homem das Letras, provavelmente o influenciou nas escrituras de suas obras. Estudioso de línguas estrangeiras, como o Francês, que era a língua oficial de seus pais, Taunay sempre buscava descobrir coisas novas. Ambicioso e extremamente preocupado com a imagem, escreveu *A retirada da Laguna*, o episódio da retirada ocorrido durante a Guerra contra o Paraguai (1865-1870). Taunay não poupou esforços para demonstrar os ‘bons’ serviços à *pátria* e ao Governo Imperial, bem como à Coroa e a todos que tinham ligação com a política.

Foi por insistência do pai que Alfredo d’E. Taunay (1843-1899) com 25 anos incompletos e recém-chegado dos “fundos sertões” de Mato Grosso, decidiu finalmente colocar no papel – aproveitando a memória ainda fresca dos fatos e as anotações de um diário – as lembranças dos eventos dramáticos sucedidos a um punhado de soldados brasileiros perdidos nos confins desconhecidos do Império do Brasil, entre 1865 e 1867 (TAUNAY, 1997, p. 9).

Após o fim da guerra, pressionado a escrever, Taunay sentia-se tomado pela preguiça. Mas, de repente uma vontade, súbita surgiu, revelando-lhe as imagens que retornaram à sua memória “de modo tão claro e tão terrível, que tive violentos calafrios e tremi de emoção e positivo medo” (TAUNAY, 2004, p. 441). Assim, o autor foi anotando as imagens assustadoras da guerra contra o Paraguai, que lhe vinham à memória, com muitas consultas ao diário de secretário da comissão de engenheiros. Após vinte dias, estava pronta a primeira versão de *A retirada da Laguna*, em 1868.

Antes de iniciar a guerra, ao incorporar-se ao Exército Imperial, o autor pensou que isso parecia ser o ‘glamour’ da elite brasileira e a chance para conhecer novas

terras, do interior do país. Fora incumbido de anotar e informar, na forma de relatos em diários de guerra, os acontecimentos e os eventos que fossem se sucedendo naqueles campos. Cartas e relatos foram sendo enviados a Corte antes do término da guerra, mostrando as angústias e as lutas travadas pelo exército. E dessa aventura é o assunto de *A retirada da Laguna*.

O livro narra um episódio menor (nem por isso menos cruel e assustador) de uma guerra particularmente sangrenta: a coluna que avançou para Mato Grosso deveria ser apenas a vanguarda de um exército destinado a invadir o Paraguai (TAUNAY, 1997, p. 18).

Foi o autor que levou, pessoalmente ao governo, no Rio de Janeiro, as primeiras informações sobre a retirada. Esse episódio ocorreu durante a guerra e o exército brasileiro chegou finalmente vencedor. Os soldados exultantes comemoraram a vitória das tropas aliadas, mesmo depois de tantas perdas, tantas mortes e sofrimentos de ambos os lados. Porém, Taunay não permaneceu muito tempo no Rio de Janeiro: voltou para os campos de batalha tão logo redigiu seus relatos desse episódio, para deixar registrado.

Em 1868, foram publicados os capítulos iniciais de *A retirada da Laguna*, “um pequeno volume de pouco mais de cinquenta páginas, que não despertou atenção”, mas a versão integral, em 1871, muito elogiada, foi escrita e publicada por ordem do visconde do Rio Branco, ministro da guerra.

Taunay relatou que

As retiradas sempre despertaram grande interesse, não apenas porque são uma operação de guerra muito mais difícil e perigosa do que qualquer outra, mas também porque aqueles que as realizam, já não possuindo entusiasmo nem esperanças, entregues freqüentemente ao pesar, ao arrependimento por um erro ou uma série deles, têm de tirar do espírito, tão preocupado, os meios de resistir à fortuna, que os ameaça a todo momento com seus rigores. Tais situações extremas requerem o verdadeiro homem de guerra, e esta é sua marca: a constância inabalável (TAUNAY, 1997, p.32).

Sobre a obra *A retirada*, o autor acrescentou:

Resta-nos solicitar toda a indulgência para uma narrativa que não aspira a outros méritos senão àqueles dos próprios fatos relatados; foram extraídos de um diário escrito durante a campanha. O leitor vai descobrir aqui muitas incorreções, superfluidades, fatos repetidos: acreditamos poder deixá-los; são sinais de que se fala a verdade (TAUNAY, 1997, p. 33).

Ao escrever dessa maneira, o autor se isenta da responsabilidade por alguma ausência da verdade? Seria uma forma de encobrir algumas ‘falhas’ nos escritos, que por ventura o leitor mais adiante, no tempo ou mesmo nos mergulhos que dará na própria história, descobrir, vendo que Taunay omitiu discursos possivelmente relevantes e importantes para a história do país? Dessa forma simplista, Taunay retira-se da responsabilidade de ver os fatos que poderiam mudar totalmente a verdade, a ética, os costumes e a história de alguns povos indígenas, como os negros que estiveram incógnitos participando da guerra e que no final, não obtiveram o reconhecimento esperado e prometido pelos governantes. O mesmo podemos dizer dos indígenas, que por omissão do autor, não se tem certeza como lutaram na campanha. Não estiveram empunhando armas, guerreando, matando, mas estiveram presentes nos campos, nos *fronts*, e quando terminou a guerra, ficaram sem suas terras e, ignorados pelos governos, eram tidos como sujeitos subservientes e de baixo valor intelectual.

Resta-nos pensar como esta obra foi solicitada. Como o visconde teria pedido a Taunay para escrevê-la? Teria pedido (mandado) para que omitisse os fatos mais traiçoeiros e que comprometeria a visão da tropa junto ao Governo Imperial, assim como o autor o fez na obra? Atentamos às condições em que o autor se encontrava para questionar as ordens dos líderes: num campo de guerra e exposto a todo tipo de contradição e dificuldade, para Taunay fora mais fácil consentir com o visconde e obedecer-lhe às ordens. Desta forma, muitas informações contidas em outras obras suas não encontramos em *A retirada da Laguna*, visto que teria sido encomendada pelo Governo Imperial, sendo, portanto, um ‘recorte’ das informações reais.

Taunay presenciou cenas e fatos que transcreveu na obra, referindo sobre a população paraguaia:

Verdadeiros cadáveres ambulantes, roídos pela fome, trazem consigo ossos carcomidos com que procuram fazer caldos ou laranjas azedas, que poupam como alimento saboroso e de último recurso. Essas desgraçadas criaturas, niveladas com os brutos pelo sofrer incessante, acumulam-se junto ao depósito do fornecimento e aí ajuntam do chão grão por grão, o milho ou arroz que caía das sacas (TAUNAY, 1997, p. 22).

Trata-se de um relato de um homem do exército de como o povo inimigo se encontrava após acabada a guerra, em real estado de abandono pelos seus líderes. Resta-nos concluir sobre esse relatar de Taunay, que constitui uma forma de ‘minimizar’ a

destruição provocada pelos soldados brasileiros e, de alguma forma, ‘culpar’ o governo López pela miséria de seu povo e pela própria guerra, traços evidentes em sua narrativa.

No livro, encontramos uma referência do crítico Antonio Candido ⁴² “duas palavras poderiam sintetizar-lhe a obra, impressão e lembrança, pois o que há nela de melhor é fruto de impressões da mocidade, e da lembrança em que as conservou”.

A retirada da Laguna foi traduzida pela primeira vez para a língua portuguesa em 1874, por Salvador Mendonça; existem outras duas traduções: uma, de 1901, do barão de Ramiz Galvão (...), e outra, um pouco posterior, de autoria de Affonso de E. Taunay, filho do escritor (TAUNAY apud MEDEIROS 1997, p. 23).

Para levantarmos um estudo sobre *A retirada da Laguna*, foi preciso levar em conta outras obras, como a já citada *Memórias, Cenas de Viagens, Diário do Exército*, para termos uma visão mais completa dos fatos que o autor omitiu em *A retirada*.

O autor escreveu no Prólogo:

O assunto deste livro é a série de provações que a expedição brasileira, em operação ao sul da província de Mato Grosso, suportou durante sua retirada a partir da fazenda Laguna, a três léguas e meia do rio Apa, fronteira do Paraguai, até o rio Aquidauana, em território brasileiro, percorrendo ao todo 39 léguas em 35 dias de dolorosa memória. Dedico este relato a todos os meus companheiros de sofrimento, aos mortos ainda mais do que aos sobreviventes (TAUNAY, 1997, p. 31).

Rememorar. Antes de tudo, acreditamos que ao escrever *A retirada da Laguna*, Taunay estivesse rememorando, ao que Susan Sontag contribui:

Talvez se atribua um valor demasiado à memória, e pouco valor ao pensamento. Recordar é um ato ético, tem um valor ético em si mesmo e por si mesmo. A memória é, de forma dolorosa, a única relação que podemos ter com os mortos. [...]. Mas a história dá sinais contraditórios no tocante ao valor de recordar, quando se trata do período muito mais longo que corresponde a uma história coletiva (SONTAG, 2003, p.96).

As imagens que Taunay rememorou são de uma história coletiva. A história de quatro nações envolvidas e de uma guerra que precede a discussão que se apresenta. Ao recordar, as imagens que vieram à mente, poderosas, cruéis e tão reveladoras, como

⁴² CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004.

afirmou o próprio escritor, romperam o espaço do próprio tempo. Se recordar é um ato ético, como cita Sontag, haveria ética nos recortes que Taunay fez dos acontecimentos na guerra?

Ao escrever a obra *A retirada*, Taunay economizou nos detalhes e omitiu informações extremamente relevantes para a história, pois priorizou os seus interesses e do governo brasileiro. As imagens das atrocidades caracterizam o olhar de Taunay, um olhar a distância, que pode ter omitido fatos, como se eles nunca tivessem realmente existido. Sontag complementa: “Olhar não requer esforço; requer uma distância espacial; o olhar pode ser desligado...” E conclui: “Os mesmos atributos que levaram os antigos filósofos gregos a considerar a visão o mais elevado e nobre de nossos sentidos estão agora associados a uma deficiência” (SONTAG, 2003, p. 98). É dessa deficiência que queremos falar aqui. O autor, Visconde de Taunay, intensifica o olhar no qual a visão é cheia de rupturas e rasuras e distorce o pensamento, a organização do que se pode chamar de ‘funcionamento da guerra’. Dentro desse contexto, algumas passagens impregnadas da realidade dura da guerra garantem que o leitor de *A retirada* tenha as informações que, ao ver do escritor, sejam para gerar as imagens advindas da guerra na memória do leitor. Que as mortes por doenças, febres, diarreias, fome, bombardeios e inanição sejam imagens geradoras de sofrimentos tais, suficientemente capazes de organizar/ definir, na mente do leitor, a violência ocorrida naqueles campos de guerra. E determinado, Taunay tratou de deixar escritos todos os detalhes dessa luta, dessa invasão e desse massacre, tomando o cuidado de que as atrocidades maiores fossem publicadas após sua morte, nas *Memórias*. Pensou, o autor, em ocultar o que por ventura afetasse as nações envolvidas pela crueldade de seus atos, e correndo o risco que a autoridade impetrada pelo poder monástico de D. Pedro II, pudesse ser questionada, semeando dissabores.

Mas como contribui Sontag: “O que significa protestar contra o sofrimento, como algo distinto de reconhecer sua existência?” E prossegue: “Os sofrimentos mais comumente considerados dignos de ser representados são aqueles tidos como frutos da ira, divina ou humana” (SONTAG, 2003, p. 37). Ao que podemos perceber de forma muito coesa nos textos de Taunay. O sofrimento causado pelo inimigo e causador de mais sofrimentos, promoveu um círculo vicioso, de dor e morte, nos cinco anos que durou a Guerra contra o Paraguai. O espectador, visto aqui como o leitor de Taunay, é não somente um mero espectador, mas um membro fortemente representativo de poder, visto que as omissões ocorreram exatamente pelo que, acreditamos, Taunay estava

cuidadosamente movido pelos interesses monarquistas que tinha. Então, a esse leitor teria de serem omitidos os detalhes mais dramáticos, mais horrorosos ou mais bombásticos, fosse pelo motivo que fosse, recortados da realidade.

E o sofredor vai se bastar pelo sofrimento que tem. O sofrimento que a guerra produz é algo inimaginável para quem não estava lá. O sofrimento produziu lamentos e dor, mas não foi o bastante para responder às atrocidades que as imagens angustiantes da guerra promoveram.

O soldado paraguaio decapitado encontrado pelo grupo brasileiro, a desolação diante do grupo de coléricos que tiveram de abandonar à própria sorte, às águas pestilentas que muitos beberam e se contaminaram são algumas imagens ao que reporta o autor, sempre acrescentando seus adjetivos romantizados que pretendem destacar a situação retratada, dando-lhe especial ênfase.

Assim, *A retirada da Laguna* move-se pelo espaço das relações externas do Brasil com seus vizinhos geográficos – no caso de *A retirada*, o Paraguai – mas sobretudo como o Estado brasileiro inseria-se ou pretendia firmar-se em meio ao cenário do século XIX, marcado, *grosso modo*, por uma idéia, por um projeto de modernidade, de cultura e por uma proposta econômica –o liberalismo (SANTOS, 2010, p.249).

Na discussão, Santos (2010) ainda nos mostra que, nos seus relatos de guerra, Taunay “encenou o jogo de guerra, tomando como referência a categoria violência e como essa categoria se põe ao lado dos brasileiros e dos paraguaios” (SANTOS, 2010, p. 250). Ao destacarmos esse comentário da autora, não estamos nos desviando do nosso estudo. Estaremos isso sim, tentando compreender como o narrador de *A retirada* comentou, procurando usar, como referência para seus escritos, os olhares que atravessam os pertencimentos, os sujeitos e as condições em que se encontram, quando sua presença for notada. No caso de Taunay, a presença na guerra tornou-o sujeito do poder, tomando como forma de expressão o recorte, a ‘castração’ dos sujeitos pertencentes a guerra, e o olhar subvertido diante dos acontecimentos, aquele olhar da omissão, da negação do sujeito, como foi o caso da presença feminina.

Foi o que aconteceu com os relatos de viagens, perpassados pelo poder que emanava dos Estados metropolitanos/colonizadores, à cata de amealhar riquezas, de corpos e de almas, na confusa (para nós leitores do século XXI) confluência de uma missão mercantilista em sua versão salvífica (SANTOS, 2010, p. 250).

3.2 TAUNAY E OS INDÍGENAS: CRIAM-SE NOVOS OLHARES SOBRE O HOMEM PRIMITIVO

Em 1928, Mário de Andrade escreveu o romance *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter, uma obra com efeito e que foi um dos ‘pontapés’ para o surgimento do Modernismo no Brasil. Em um diálogo com o conquistador europeu e a *passividade brasileira*, apresentou-nos um quase ‘descaminho’ desse herói, em facetas irônicas, em que o personagem principal se aproxima do carnavalesco e da comédia. Mas, ao invés de Andrade mostrar um sujeito negativo, pretendia ao contrário apresentar-nos o hibridismo que imperaria na sociedade brasileira. Com um linguajar identificado com o povo, esse hibridismo⁴³ aparente no herói mostra ao leitor a nacionalidade brasileira, sem, contudo parecer negativo no sentido de desconstrução das identidades, mas no sentido de um processo deslizante pelo qual a nossa sociedade se torna híbrida.

Essa obra dá início a uma nova ‘visão’ do homem brasileiro que começa a questionar-se sobre sua mestiçagem, suas origens. Assim como o ‘herói’ Macunaíma, o brasileiro mostrou-se incrédulo de suas origens até certo ponto, mas os processos históricos não podem negar essa multiplicidade social e por consequência, também a cultural.

Apontamos essa reflexão, de forma simbólica, para mostrar como o índio passou por um processo de aculturação⁴⁴ ao longo da história. Explicamos melhor: Macunaíma também era índio, além de caboclo, mulato, branco, ou seja, ele era todos em um só personagem. Uma forma ‘caricata’ de personalizar o hibridismo cultural/social do povo brasileiro. Mas, pensamos, que Mário de Andrade, ao criar o personagem Macunaíma, provocou uma reflexão no leitor ousada e dialógica, fazendo com que se reflita sobre a própria existência, sobre o ‘existir’ de cada um.

Dentro da obra de Visconde de Taunay, *A retirada da Laguna*, voltemos nosso ‘olhar’ para tentar capturar nas linhas os adjetivos que caracterizaram o indígena. O

⁴³ O termo hibridismo cultural em Canclini (2008, p. XIX):...hibridização são processos socioculturais nos quais estruturas discretas, que existiam de forma separada, se juntam para formar novas estruturas, objetos e práticas. E em Hall: (2009, p.71) O hibridismo é um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade.

⁴⁴ Aculturação: Processo pelo qual duas ou mais culturas diferentes, entrando em contacto contínuo, originam mudanças importantes em uma delas ou em ambas. (Dicionário de sociologia-disponível em: www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc_a.html).

índio brasileiro foi-nos apresentado, sob um olhar em que a imagem rústica do homem primitivo recebe esse conceito a partir do olhar do homem europeu.

Parece-nos que o autor apresenta um olhar transversal da presença indígena na Guerra contra o Paraguai.

...vemos no relato de viagem, *A retirada da Laguna*, de Taunay, a negação do outro como sujeito capaz de expressar uma civilidade, isto é, um modo de se portar em face do mundo. No caso, esse sujeito é o paraguaio e também os índios brasileiros que acompanhavam a expedição brasileira (SANTOS, 2010, p.250-1).

Menegazzo (2001) considera, “Na literatura brasileira, o relato do Visconde de Taunay, *A retirada da Laguna*, é revelador do significado da chamada Guerra do Paraguai para a constituição de um estereótipo de mão dupla”. O sujeito estrangeiro faz uma imagem estereotipada do homem primitivo e este, por sua vez, alia-se à troca que se impõe e se torna parte do convívio entre as identidades, reinventando-as.

Com efeito devemos salientar que as identidades étnicas são representações afirmadas pela linguagem, isto é, pela construção de um discurso etnocêntrico que se garante pelo essencialismo cultural. [...] gerador de discriminações étnicas e raciais para justificar diferenças e diversidades de populações que passam a ser classificadas como nativas, aborígenes e tribais (FLORES, 2006, p. 6).

Como afirma Flores, os adjetivos usados para designar os sujeitos partícipes da guerra, como o índio, são reforçadamente descrições etnocêntricas e discriminatórias presentes no discurso de Taunay. Olhando para o século XIX é que prestaremos atenção ao que escreveu Taunay, nos seus relatos, mostrando-nos o homem indígena em passagens marcadas na história. Nas viagens das quais participou Taunay (1997) ao longo da guerra, o indígena foi retratado, pelo autor, ora como ser valente e corajoso, ora covarde e perigoso. Devemos lembrar-nos da posição de Taunay junto à guerra: foi um jovem engenheiro pertencente ao exército a mando do Governo Imperial, que acabou por tomar parte de uma luta junto ao Exército.

Quando a coluna chegou ao sul de Mato Grosso, refere Taunay, os índios que por ali foram ‘aparecendo’ eram resgatados pela comissão de guerra para seguirem a expedição. Ao que o autor colocou como sendo um serviço à pátria. Sobre a posição dos índios do sul de Mato Grosso durante a guerra, afirmou Taunay nas *Memórias* (2004): “Quando ecoou o primeiro tiro do invasor naquela vasta zona, cada tribo manifestou

tendências particulares. Nenhuma delas, porém, congraçou com o inimigo. O castelhano era por todos considerados, se séculos passados, credor de ódio figadal e irreconciliável”.

Segundo Neimar Machado de Sousa (2009)⁴⁵, em sua tese de doutorado “A Catequese colonial jesuítica na região do Itatim no século XVII”: “o pensamento colonial é um conjunto de representações que se fez ação e continua atuante no presente com relação aos povos indígenas.”

Não há sociedade presente sem relação com a colonial. A história é como arco e flecha, no dizer dos professores Kaiowá, ou seja, quanto mais o arco é retesado, mais longe, em direção ao futuro, a seta será lançada. O passado Guarani é um passado esquecido, negado e a causa desse processo não está no passado, mas no presente e tende a comprometer o futuro (SOUSA, 2009, p. 17).

Devemos a Taunay grande parte das informações que não se perderam ao longo do tempo, sobre os povos indígenas presentes na guerra e, sobretudo pelos apontamentos em que retratou esses povos após o término da guerra. Mesmo que muitas informações estejam omitidas, negadas ou depreciadas, o autor nos mostrou parte da cultura, das sociedades, dos costumes e da sabedoria desses povos.

Em seus apontamentos, Taunay reconheceu o índio como o ‘conhecedor’ da natureza e dos seus mistérios. Este conhecer era utilizado pelos expedicionários para salvar vidas, pois os indígenas conheciam as plantas medicinais, que foram usadas na cura de enfermidades como ferimentos na pele, queimaduras, diarreias provocadas pela má alimentação e a ingestão de alimentos estragados e águas contaminadas. As febres eram controladas pela infusão de plantas que os indígenas preparavam, pois os medicamentos eram escassos e não havia medicina suficiente na expedição para atender um grupo tão grande de pessoas, às vezes, doentes ao mesmo tempo.

No século XIX, os índios se subdividiam em bravios e mansos, como cita Manuela Carneiro da Cunha, (2008)⁴⁶, em *Política Indigenista do Século XIX*: “Há primeiro os Tupi e os Guarani [...]. É o índio que aparece como emblema da nova nação

⁴⁵ SOUSA, Neimar Machado de. **A Catequese colonial jesuítica na região do Itatim no século XVII**. São Carlos, SP: UFSCAR, 2009.

⁴⁶ CUNHA, M. Carneiro da. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo. In: **Política Indigenista do Século XIX**. São Paulo: Schwarcz, 2008.

em todos os monumentos, [...] é o caboclo nacionalista da Bahia, é o índio do romantismo na literatura e na pintura. É o índio bom e, convenientemente, é o índio morto.” E ainda cita o chamado Botocudo, conhecido como indomável.

Temos de pensar em Taunay como o estrangeiro (europeu) que estava nos lugares estranhos a ele e perguntar-nos: como Taunay enxergou o indígena? Seu olhar europeu percebeu o homem nativo, que esteve presente na luta e nos desafios da guerra? Perguntamo-nos por que o autor apresenta o homem rude, bárbaro e violento, ao longo dos relatos da obra *A retirada*, mas relata de forma menos estereotipada nas *Memórias* ou nos *Relatos de Viagens*? Assim apresenta-nos os índios que habitavam a região do sul de Mato Grosso: “O 17º batalhão recebeu então ordem para marchar além do ponto onde já se encontrava o 21º batalhão e fazer um reconhecimento sob o comando do guia Francisco Lopes. Um grupo de índios terenas e guaicurus que se apresentara ao comandante havia algum tempo acompanhado o batalhão” (TAUNAY, 1997, p.69).

Ao acompanharem a expedição, os indígenas pouco sabiam de sua serventia naquele lugar. “Os selvagens”, como eram descritos por Taunay, aparecem no trecho escrito por Afonso d’Escragnole Taunay, filho de Visconde de Taunay, em carta a Vossa Majestade Imperial Dom Pedro II, o Imperador do Brasil: “[...] quanto lhes foi possível, de conter o legítimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo furor do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares índios, vingativos como soem ser” (TAUNAY, 2004, p.43).

Nesta passagem, já se pode observar os relatos ‘floreados’ do autor sobre os índios. Em muitos momentos, percebemos na narrativa que os índios eram tidos como seres vingativos e violentos pelos integrantes da coluna, não amistosos e arredios. Havia a barreira da língua, que dificultava a comunicação entre a comitiva e os indígenas. Chamados de “seres primitivos”, com pouca comunicação com o grupo, e perguntamo-nos: como poderia haver comunicação se não se compreendia a língua? Em seu relato, Taunay citou em algumas passagens a dificuldade de entrosamento entre os índios e o restante da coluna.

Nessa jornada, os índios, por conhecerem bem a região, eram ‘usados’ para adentrar nas matas fechadas já que o sul de Mato Grosso era uma terra inóspita e que os soldados do Imperador e seus engenheiros pouco conheciam. Estes tinham de ser ‘poupados’ para a guerra, pois, os mantimentos eram escassos e as temperaturas oscilantes, deixavam os soldados extenuados. Os territórios eram bem conhecidos pelos indígenas que viviam na região. Eles faziam a derrubada da mata para a passagem da

coluna; em meio às imperfeições do cerrado mato-grossense havia plantas rasteiras cortantes e venenosas que formavam enormes feridas tornando-se infecções perigosas e febres dilacerantes. “A alimentação era obtida por meio de vegetais [...], da caça e da pesca no rio Aquidauana, onde iam preparar o peixe [...]. Os índios iam buscar reses tiradas aos invasores, à noite, pois que o gado era mantido sob vigilância. Os índios Guaicurus traziam-nas para o acampamento dos brasileiros” (GOMES, 1990, p. 131). Eram eles que escavavam o chão para enterrarem os mortos, faziam o “serviço sujo” e muitas vezes, chamados de violentos, pelas suas reações diante do inimigo, tinham que ser detidos pelo comandante da missão, conforme escreveu Taunay (1997, p.107).

Bittencourt (2000)⁴⁷ comenta que: “Existem aproximadamente 200 povos indígenas no Brasil que falam 170 línguas. Esta população corresponde, segundo estimativas, a 250 mil pessoas”. E complementa: “Os Guaicuru lutaram ao lado do exército brasileiro, enquanto os Terena, que sempre foram grandes agricultores, além de enfrentar o exército paraguaio, também participaram da guerra fornecendo alimentos para os combatentes” (BITTECOURT, 2000, p.19).

Sousa (2009) ainda afirma que os índios não foram vítimas inermes no processo de colonização, pois teceram estratégias de enfrentamento e negociação com os missionários, quando aceitaram benefícios políticos e econômicos, fortalecendo lideranças e garantindo melhores condições de vida. Esse sistema de negociação, observamos em Taunay, quando relatou a troca com o pai da índia Antonia pela sua mão, sistema de troca comum entre os Terena.

Contudo, em seus apontamentos, Taunay nos mostra a aproximação com os povos indígenas das regiões onde houve a guerra. Ele e o capitão-engenheiro Antônio do Lago, acompanhados de alguns soldados, tentando escapar do inimigo, chegaram a aldeia de Naxedaxe, local onde ficava bom número de Terena. O autor descreveu, em seus relatos, sobre este povo, que ao vê-los, os Terena assustaram-se pensando serem inimigos, mas logo descobrindo de que se tratava de soldados amigos da ‘Pátria’, forneceram alimentos aos soldados e a comitiva de Taunay.

Em outro contato com povos indígenas, o autor registrou que em cerimônias próprias, nas aldeias e mantendo suas tradições, o encantamento do homem europeu diante de rituais próprios de um povo primitivo:

⁴⁷ BITTECOURT, Circe Maria. **A História do Povo Terena**. Circe Maria Bittencourt, Maria Elisa Ladeira – Brasília: MEC.2000.

O curador ia cantando pela madrugada afora e então parava por um longo tempo. De repente ouvia-se, bem longe, o grito do macauã, que era respondido pelo curador. Os pios do pássaro iam se aproximando cada vez mais e no final o koixomuneti⁴⁸ começava a fazer as previsões. Taunay confessou ter ficado muito impressionado com a conversa entre o koixomuneti e o macauã e desenhou um deles (BITTENCOURT, 2000, p. 62).

Sobre as nações indígena, apareceram nos relatos do autor a nação Guaicuru, que vivia nos arredores do Rio Paraguai e, além desta, na região de Miranda, havia também a nação Chané, outro nome com que eram conhecidos os Guaná.

Conheci-os bem de perto, com eles convivi seis meses a fio e pude observá-los detidamente. E eram aborígenes de procedência e cunho mais elevados, chanés, de Mato Grosso que se dividem em quatro numerosos grupos - *choronós* ou *guanás*, *quiniquinauas*, *laianas* e *terenas* (TAUNAY, 2004, p.224).

Foi procurando uma passagem para a coluna, que Taunay descobriu Os Morros, perto da serra de Maracajú, na companhia de várias tribos indígenas, em 1867. Neste lugar, Taunay conheceu Antonia, uma bela índia da tribo Choronó (Guaná) e Chané.

Assim descreveu Taunay, quando deitou os olhos na índia Chané:

Muito bem feita, com pés e mãos singularmente pequenos e mimosos, cintura naturalmente acentuada e fina, moça de quinze para dezesseis anos de idade, tinha rosto oval, cútis fina, tez mais morena desmaiada do que acablocada, corada até levemente nas faces, olhos grandes, rasgados, negros, cintilantes, boca bonita ornada de dentes cortados em ponta, à maneira dos felinos, cabelos negros, bastos, muito compridos, mas um tanto ásperos (TAUNAY, 2004, p.269).

Quando o escritor conheceu Antonia, esta estava prometida em casamento ao Tenente Lili. Taunay não poupou esforços para conquistar a moça: tentou negociar o dote com o pai, Miguel Ângelo, um dote justo, que lhe permitisse ter a mão da bela índia. As negociações realizaram-se em poucos dias, “um colar de contas de ouro, que, em Uberaba, me havia custado quarenta ou cinquenta mil réis” (TAUNAY, 2004, p. 270), além de um saco de feijão, outro de milho, dois alqueires de arroz, uma vaca para corte e um boi de montaria” valeu-lhe a mão da pretendida. E concluiu:

⁴⁸ Koixumuneti nome dado ao rezador (pajé) responsável pela parte espiritual da aldeia Terena. (BALDUS, 1947).

Em tudo lhe achava graça, especialmente no modo ingênuo de dizer as coisas e na elegância inata dos gestos e movimentos. Embelezei-me de todo por esta rapariga e sem resistência me entreguei exclusivamente ao sentimento forte, demasiado forte, que em mim nasceu (TAUNAY, 2004, p.277).

E complementa:

Sentia-me deveras feliz no seio daquela esplêndida natureza, debaixo daquelas gigantescas árvores ou à beira de puríssimas águas correntes e na íntima convivência dos muitos índios terenas, quinquinaus, laianas e guanás que nos cercavam. Achava intenso prazer em com eles estar, em buscar aprender-lhes a língua doce, cheia de vogais, rudimentar nas combinações, a merecer-lhes elogios e estima (TAUNAY, 2004, p.249).

Podemos interpretar o texto da obra *Memórias*, exatamente na tentativa de dialogar com a obra *A retirada da Laguna*, buscando responder a algumas inquietações que nos provocam: como Taunay ‘aborta’ nesse texto, informações relevantes em relação aos povos indígenas? Por que nas *Memórias* é-nos relatado sem reservas e de forma explícita? Esse romance com a índia Antônia não poderia vir a público, na sociedade, porque provocaria escândalos? Depois de sua morte, a verdade vir à tona não seria mais um escândalo? Por isso, Taunay escreveu apenas nas *Memórias*?

O autor falou dos Terena que viviam nas margens do rio Paraguai, um povo “ágil e ativo”, que apresentava enorme mobilidade e que conservava as tradições de sua raça graças a um espírito firme de liberdade.

Vargas (2003) afirma: “Alfredo d’Escragnolle Taunay, um dos principais cronistas dessa guerra, afirmou que no distrito de Miranda havia mais de dez aldeias, constatando que os Terena formavam a maior população indígena da região” (VARGAS, 2003, p. 51). E acrescenta que Taunay “destacou a importância que as sociedades indígenas representaram para o exército brasileiro na luta contra os paraguaios, como soldados e conhecedores da região [...]”.

Os índios Terena foram incorporados à Guarda Nacional, assim como os demais índios: no entanto, eram eles, os Terena que compunham o maior número com 216, Kinikinao, 39 e Laiana, 20, que habitavam as aldeias próximas a Aquidauana. Na liderança desses índios, encontrava-se José Pedro, *capitão* dos Terena devido ao respeito e obediência que os indígenas tinham com ele, um *filho da civilização*, qualidade que pode ser atribuída ao fato dele ter sido educado por Frei Mariano de Bagnaia, na aldeia dos Kinikinao em Bom Conselho, valorizando-se assim, a educação religiosa recebida por esse índio, que recebeu o título de *capitão*, em 1867, concedido pelo Governo Imperial (VARGAS, 2003, p. 52. Grifo da autora).

Em meio a guerra, a destruição era algo iminente. Em Miranda, a tropa deparou-se com frei Marianno de Bagnaia, que vendo sua igreja destruída pelos inimigos em prantos, corria de um lado para outro, tentando recompor o lugar. No texto, Taunay denuncia que “o comandante (paraguaio) esforçou-se para convencer o missionário de que os M’baias eram os únicos responsáveis por aquilo” (TAUNAY, 1997, p.45), mas, Frei Mariano disse-lhes que ‘seus’ índios jamais fariam aquilo. Os índios M’baias eram assim chamados porque utilizavam o cavalo trazido pelo europeu, e que desenvolveram uma técnica de equitação e adestramento tais que surpreendeu a todos. M’baias era também o nome genérico que os soldados paraguaios davam aos índios de Mato Grosso.

Santos (2010) escreve: “Trechos há em que os índios que acompanham o exército brasileiro são censurados como selvagens – equiparados aos paraguaios, em sua maioria de ascendência indígenas – especialmente na profanação dos cadáveres...”. O que aparece na citação:

Os cadáveres paraguaios não arrastados a laço por seus compatriotas foram encontrados, todos eles, horripelantemente mutilados. O coronel censurou com violência os índios que haviam cometido tal profanação, ameaçando-lhes inclusive com a pena capital, se doravante desrespeitassem outra vez os mortos: foram tais a indignação e o temor que inspirou nos selvagens, que ficamos livres de semelhante espetáculo, até o final da campanha (TAUNAY, 1997, p.125).

E em meio à guerra Taunay comentou nas *Memórias* sobre os indígenas:

A quantidade de índios de raça *chané* (*terenas, laianas, quiniquinauas, e choronós* ou *guanás*), *guaicurus* e até *cadiuéus*, que são, contudo, pérfidos aliados, malvistas dos brancos, era considerável, todos a pedirem, em altos brados, armas e munições de que estava repleto o depósito de artigos bélicos, para correrem a preparar *tocaias* (TAUNAY, 2004, p.251).

Ainda comenta que alguns desertavam e outros se juntavam aos soldados para agirem em defesa e “ora atacando os paraguaios, ora assassinando famílias inteiras” (TAUNAY, 2004, p.255).

Sobre as mulheres Terena, o autor escreveu nas *Memórias* (2004): “São as mulheres geralmente baixas, têm cara larga, lábios finos, cabelos grossos e compridos e

expressão de inteligência [...]”. E acrescenta: “Raras dentre elas sabem falar o português: todas, porém o compreendem bem, apesar de **fingirem** não o entenderem”.

Ao que nos perguntamos: que conclusão foi essa que Taunay chegou? Uma deliberada forma de estereótipo sobre um povo rústico e por serem mulheres, dissimuladas? Mentiriam não compreenderem o português para demonstrar exatamente o quê? Como sabia Taunay que elas fingiam não entenderem? Pelo que podemos concluir que o autor apresentou uma visão eurocêntrica em relação a essas indígenas/mulheres, uma forma de subalternizá-las, visto que as diferenças eram tidas como inaceitáveis, como forma de rejeição e exclusão.

Segundo Flores (2006), as identidades étnicas são construções de um discurso etnocêntrico, que dá origem ao essencialismo cultural, o que segundo o autor, “é gerador de discriminações étnicas e raciais para justificar diferenças e diversidades de populações que passam a ser classificadas como nativas, aborígenes e tribais”. E conclui: “...o etnocentrismo não deixa de ser uma fronteira cultural que pode estimular experiências compartilhadas, mas também dele pode derivar preconceitos étnicos e mesmo aversões racistas” (FLORES, 2006, p.6).

É o que percebemos em Taunay? A diferença padronizada, pelo poder a ele impetrado, e pelas representações de poder por ele possuído na ponta da pena, poderia dizer tudo e calar/omitir também o que lhe conviesse. A diferença calada. Poderia ser talvez a justificativa para tamanha barbárie como foi a Guerra contra o Paraguai?

Sobre esse questionamento ainda nos perguntamos:

Quando o narrador, Taunay, refere-se aos selvagens, o faz tanto para (des) qualificar os paraguaios quanto os índios que acompanhavam a coluna brasileira. Que “mirada” é essa sobre o indígena do Brasil? Parece-nos o viés do estrangeiro, do colonizador, do imperialista que é, afinal, Taunay (SANTOS, 2010, p. 256-7).

Sem dúvida, é o poder que tornou as imbricações, tão necessárias para o crescimento intelectual dos sujeitos, ditames ‘de cima para baixo’, quando o indígena, retraído soube obedecer às ordens, aos mandos dos chefes e tornou-se um ser subserviente, que cumpria as ordens. Muito conveniente ao exército, ao poder e ao próprio Taunay, que tanto quanto os demais, soube se servir do homem simples como foi o indígena, naqueles campos de guerra. Podemos observar essa consideração quando

o autor de A retirada ‘negocia’ os dotes de Antonia com o pai. Serviu-se para seus prazeres da bela índia e em poucos meses abandonou- a para sempre.

Em alguns trechos, a admiração aos indígenas:

À luz de um magnífico amanhecer, víamos lá embaixo nossos soldados correndo na planície para o local do combate, e, mais além, os índios terenas e guaicurus que, tendo-se comportado como bravos auxiliares na luta, carregavam agora nos ombros os despojos dos cavalos que haviam conseguido tomar aos paraguaios (TAUNAY, 1997, p. 117).

Mas, durante a Guerra, em meio a tantas dificuldades, como a fome e a sede, e em meio a tantas privações, os saques eram evidentes e muitas vezes necessários para a sobrevivência da tropa.

Os auxiliares guaicurus e terenas não foram os últimos a se apresentar para o saque: na luta ao contrário, haviam demonstrado pouco entusiasmo, a tal ponto que, em nossa corrida, gritamos ao ultrapassá-los: “Vamos, bravos camaradas!” Agora sua indolência fora substituída por um ardor sem limites para a pilhagem. Tinham se espalhado até nas roças de mandioca e cana, trazendo de lá, sem demora, cargas sob as quais vergavam, mas sem retardar o passo (TAUNAY, 1997, p.94).

Os indígenas não lutaram com o inimigo com armas de fogo (havia o medo por parte dos líderes de serem atacados pelos “selvagens”, com suas próprias armas), afirma Taunay (2004). Estiveram nos campos de batalha auxiliando a expedição de forma que milhares morreram vítimas da fome, da cólera, do beribéri, das doenças como febres e outras. A falta de alimentos, de medicamentos e de atendimento também foi causa de mortes. Foram vítimas da guerra e do inimigo, expostos também aos pestilentos charcos por onde andaram, aos lamaçais e aos pantanais, cobertos de matas rasteiras e traiçoeiras que derrubaram grande número de indígenas e muitas mulheres. Houve também violência intelectual, passiva, que foi derrotando aos poucos a todos naqueles campos.

Os índios eram acostumados a viver em meio à natureza e, muitas vezes, alimentavam-se de raízes e plantas, às quais o homem branco desconhece como nutrição. Porém, as condições a que estavam expostos eram tão violentas que muitos pereceram no caminho.

Neste dia a cólera fez nove vítimas; registraram-se vinte novos casos. Francisco das Chagas, chefe dos terenas, chegou moribundo numa rede, carregado por seus homens. Estavam estes desgraçados selvagens completamente aterrorizados, mas já não podiam separar-se da coluna, pois toda a planície fora ocupada por um inimigo que, se os capturasse, sem dúvida os mataria com os mais horríveis suplícios (TAUNAY, 1997, p. 191).

Observamos vários trechos no texto, como os “selvagens”, ou cativos, assim chamados por Taunay, salvaram a expedição da morte. Em uma delas, há a passagem do rio Apa, um frondoso e volumoso rio, com águas caudalosas que com as cheias tornavam-se perigosas. Os comandantes pediram aos indígenas que mergulhassem até o fundo, para verificar a correnteza, percebendo o modo mais seguro para a travessia da comitiva. Os índios mergulhavam e descobriam o local mais adequado para transpor o rio, de forma mais segura, com armamentos e equipamentos de guerra. O autor citou um canhão, além de carroças com mantimentos e animais que seriam abatidos para a alimentação da expedição.

Taunay escreveu sobre um local do inimigo descoberto pelos expedicionários: “Nossos índios guaicurus já haviam visitado o lugar, durante um reconhecimento feito pelo tenente-coronel Enéas Galvão. Desta vez, nossos aliados indígenas queimaram com prazer o mastro e a cabana” (TAUNAY, 1997, p. 81-2).

Ao mesmo tempo aparecem relatos em que o autor revela a admiração pelo povo rústico:

Os que por largo tempo participaram da vida sertaneja têm um amor-próprio muito maior que os demais homens. Provém-lhes este sentimento do convívio com os selvagens, entre os quais, como se sabe, se revela veemente pela inabalável firmeza com que suportam os mais cruéis tormentos, infligidos pelo inimigo vencedor. Cerca de duas léguas ainda, andamos assim, embora estrompado (TAUNAY, 2004, p.119).

Nesse trecho de *A retirada*, o autor reconheceu a postura inabalável do homem puro e simples que seguiu a comitiva. Fala da firmeza com que suportavam os momentos mais cruéis e que, embora cansados pela violência da guerra, foram avante em sua luta.

Em meio a um sertão paradisíaco, que Taunay recriou com imaginação romântica e idealizada, a qual apareceu no romance *Inocência* (1872) e na novela *Irecê a Guaná*, incluída em *Histórias brasileiras* (1874), e foi assim descrito por ele: ”Sentia-

me deveras feliz no seio daquela esplêndida natureza, debaixo daquelas gigantescas árvores ou à beira de puríssimas águas correntes e na íntima convivência de muitos índios” (TAUNAY, 2004, p. 78). O autor referiu que “a novela ‘Terecê a Guaná’ por sua vez, foi fruto dos meses que conviveu com os índios, observando-lhes os costumes e tentando aprender a língua. Gabava-se Taunay ter sido o único escritor de sua geração a ter tido esse tipo de experiência”, nas *Memórias* (2004).

Os índios eram recrutados pelo Governo Imperial para prestar serviços militar, quando estivessem em estado considerado apto para o serviço. Almeida (2010) assegura que trabalhos recentes têm mostrado como os índios pensaram em estratégias e interesses para formar alianças com alguns grupos. Os índios fugiam de se alistar, das maneiras mais variadas, no da Guerra contra o Paraguai; desertavam, diziam-se doentes. Mas alguns participaram movidos, pode ser por interesses próprios.

Os índios que colaboraram na guerra do Paraguai, forçados ou não, souberam valer-se disso para reivindicar ganhos ao Estado, sobretudo territoriais. Pesquisas recentes em diferentes regiões, analisando a memória social de grupos indígenas da atualidade cujos antepassados participaram da guerra, revelam interessantes reelaborações do passado a partir de seus interesses do presente. Entrevistas e narrativas evidenciam o significativo papel da guerra na construção de memória coletivas dos grupos, no fortalecimento de suas identidades e, sobretudo, na afirmação da legitimidade de seus direitos sobre os territórios por eles ocupados (ALMEIDA, 2010, p. 148).

“A guerra só trouxe prejuízos, incluindo perda de territórios, e o fim dela não proporcionou terras, mas apenas patentes para os caciques” (ALMEIDA, 2010, p.123)⁴⁹. Os índios faziam-se valer dessas patentes para fortalecer as reivindicações e embora essas participações não tenham produzidos um resultado imediato, souberam fortalecer as memórias e as identidades dos grupos e a história. “Em reação os índios passaram a reivindicar a terra, alegando terem participado ativamente do conflito ao lado dos brasileiros em defesa dos interesses do governo e dos territórios por eles ocupados” (ALMEIDA, 2010, p. 149).

O processo de desterritorialização dos índios ocorreu a partir da guerra que miseráveis, sem terra, sem propriedades, ficaram à mercê da própria sorte. Segundo Vargas (2003), a tentativa de negociações com os índios, partindo do governo brasileiro, serviu para desarticular a sociedade indígena e o que, a princípio, parecia uma

⁴⁹ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

negociação de interesses, nada mais foi do que a desestruturação de sua organização social. Mais tarde, seriam os próprios índios ‘usados’ por proprietários de terras das fazendas particulares da região do sul de Mato Grosso, numa situação após guerra, um comércio ilegal, a base de troca como exploração da mão de obra especificamente, dos Terena.

É-nos dessa forma compreensível e urgente entendermos que no discurso de Taunay, a diferença estivesse silenciada. Buscaremos a diferença na diversidade dentro dos textos do autor, pensando em cotejar com o texto na tentativa de responder às nossas inquietações. Mesmo porque sabemos que as ‘fissuras’ que existem nas relações com o homem indígena, até nos dias atuais, permanecem e são consequência desse diálogo atravessado que por hora tentamos refletir.

Somente mais de um século depois, foi instituída a Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988, que revela um grande esforço no sentido de proteger os direitos e interesses das comunidades indígenas. No Capítulo VIII da Constituição de 88, encontramos nos artigos 231 e 232, ambos reconhecem os direitos dos índios em sua organização social e o direito às tradições e as terras, protegendo seus interesses. Porém, foi por volta de 1910, quando foi criado o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) que surgiu a ideia de defender e proteger o índio, que até então, era conhecido como um selvagem, sem quaisquer direitos. A Constituição de 1934 foi a primeira a dar proteção aos índios. E embora as leis existam, ainda permanece a necessidade de reformas urgentes em relação à causa indígena, por acreditarmos que muito se fala, mas pouco se faz em relação aos seus direitos.

Quando eu falo com vocês, procuro usar o código de vocês. A figura do índio no Brasil de hoje não pode ser aquela de 500 anos atrás, do passado, que representa aquele primeiro contato. Da mesma forma que o Brasil de hoje não é o Brasil de ontem, tem 160 milhões de pessoas com diferentes sobrenomes. [...] A importante pergunta que fazemos é: qual é o pedaço de índio que vocês têm? O seu cabelo? São seus olhos?... Para nós, o importante é que vocês olhem para a gente como seres humanos, como pessoas que nem precisam de paternalismos, nem precisam ser tratadas com privilégios. Nós não queremos tomar o Brasil de vocês, nós queremos compartilhar esse Brasil com vocês.

Marcos Terena - debate

3.3 TAUNAY, A COMITIVA, A NATUREZA E O INIMIGO: PERSONAGENS DE UMA MESMA HISTÓRIA

Na obra *A retirada da Laguna*, encontramos referências sobre a tropa e a cavalaria que avançaram sobre o Paraguai, com um contingente de cerca de três mil homens armados, como cita o autor, ‘mal preparados’ para a batalha. Nesse servir à ‘Pátria’, havia homens montados em seus cavalos empunhando armas, muitos a pé, em carroças ou em pequenas carroças que consideravam como meio de locomoção.

Vislumbrava-se um resto de crepúsculo, ainda quando o grosso da coluna chegou. Foi este o momento do atropelo e da balbúrdia: tantos objetos se avistavam sem dono, misturados e fadados à destruição. Cada qual tomou o seu quinhão, sendo exatamente os menos beneficiados aqueles que à presa tinham mais direito, pois o haviam conquistado sob o fogo inimigo e guardado, como propriedade pública, até o momento da depredação geral. Era este saque, aliás, legítimo, e não se teria podido, sem manifesta injustiça, recusar tal prazer aos soldados, que o haviam comprado e adiantado por uma série de meses de privações e fome (TAUNAY, 2004, p.76).

Taunay, em seus apontamentos, apresentou-nos homens de ‘valor’, como o guia Lopes, que conhecia a região como poucos e orgulhava-se desses conhecimentos e aludia: “Só eu e os índios cadiués⁵⁰ conhecemos aquilo tudo” (TAUNAY, 1997, p.59). E referindo-se ao companheiro de expedição: “José Francisco Lopes, o guia valoroso, o caboclo resoluto, o guia e condutor da coluna nos momentos difíceis, expirou no dia 28 de maio de 1867”, sem ter visto o fim da guerra. E assinala: “[...] só se entregou a morte, só arreou o corpo, só teve tempo de morrer, depois de haver salvo a expedição e tê-la conduzido à sua fazenda em Jardim” (GOMES, 1990, p.49). Essas imagens triunfalistas que Taunay nos mostrou ao longo de sua narrativa, apresentam os ‘valorosos’ homens de guerra conforme deixa claro nos seus relatos; um deles é o guia Lopes, sempre citado com extremo cuidado e valor. Do mesmo modo, o autor mostrou-nos personagens que acompanharam a expedição durante os cinco longos anos que durou a Guerra contra o Paraguai (1865-1870).

50 O autor Taunay cita dessa maneira no texto.

O grupo no comando do coronel Camisão encontrava-se com dificuldades, já no início da operação de guerra: “A ordem foi dada às tropas, mas ninguém sabia ao certo o rumo que seria tomado, [...]” (TAUNAY, 1997, p. 59).

O autor refere à comitiva de guerra fazendo uso dos adjetivos: “expedição, coluna, grupo, corpo do exército, comitiva e batalhão”. “A **expedição** permaneceu dois dias neste lugar, 28 de fevereiro e 1º de março.” e em: “Realizou-se a partida da **coluna** em 10 de abril, com bandeiras desfraldadas e música à frente [...]”. “O corpo do **exército** permaneceu 113 dias em Miranda, ou seja, de 17 de setembro de 1866 a 11 de janeiro do ano seguinte”. Também encontramos referências como: “[...] o corpo do exército pôs-se em movimento e, depois de atravessar o Sombrero, avançou para a margem direita do Apa, tendo na vanguarda o batalhão de voluntários” (TAUNAY, 1997, p. 90).

No dicionário Houaiss (2001), encontramos significados para algumas expressões/palavras usadas por Taunay em seus relatos, quando se referiu à tropa de soldados de um modo geral: Comitiva - grupo que acompanha alguém ou algo; Coluna - tropa em deslocamento ou alinhada em fila; Expedição - viagem para estudo de uma região, feita por um grupo; Grupo - reunião de coisas ou pessoas num todo; Exército - conjunto das forças armadas em combate; Soldado - homem alistado no exército, militar não graduado.

Para batalhão, são as insígnias que se referem ao número em que os grupos eram divididos. No final do livro de *A retirada*, Taunay faz referência ao 21º batalhão de Infantaria como o que mais se destacou no servir à ‘Pátria’, sendo o 12º, o que mais ardentemente lutou.

Nos relatos, Taunay considerou o soldado e a comitiva como os ‘heróis’ da guerra. Apresentou-os sempre com adjetivos reforçadamente apologético, com os quais registrou como uma ‘tropa digna de aplausos’.

E vemos quando Taunay referiu aos caçadores: “Nossos caçadores, mesmo obrigados a assumir outra postura, não perderam nada de seu aspecto marcial”, soldados da cavalaria ligeira. O autor denomina e distingue, os oficiais, dos demais membros do grupo com grande ênfase nas considerações. Quando citou o “grupo de oficiais” referiu-se ao de maior patente, e que assessora o comandante no planejamento e controle das operações militares. E ao citar o grupo de soldados, o faz reportando:

Um soldado cujo nome merece ser lembrado, Damásio, ofereceu-se prontamente para mergulhar no ponto da imersão, e, depois de reconhecer o fundo e voltar à tona duas ou três vezes para respirar, conseguiu passar em volta do canhão a corda que levava e que serviu para trazê-lo à superfície (TAUNAY, 1997, p. 235-6).

Reparamos que o autor reforça que esse soldado, em especial, merece ser lembrado e citado. Os demais, não mereceram?

“Em 22 de fevereiro de 1865, padre Marianno (...), entregou-se voluntariamente aos paraguaios para solicitar-lhes compaixão em favor da desgraçada paróquia” (TAUNAY, 1997, p. 44). A Igreja do frei Marianno de Bagnaia ficava na cidade de Miranda apesar de implorar ao inimigo para que poupasse sua paróquia, o que viu foi apenas destruição.

A natureza foi deveras traiçoeira. Em plena guerra, com as temperaturas oscilantes, os charcos (como chamou o autor) do pantanal roubavam as forças do grupo que tinha muitas vezes que lutar contra a natureza também, como um inimigo em potencial. E para essa luta não existiam armas, nem canhões capazes de eliminar o inimigo: ela mesma era o inimigo. Bruta, selvagem e cruel a natureza do sul de Mato Grosso mostrava sua aspereza quando lhe conviesse.

A natureza é-nos mostrada pelo autor Taunay (1997), ora como de beleza inigualável, ora como inóspita e rudimentar. E também vemos trechos como: “Todos esses lugares são de incomparável beleza”.

Conforme escreve Santos (2010): “Em A retirada da Laguna, o narrador nos mostra, por várias vezes, as **forças da natureza** e sua ação deletéria sobre o exército brasileiro”.

Algun tempo depois, tendo o vento se acalmado e a temperatura arrefecido um pouco, quisemos retomar a marcha; mas o sol, reverberando no terreno ardente e calcinado, transformou esta caminhada, durante o pouco tempo que pudemos resistir, numa provação que dos mais robustos arrancava gemidos involuntários: os olhos não conseguiam manter-se abertos naquela planície incandescente que atravessávamos (TAUNAY, 1997, p. 174).

Nos textos de Taunay (1997), encontramos referências a altas temperaturas, a dias chuvosos em que se formavam enormes lamaçais, quase intransponíveis pelas tropas, onde em alguns momentos, ficavam retidas devido às inundações. O autor relatou um momento em que ficou ilhado em cima de uma árvore:

Era obrigado a comer jatobá, um fruto seco e de árvore frondosa, cujas bagas contêm uma substância farinácea e doce, que existe nos campos e cerrados. [...] sentindo fome, sob o aguaceiro e longe dos seus, se pôs a chorar silenciosamente enquanto escrevia a lápis aquelas impressões do momento. [...] teve de passar a noite trepado numa árvore, amarrado nos galhos para não cair quando cochilasse (GOMES, 1990, p.113).

As queimadas também foram contadas no texto como uma barreira para o avanço das tropas sobre o inimigo. O autor citou: “Mesmo a erva rasteira desaparecera: tudo havia sido queimado” (TAUNAY, 1997, p. 56). Formavam-se imensas cortinas de fumaça que durante dias permaneciam indissolúveis, não permitindo nem mesmo a busca pela comida. Conforme consta das *Memórias* (2004), Taunay relatou a passagem do rio Taboco que delimitava a região chamada “boca do Pantanal”; a partir daquele ponto e até a fronteira com o Paraguai, não ocorriam as violentas inundações. Estas se estendiam até o Coxim, onde a expedição ficou imobilizada, antes de marchar para o rio Apa, divisa dos dois países.

No texto, há passagens que definem alguns desafios enfrentados pelo grupo: “Após longas hesitações, foi necessário, enfim, aventurarmo-nos pelos pântanos pestilentos situados ao pé da serra; a coluna ficou exposta inicialmente às febres, e uma das primeiras vítimas foi seu infeliz chefe, que expirou as margens do rio Negro” (TAUNAY, 1997, p. 40).

Taunay chamou a natureza de cruel e inóspita: era um inimigo a ser enfrentado. Das cheias, que deixavam os soldados ilhados dias sem poderem se mover, vinha a fome, que os torturava. À época das secas, grandes incêndios culminavam na queimada de campos e plantações inteiras, também resultando em abatimento da equipe. Os rios caudalosos e turbulentos que transbordavam e tinham de ser atravessados para fugir do inimigo, representavam um grande perigo aos soldados e à toda a coluna.

Há um diálogo entre Taunay e a natureza, esta, viva, representada pela imensa sabedoria que existe nos lugares quase inexplorados daqueles pantanais, que poderiam ter roubado até a alma do autor, mas preferiram deixar-lhe ir de volta para sua terra natal e contar ao mundo os destinos que passou nesse território.

Com a natureza, também fizeram parte nos relatos, o homem nativo e o homem que se deixou ‘embriagar’ pelas andanças e pelas terras cheias de desafios.

Em *A retirada*, percebemos um Taunay surpreso e admirado dessa natureza ímpar, um homem que mostrou imagens de uma visão poética pela natureza do sul de

Mato Grosso. Taunay escreveu em seus relatos sobre a beleza dos pantanais mato-grossenses, e citou as passagens quando do regresso da Corte, passando por Santana do Paranaíba, a cavalo, ao ver o rio Paraná:

[...] como é belo ali, já quase perto da confluência com o Paranaíba e o rio Grande. Que enormes massas d'água a se juntarem e a se desenvolverem com a denominação de Paraná. Quanto me entusiasmei aquela solene massa d'água a demandar, no incessante movimento, os longínquos espaços que tinha de percorrer ao estuário do Prata (TAUNAY, 1997, p.52).

“A estrada larga contornava bosques magníficos, repletos de umbuzeiros cujas desabrochadas perfumavam o ar à distância, de pequis carregados de frutos e das inesgotáveis mangabeiras”, cita Taunay no texto (1997, p. 47).

Os olhares do homem da cidade refletem a surpresa e o encantamento diante de tamanha diversidade:

São formosíssimos os acidentes geográficos. Os pequenos rios e regatos oferecem por todo o canto água excelente e abundante. Nossos olhos [...] deleitavam-se em contemplar planícies verdejantes, planos que apresentavam os mais poéticos contrastes sob as folhagens de cores vivas (TAUNAY, 1997, p. 47-8).

“Os contornos de uma cena majestosa da natureza” - o autor apressou-se em definições sobre a obra do Criador, chamou de privilégios aos olhos que podiam ver tamanha beleza.

Em *Memórias* comentou: “Sentia-me deveras feliz no seio daquela esplêndida natureza, debaixo daquelas gigantescas árvores ou à beira de puríssimas águas correntes e na íntima convivência de muitos índios” (TAUNAY, 2004, p. 249).

Esses encontros e desencontros com a natureza citados por Taunay atravessam os sentidos da relação de ambiguidade, que provocam a diferença. São os espaços e lugares ocupados pelas diferenças várias, dos que vivem essa diferença na pele; os lugares de indefinições políticas, sociais, culturais, econômicas ou étnicas. O tempo também é um desafio. São os espaços de desafios que o grupo e Taunay tiveram de enfrentar que, mesmo provocados, ousaram desafiá-los.

Taunay apresentou uma plena percepção da natureza e da confluência com o homem da guerra. A natureza foi observada pelo olhar do retratador; e neste olhar, o autor expôs sua luta junto à expedição de guerra.

Cabe aqui também citar como representação a recorrente ‘fama’ que nos textos encontramos quando da relação Taunay e natureza. Sendo Taunay um homem urbano, nascido e criado na cidade, mostrou-nos em seus relatos a surpresa com a natureza farta e insípida, muitas vezes, devastadora. Enchentes súbitas, queimadas violentas, poderiam ser provocadas pelo próprio inimigo.

Em outro momento, a natureza surgiu imperiosa e Taunay foi surpreendido pela sua beleza: “Belíssima palmeira o buriti, o encanto do sertão, um dos mais formosos adornos das paisagens do interior. Difícil é ver-se coisa mais elegante...” E complementa que “Nenhum outro escritor brasileiro, soube observar e descrever a nossa terra com tamanho poder de penetração e encantamentos tão profundos” (GOMES, 1990, p. 96).

A palavra “sertão”, na obra de Taunay é usada invariavelmente para nomear a região quase despovoada e inculta que ele percorreu desde Uberaba até a fronteira com o Paraguai, abrangendo, portanto o sul das províncias de Goiás e Mato Grosso. Essa região, [...] exibe duas características contrastantes: é às vezes “esplendorosa”, outras, “inóspita” (TAUNAY, 1997, p. 16).

O sentimento de solidão que tomara conta do grupo perpetuou-se durante a longa jornada da guerra. Os lugares inóspitos por que passou transformou as ideologias, a força e a ordem da campanha, que mesmo no enfrentamento ao inimigo, o grupo soube desvendar os louvores da natureza.

Os olhares de Taunay sobre a natureza, que percebemos nos escritos em *A Retirada*, remetem a uma forte relação de descobrimento, do homem diante da natureza inóspita, do cerrado mato-grossense, de beleza desigual.

O que percebemos na narrativa de Taunay é

...o contraste entre o civilizado europeu e o primitivo homem americano. Neste confronto, prevalece o interesse pelo desconhecido, o espírito desbravador do expedicionário. Assim, a superação da falta de civilidade é dada pela exuberância natural de um espaço visto como exótico (MENEGAZZO, 2001, p. 114).

A autora citada (2001) ainda comenta que a natureza é refeita em imagens paradoxais contrapondo o que aos relatores parece ‘inferno’ e ‘paraíso’, sempre reforçadamente observados pelos ‘olhares’ da cultura europeia.

Na cidade mato-grossense de Miranda, antes da partida da coluna para a guerra, o grupo apreciou a beleza do lugar de onde o autor comentou:

Com razão deram os guaicurus a este lugar o nome de Campo Belo (Laiiad). O sentimento de admiração parece ser privilégio dos povos civilizados; o homem primitivo raras vezes o manifesta, ao menos exteriormente. Os contornos de uma cena majestosa da natureza puderam uma vez, entretanto, penetrar o invólucro material do selvagem e unir o rude e maravilhoso espectador ao autor da obra. O primeiro guaicuru que olhou para esta região encantada não pode conter a exclamação de surpresa; com voz gutural e profunda, pronunciou a palavra *laiiad*, nome que lhe ficou para sempre (TAUNAY, 1997, p.48).

Excerto de texto da obra Céus e Terras do Brasil

A TARDE

Como vem linda a tarde!

Por entre as folhas do arvoredado ainda gotejante, e de um verde reluzente, lavado que foi do pó do dia, cada uma delas com a sua perola irada a tremular na ponta, surgem as cabecinhas travessas de um sem numero de passarinhos a pipilar, gorjear, trinar e chilrearem, batendo as azas, volitando, espanejando-se, bicando-se uns aos outros e perseguindo-se em folguedos de indescritível animação.

Naquela possante natureza ha momentos de indizível felicidade. Goza ela em toda a plenitude dos desejos.

O sol, porém, a mais e mais se inclina, desferindo raios já sem calorias de um vermelho intenso, que transformam a abobada celeste em coralina cúpula, rubescente para o lado do ocidente. Naquele fundo correm esteiras de luz, como ondas de ouro a rolar; e tão depressa se espraíam como fugazes se somem.

E as sombras a surgirem do seio da natureza, impacientes, sôfregas, como espíritos, se não malévolos pelo menos insistentes e raivosos.

E banha a terra o orvalho do crepúsculo como perfumosa aura.

E nos campos a mimosa sensitiva fecha com cuidado os delicados folíolos, dobra o pecíolo e vai dormir. A noite já chegou (TAUNAY, 1930, p.54).

Mas, em alguns trechos da narrativa, observamos o desespero da comitiva em relação à água:

Ali contávamos poder saciar a sede livremente, depois de um dia tão penoso, numa atmosfera abrasadora; mas só encontramos uma água turva e intragável, e, além disso, como chegamos tarde àquele triste pouso, o sol já posto, nada tivemos para dar, água ou capim, aos nossos bois extenuados, cujo olhar implorava piedade (TAUNAY, 1997, p. 160-1).

Taunay comentou em outro trecho de *A retirada*, cenas majestosas em que: “A natureza ali é admirável: corre a água, circundada por palmeiras, entre margens ligeiramente sinuosas e revestidas de grama baixa e macia, de belíssima cor verde-esmeralda” (GOMES, 1990, p. 80).

As chuvas torrenciais também marcaram profundamente aquela campanha: “Um vento violento e cortante lançava contra nós avalanches de água”, escreveu Taunay (1997, p. 89).

Com isso, o autor descreveu, em sua obra, a beleza farta da natureza recém-descoberta por ele no então Mato Grosso, intercalando sua admiração do meio excêntrico, diferente de tudo que lhe é conhecido:

...correm as águas frescas do Nioaque num leito quase inteiramente de arenito vermelho, compondo grandes lajes. Em vários lugares, o trabalho da corrente sobre a pedra é tão notável que mereceria a atenção e o estudo do geólogo. Mas, quem sabe, sábio ou artista, não encontraria generosas colheitas nestes campos maravilhosos? (TAUNAY, 1997, p.49).

Podemos perceber no texto de Taunay que a forma romantizada da escrita em que emprega adjetivos que intercalam admiração e, para os relatos de guerra, são, grosso modo, conflitantes. Lembremo-nos de que Taunay fez parte da época literária no Brasil, o Romantismo, e dentro deste na categoria regionalismo, movimento no qual foi um dos principais autores. Características visíveis em sua obra expressam uma imensa necessidade de empregar adjetivos intensos e marcantes, pela elaboração da narrativa e o emprego contínuo desse recurso estilístico.

E sobre as queimadas disse: “À nossa volta, tudo era fumaça, trevas e vapores ardentes: morreu asfixiado um dos nossos soldados” (TAUNAY, 1997, p. 190).

Do mesmo modo aparecem relatos como: “Após algumas hesitações, foi necessário, enfim, aventurar-nos pelos pântanos pestilentos situados ao pé da serra”. E os incêndios e a imensas inundações promoviam espetáculos que em muitos casos beiravam a catástrofe: “Este incêndio [...] empurrados pelo vento reinante, mais formam as chamas... que se espalham em todas as direções... animadas de um furor implacável. [...] saem clarões dilacerantes, ardores que cegam e queimam a pele do rosto” (TAUNAY, 1997, p. 173).

Sobre as chuvas, enchentes, cheias e na época dos incêndios, Taunay escreveu:

Seria o calor insuportável dos incêndios, que fazia nosso sangue fervilhar, ou a intoxicação provocada por todas as substâncias vegetais

que devorávamos: hastes tenras, frutas verdes ou podres? Ou, finalmente, a insalubridade do ar, viciado pelas águas estagnadas das lagoas e dos brejos, numerosos na região? (TAUNAY, 1997, p. 191).

Na beleza dos lugares explorados, havia também o encantamento:

São formosíssimos os acidentes geográficos, Os pequenos rios e regatos oferecem por todo canto água excelente e abundante. Nossos olhos já não precisavam pousar sobre as tristes perspectivas dos pântanos; ao contrário, deleitavam-se em contemplar planícies verdejantes, planos que apresentavam os mais poéticos contrastes sob as folhagens de cores vivas (TAUNAY, 1997, p.47-8).

Enfim, o encontro com a comida: o laranjal prometido pelo guia Lopes. “O que descobriram foi a tranqüila morada de nosso valoroso guia, rodeada por um belo laranjal, realização tão agradável quanto completa das promessas de Lopes e de todas as descrições que nos fizera de seu pomar” (TAUNAY, 1997, p. 218). Muito esperada pelo grupo foi a descoberta desse laranjal. Ele se encontrava nas terras do guia Lopes, que prometera para o grupo chegar até suas terras, pois lá encontrariam comida. O laranjal, comentou Taunay, salvou da morte pela cólera o restante da coluna em que se encontravam alguns miseráveis homens mortos de fome e com febres. A vitamina C encontrada nas laranjas os salvou da morte.

O inimigo maior foi sem dúvida Francisco Solano López. Ao apresentar sua obra *A retirada da Laguna*, Taunay nos mostrou que a invasão do Paraguai se deu para atacar o governo López, fosse na sua supremacia ditatorial, a qual Taunay se referiu; jamais se pensou em atacar o povo paraguaio. Mas a guerra tomou proporções gigantescas e afetou a todos, sem distinção. O povo paraguaio foi sacrificado e massacrado.

Podemos pensar com Fausto (2001) sobre a formação da sociedade brasileira da época e tentarmos compreender como se deu as ‘junções’ políticas do Brasil Império. Havia rivalidades políticas ou pessoais e o jogo de interesses afetou os partidos imperiais? A política não se reduzia apenas ao interesse pessoal, havia um interesse maior na luta pelas migalhas do poder.

“Foi, para assim dizer, necessário matar o último paraguaio para se chegar ao terrível e fatal ditador, pelo qual se fanatizara aquela infeliz nação, digna por certo de melhor sorte e outros ideais”, grafou Taunay nas *Memórias* (2004, p. 257).

Tudo em volta do grupo de expedição parecia representar um inimigo: os paraguaios, com certeza o próprio inimigo; a natureza, como veículo das intempéries e dos imprevistos que apresentou à própria coluna; as necessidades que não poderiam ser satisfeitas, como fome, sede, doenças como febre, beribéri, cólera e outra forma de violência que pode ser vista como a presença implacável do inimigo: “a deserção. Desapareceram 24 soldados da linha de defesa do acampamento”.

O autor citado comentou que a água dos rios e brejos que encontravam pelo caminho, contaminados pela cólera, poderia ser “o mal trazido pelo próprio inimigo” (TAUNAY, 1997, p.191).

“A arma branca não poupou menos o inimigo do que as balas e a metralha. Vimos homens cavaleiros espetarem-se em nossas baionetas e assim expirar pelo sabre” (1997, p.144); Taunay afirmou quando das munições terminadas os soldados começaram a usar os punhais e baionetas que portavam.

Comum percebermos nos relatos de *A retirada*: “Estes selvagens, que massacraram tanta gente e devastaram toda a região quando ela estava indefesa, [...] sabem que podemos fazê-los expiar, em seu próprio território, todo o mal que nos causaram”, mensagem do coronel ao grupo da expedição brasileira (TAUNAY, 1997, p. 118).

“Encontramos Miranda destruída. Os paraguaios incendiaram a vila antes de se retirar: parte das construções fora queimada,” [...] e tentaram colocar a culpa nos índios M’bais (TAUNAY, 1997, p. 43).

Observamos os paraguaios sobre o exército do inimigo, publicado no jornal *El Semanario* (citado em Taunay, 1997, p. 279): “[...] o exército que vinha apoderar-se de nossas povoações, escravizar nossas famílias e traçar sua linha divisória, despedaçando nosso país, sucumbiu à aparição da falange Paraguaia do Norte. Ela pode dizer como César: Vim,vi, venci.” Esse laurel López presta a si próprio e ao exército paraguaio ou ao que restara das tropas paraguaias. Segundo autores já citados, apenas crianças e velhos sobraram no Paraguai, no final da guerra. Mas diante da iminente retirada, López tenta enaltecer as tropas para impressionar o povo. E ainda continua: “A tropa inimiga estava então reduzida a menos de quinhentos homens; mas eram cadáveres ambulantes, reduzidos ao estado mais calamitoso e desesperador” (TAUNAY, 1997, p. 278), porém, sabemos que as tropas paraguaias estavam em pior sorte que as brasileiras. Aqui López frisa sobre a cólera que se abateu sobre o grupo de brasileiros, porém não comenta sobre a doença no grupo paraguaio, que matou centenas ou milhares deles.

Porém, Taunay (1997) expõe o ‘olhar’ do outro lado da fronteira: “Os inimigos perambulavam pela região de coxim, Camapuã, Vacaria, Porto Souza e outro lugares circunvizinhos, tendo construído em Forquilha, confluência do Nioaque com Miranda, um destacamento que mantiveram até 1866” (GOMES, 1990, p.130).

[...] o destacamento paraguaio, não temendo mais ser atacado e talvez cheio de desprezo por nosso pequeno grupo atirado sem cavalos nas grandes planícies pantanosas, onde o homem a pé é objeto de escárnio, teve a audácia de manifestar, com seu comportamento insolente, o desdém que lhe inspirava a inferioridade dos nossos recursos militares, [...] A negligência afetada daquela atitude encheu-nos de indignação (TAUNAY, 1997, p. 87-88).

Ao serem atacados pela linha de frente do pelotão de atiradores da Aliança, “Recuaram os paraguaios, mas sem perder o brio”. O autor esforça-se para promover uma sensação de quase bem-estar no leitor, para inflamar-lhe os ânimos: pensemos que a guerra infligiu as sensações mais estranhas e Taunay esteve participando de todas essas desventuras. Então, podemos imaginar que o autor tenha tido um minuto de súbita lucidez (ou seria falsa) para propor essa afirmação. Questionemos a postura de Taunay.

No final antes da retirada, Taunay considerou, voltando aos pensamentos perturbadores e revoltantes do homem da guerra: “Deus reservara a esses infames um castigo ainda maior: a cólera. Expição justa que a providência divina lançou sobre a cabeça dos infames que quiseram escravizar um país cristão e livre!” (1997). Nos textos do autor [sic], as atrocidades por parte do inimigo, são relatadas, como o soldado brasileiro já muito machucado, que se perdeu do grupo e caiu nas mãos do inimigo. O líder paraguaio responde: “Não matamos cadáveres; queremos é o seu comandante”, e atiraram-no ao chão dando-lhe enorme surra, complementou Taunay (1997, p. 229).

A cólera também foi um terrível inimigo, assim como a fome, como a beribéri, como todas as formas de violência que provocaram as mortes, até mesmo os afogamentos, já que muitos índios e soldados se aventuravam para descobrir passagens, nos rios. “A que devíamos atribuir essa irrupção da cólera, ou melhor, a que não podíamos atribuí-la? Seria a carne estragada que éramos obrigados a ingerir, ou a fome que padecíamos quando o nojo era maior do que a necessidade?” (TAUNAY, 1997, p. 191).

“Contudo, não obstante o aspecto ameaçador do rio, alguns nadadores audaciosos, impelidos pela fome, atiraram-se na água e, contrariando a expectativa

geral, após um grande esforço atingiram a outra margem; não encontraram ali vestígio do inimigo” (TAUNAY, 1997, p. 218).

No trecho abaixo, uma parte do *El Semanario (Asuncion -13 de Julio de 1867)*, de quando o governo López, informa ao povo paraguaio as notícias da guerra:

O resto da coluna seguia adiante, deixando atrás grande número de desertores e cadáveres. Chegou à margem do Mbotetei, que não dava passagem, e teve de ali permanecer por cinco dias. Foi onde a epidemia causou os maiores estragos em suas fileiras, e também onde morreu o chefe da expedição, Camisão, seguindo-o no sepulcro seu imediato, o tenente-coronel Galvão (citado em TAUNAY, 1997, p. 267).

López na tentativa de exaltar o ânimo patriótico da população de seu país, procura justificar os exageros cometidos pela comissão militar e desqualificar o soldado brasileiro, que acabara de ocupar seu país. O inimigo relatado acima refere ao grupo de soldados da Tríplice Aliança.

O inimigo que em todo seu vigor e força fora impotente para competir com nossos soldados, doente e fraco não teve a resolução de fazer a mais mínima tentativa de ataque (Trecho de *El Semanario* citado em TAUNAY, 1997, p. 276).

Há também outra citação em que aparecem as impressões bem claras de López sobre o inimigo:

O desastre desse exército repercutirá como um golpe terrível sobre o ambicioso Imperador, que vê assim desfeitas uma de suas maiores esperanças, e dar-lhe-á uma nova convicção de que seus escravos jamais conquistarão a terra dos livres (trecho de *El Semanario* citado em Taunay, 1997, p. 279).

Esses comentários de López justificariam em parte as atrocidades feitas ao seu povo? Poderíamos pensar que somente o exército brasileiro seria o ‘culpado’ por tamanha barbárie impetrada ao povo paraguaio?

Vemos em Guido Rodrigues Alcalá (2007) a mostra da violência cometida, no território paraguaio, especialmente às mulheres paraguaias. Vemos no artigo de Maestri (2003), quando contesta as informações da guerra, como Doratioto afirma ter sido a Guerra contra o Paraguai o maior genocídio da América Latina, contestado por Maestri; ao que, perguntamos: uma crise política e econômica injustificada como aponta Maestri, seria de interesse de quem? Se essa guerra tencionou a todos os países

envolvidos, fosse da forma que fosse, como podemos julgar a nação que atacou como a única responsável pelos erros? As atrocidades todas foram cometidas por um único exército? Se devemos considerar a ‘culpa’ como sendo de ‘alguém’, seria essa culpa dos líderes das nações envolvidas no conflito, ou quiçá dos que guerrearam e morreram? E nos questionamos: seria o ‘culpado’ o inimigo, o cruel, o portador da má sorte, o crudelíssimo, o agressor, o que mata e o que destrói? E para o povo paraguaio, não teria sido o seu líder o maior inimigo que teve? O mais cruel e traiçoeiro, o que exterminou famílias inteiras em nome de uma ditadura, de uma obediência ‘castradora’ a que podemos chamar de carnificina? Essas observações não excluem, no entanto, a obrigatoriedade do exército brasileiro de entrar no Paraguai para exterminá-lo. E foi o que realmente o fez.

Gomes comenta, referindo ao “grupo de concentração de prisioneiros” chamado Espadim, “[...] já próximo ao local, a coluna libertadora encontrou o quadro sinistro das degolas, em massa, de homens, mulheres e crianças, espalhados pelo chão. Com a notícia da chegada dos libertadores⁵¹, os carrascos decapitavam muitos prisioneiros.” (GOMES, 1990, p. 155).

E quase no final da guerra, Taunay afirma nas *Memórias*: “E quando se davam esses deslocamentos, inúmeras famílias, no maior grau de magreza e fome, vinham acolher-se à proteção das armas brasileiras, o que agravava, cada vez mais, o peso da nossa imensa bagagem” (TAUNAY, 2004, p. 463).

3.4 A PRESENÇA DA MULHER NA GUERRA: A NEGAÇÃO OU O SILENCIAR

Em junho de 1938, Virginia Woolf publicou *Três guinéus*, suas corajosas e mal recebidas reflexões sobre as raízes da guerra. [...] homens (em sua maioria) gostam de guerra, pois para eles existe ‘uma glória, uma necessidade, uma satisfação em lutar’ que as mulheres (em sua maioria) não sentem ou não desfrutam. O que uma mulher [...] sabe sobre a guerra? Pode sua repulsa ao fascínio da guerra ser como a dele? (WOOLF apud SONTAG, 2003, p. 9).

É espantosa a necessidade da guerra. Ela é o diamante bruto que tem de ser polido, para os que fazem dela a razão da vida, ou da morte. Conforme as autoras acima

⁵¹ Gomes (1990) refere-se aos libertadores como sendo os soldados brasileiros. Os carrascos eram os soldados paraguaios. Está referindo quando as tropas da Tríplice Aliança entraram no Paraguai após o término da guerra, já perto de Iguatemi, encontraram o quadro desolador.

citadas comentam, as mulheres não tem essa necessidade; para elas, o fascínio que a guerra desperta nos homens, apresenta-se em forma de repulsa, de medo e de terror pela proximidade com o espetáculo aterrador que é a morte.

A guerra é opção de um grupo contra o outro porque ela é tão antiga quanto a história e tão universal quanto a humanidade, mas é uma atividade da qual as mulheres, com exceções insignificantes, sempre e em todos os lugares, ficam excluídas, nunca figurando como atores principais (DOURADO, 2005, p.10).

Maria Tereza Garritano Dourado (2005) aborda em sua dissertação de Mestrado a presença feminina na Guerra contra o Paraguai, em trechos como o acima citado. Ela questiona as lacunas deixadas nos relatos e nos documentos de guerra, pela historiografia que aborda as mulheres como seres secundários, em uma narrativa na qual o principal personagem é sempre masculino.

Dourado escreve: “Homens no poder escreviam sobre homens transformados em ‘heróis’.” E discorre: “Até que ponto Taunay é uma fonte fidedigna? Assim, escrever sobre ‘silêncios’ significa, também, desmistificar as lembranças colhidas e reelaboradas de acordo com os interesses do momento. Como simplesmente aceitar o seguinte juízo?” (DOURADO, 2005, p.15). E complementa: “A historiografia brasileira sobre a Guerra do Paraguai é ampla e bastante diversificada; tanto nos estudos dados como ‘clássicos’, como naqueles de pouca projeção, as mulheres são negligenciadas” (Idem, p.14).

A autora citada amplia a discussão acerca da presença das mulheres na guerra, ciente da atuação feminina não apenas do lado brasileiro, mas também e, principalmente, paraguaio. Em documentos, a autora comprova esta presença, analisando a história da guerra e a presença das mulheres, que atuaram junto aos homens, sem distinção e ainda sofrendo preconceitos, pois algumas sequer traziam um sobrenome. Eram tratadas como um ser desprezível e violentadas pelo inimigo.

De fato, quando se fala em guerra, tradicional esfera de poder exclusivamente masculino, nunca se pensa em mulheres e crianças, mas elas penetraram e atuaram num universo que não lhes pertencia. Na teoria, a guerra era um universo de homens, armas, cavalos, fome, doenças, mortes, etc., mas, na prática, as mulheres tiveram um papel na Grande Guerra, tanto as brasileiras como as paraguaias, formando um segmento significativo, na retaguarda e nunca passivo, como mães, esposas legítimas ou não, enfermeiras, prisioneiras escravas, fugitivas, etc., atuando nas mais diversas frentes de trabalho e

enfrentando, junto com os homens, tudo o que uma guerra proporcionava. Mesmo que a escassez das fontes e o número pouco significativo de estudos que tratam da história social mato-grossense como um todo dificultem os trabalhos sobre o tema, cotejando-se os memorialistas com as pesquisas mais recentes, é possível avançar na história das mulheres que estiveram na Guerra do Paraguai (DOURADO, 2005, p.50).

Também as representações femininas na guerra são comentadas: “Dentro da percepção de alteridade, analiso as representações femininas paraguaias...” e conclui: “A guerra não traz apenas uma história de fixação de barreiras físicas e mentais, mas condensa uma história de diferenças externas e internas” (DOURADO, 2005, p.21). As diferenças que são observadas pelo ‘olhar’ masculino de Taunay, um olhar que é-nos revelado em sua literatura. Comentando sobre: “[...] os vestígios, ou simplesmente as pistas, muitas delas historiográficas, que auxiliam na tentativa de compreensão do papel desempenhado pela mulher simples, em muitos casos marginalizadas socialmente” (Idem, p.21).

Gomes escreve sobre Espadín, na região de Iguatemi, uma espécie de campo de concentração onde foram levados prisioneiros de López considerados traidores. Especialmente as mulheres padeceram nesse local: “Era espantosa a situação daquelas mulheres nesse local fatídico, onde já haviam morrido centenas delas, depois do martírio indescritível.” E conclui: “Contavam-se 1.200 dessas desventuradas mulheres exiladas naquele famigerado local” (GOMES, 1990, p.155). Gomes refere ao quadro desolador encontrado pela coluna libertadora (assim chamado ao grupo de soldados brasileiros): ao encontrarem degolas em massa, de homens, mulheres e crianças espalhados pelo chão.

Guido Rodriguez Alcalá (2007) reporta que “As mulheres são ‘carne de canhão’,”. Nesse trecho, o autor refere às mulheres paraguaias que foram para o enfrentamento com o inimigo, quando os homens já não eram em número suficiente. E nos mostra um exemplo, dos muitos citados em seu livro *Residentas, destinadas y traidoras*, abaixo:

Outro testemunho pouco romântico é o de uma destinada do Espadim, Sra. Dorotéa Duprat de Laserre, enviada ao Espadim porque seu pai, seu irmão e seu esposo haviam sido executados como prisioneiros políticos no processo de San Fernando, e a senhora Duprat foi destinada e como tal compartilhou da mesma sorte da Sra. Concepcion

Domecq de Deculd,, mãe de José Segundo Deculd, fundador do partido colorado e de Hector Deculd conhecido historiador. Qual o crime da senhora? Ser a esposa de um dos organizadores da legião paraguaia. Certamente a senhora se encontrava em Assunção quando começou a guerra enquanto seu marido em Buenos Aires ativava contra o governo de López. De todo modo a mulher teve que sair de Assunção, como traidora e peregrinar em companhia de quatro filhos menores de idade (ALCALÁ, 2007, p. 10. Tradução nossa).

Na obra *A retirada da Laguna Taunay* negligencia a presença feminina na Guerra contra o Paraguai. Nas *Memórias* nos apresenta uma leitura mais detalhada e sem tantos “recortes” como o fez em *A retirada*, comprometendo a posição das mulheres em todos os momentos da tomada.

Taunay, ao silenciar sobre a presença feminina na Guerra contra o Paraguai, desperta a pergunta: elas não estiveram realmente lá?

A historiografia brasileira sobre a Guerra do Paraguai é ampla e bastante diversificada; tanto nos estudos dados como “clássicos”, como naqueles de pouca projeção, as mulheres são negligenciadas. Ao longo do século XX, a Guerra do Paraguai foi abordada pelos memorialistas e historiadores mato-grossenses sob premissas específicas, sendo que o discurso histórico, com fortes conotações memorialistas, construído pelos intelectuais matogrossenses, esteve, sempre, atrelado aos grupos que disputavam e partilhavam o poder, dando-lhes, principalmente, legitimidade (DOURADO, 2005, p.14).

Observamos nos apontamentos de Taunay (1997), em *A retirada da Laguna*, um emudecimento em relação à mulher na guerra. Esse silêncio explicita uma negação: a condição feminina junto à Guerra? Ou terá sido uma forma de ‘coisificar’ o outro, como cita Skliar (2003, p.110). Quando se ‘coisifica’ o outro, é a negação dos seus valores, para ser igual aos outros; valores que são imputados nas relações de poder impostas pelo colonialismo. Por que não dizer do imperialismo já que estamos nos referindo ao Brasil Império? Na guerra a mulher é o sujeito da diferença, que se apresenta pelo silenciar de Taunay, nos relatos de *A Retirada*.

O ato de silenciar implica em não dizer o que, por alguma razão que não identificamos, não pode ser dito. Então vemos que... “o silêncio colonial parece ser somente um convite à mudez do outro ou à confirmação – não idêntica, mas parecida – de sua espacialidade” (SKLIAR, 2003, p.109). Pensamos no silenciar do outro, negando-o ou silenciando sua voz, sua existência, pura e simplesmente? Então, negar a mulher, sua presença nos campos de guerra, para o autor, terá sido um ato de exclusão?

Ao silenciar sobre a presença feminina, Taunay utiliza uma linguagem subjetiva para apresentar, pelo silêncio, um posicionamento de desigualdade. “Assim, escrever sobre ‘silêncios’ significa, também, desmistificar as lembranças colhidas e reelaboradas de acordo com os interesses do momento. Como simplesmente aceitar o seguinte juízo?” (DOURADO, 2005, p.15). Os silêncios convenientes que transformaram muitos homens em heróis, mas que ocultaram presenças, que calaram vozes, que silenciaram a própria história.

E Gomes nos mostra a situação encontrada pelo exército brasileiro, no fim da guerra: “Era tamanha a miséria das mulheres e crianças no final da Guerra que os soldados brasileiros despiam suas camisas para cobrir as crianças nuas, cujas pernas finas e descarnadas mal sustinham um corpo deformado e de ventre crescido pela verminose” (GOMES, 1990, p. 151).

“Extremamente sensível à música, quando a banda tocava, as mulheres, reduzidas à miséria, começavam a dançar” (GOMES, 1990, p.151). E ainda afirma: “As forças brasileiras libertaram mais de quatro mil delas entre as quais 100 brasileiras. A mulher e a filha do Guia Lopes estavam no meio delas” (Idem).

Mesmo diante de tanto sofrimento, ao terem a certeza da morte de López, “As mulheres, cansadas de sofrer, famintas, viúvas, muitas vezes de luto pela morte de filhos, irmãos ou outros parentes, sem lar e sem destino, dançavam em volta do cadáver de López” (1990, p. 152). Aqui Gomes refere-se às mulheres paraguaias, quando a guerra já terminara e Solano López havia sido morto.

Encontramos relatos sobre “Madame Linch” assim conhecida Elisa Linch, “concubina do ditador Solano López”⁵² e “Depois de ajudar a arrasar o país guarani, retira-se, depois da guerra, sob a proteção da bandeira Norte Americana,” levando consigo bens e dinheiro tirado “daquele povo sofrido e espezinhado por ela mesma.” (GOMES, 1990, p. 151). Esses registros encontramos em Taunay (2004), que presenciou os fatos, e os registrou. Madame Linch também foi responsável pela captura da mãe de López e de suas duas irmãs que sofreram nas mãos dos algozes, acusadas de traição.

Em *A retirada da Laguna*, Taunay citou:

⁵² Otávio Gonçalves GOMES (1990, p. 151), em seu livro *Mato Grosso do Sul* na obra do Visconde de Taunay, escreveu: “Aquela escocesa, ‘Madame Linch’, que veio de Paris com o futuro ditador do Paraguai, fora casada com um médico beberão que vendeu o divórcio a Solano Lopes a troco de dinheiro. [...] Tudo isso está registrado nos livros de Taunay, testemunha presente dos fatos”.

As 71 mulheres que contamos na entrada da ponte seguiam a pé, com exceção de duas, montadas em burros; quase todas carregavam crianças de peito ou bem pequenas. Uma delas era apontada como heroína; obstinando-se um paraguaio em arrancar-lhe o filho, apanhou de um salto um sabre abandonado no chão e matou o agressor. Outra, mais infeliz, vira o filho recém-nascido ser cortado ao meio pelo inimigo, que o carregara pelas pernas. Traziam todas no rosto, aliás, os estigmas do sofrimento e da miséria extrema. Algumas vinham ainda carregadas de objetos provenientes do saque, como mantas, ponchos, pesados sabres paraguaios, baionetas e revólveres (TAUNAY, 1997, p. 186-7).

Podemos observar como Taunay menciona as mulheres no trecho acima. Trechos como esse, para designar as mulheres na guerra, foram poucos. O autor sem dúvida deu mais ênfase aos soldados, a presença masculina, se não de forma pensada, mas o fez na obra *A retirada* sem preocupação e nem receio de ser mal compreendido, pela história. Parece-nos que o autor, de forma pensada, não se deixou envolver com a situação feminina naquela guerra. Mesmo observando acima um relato condensado pela observação do sofrimento presente, ele omite, ou simplesmente deixa de aprofundar essa leitura nos seus relatos. Como observamos em: “As mulheres dos soldados, com exceção de duas ou três, permaneceram no acampamento” (TAUNAY, 1997, p.59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos levantar uma reflexão/investigação acerca das diferenças produzidas/observadas dentro da obra *A retirada da Laguna*, do autor Visconde de Taunay.

Entrecruzando o discurso de Taunay com as teorias como de Skliar (2003), pensamos em investigar a identificação e suas diferenças da mesmidade, no discurso colonial, no mapa da alteridade, a presença do Outro e as representações do sujeito Outro, nos espaços da guerra. As questões da espacialidade em que vigoram as identidades de um sobre o outro, os entrelugares ocupados de modo insinuante pelos índios diante das representações do outro, quando este não se insere no espaço/tempo e fica à mercê da exclusão. A espacialidade da mobilidade e a fixidez que Taunay (1997) coloca, sempre resultando num processo de exclusão.

Quando o autor Skliar (2003) pergunta: onde está e quem é o outro? Na Guerra contra o Paraguai, quase todos lá eram estranhos. Estranhos nos lugares que estavam, ou para com os outros com quem se relacionavam. O estranhamento não estava presente apenas na presença sempre ameaçadora do inimigo, mas nos relatos de Taunay, esses estranhamentos são percebidos nas palavras e expressões usadas pelo autor, ou mesmo no silêncio que percebemos ao longo das leituras.

O outro não fixo, que acompanhou a comitiva de guerra por longos cinco anos, perpassou pela questão de que todos somos diferentes, nestes contextos como apresentamos Skliar (2003), então, é o diferente, aquele que de certa forma somos nós. Todos somos, em certa medida, outros, mas essa diferença não é compreendida e sim negada. Negada quando se excluem e se negam os valores presentes na cultura, nos costumes, nas tradições, de cada povo que é disfarçada e sufocada pelos discursos hegemônicos dos colonizadores sobre os colonizados. Esses são subjugados pelas vozes que os tornam ‘degenerados’ e seres ‘inferiores’ negando-lhes as origens, produzindo violência justificada discursivamente.

Usamos esta reflexão na tentativa de explicar o discurso de Taunay na obra *A retirada da Laguna*. O discurso hegemônico presente em seus relatos negaram os sujeitos em torno de si e em torno dos próprios sujeitos. Como cita Bhabha (1998), nenhum sujeito fica fixo no processo de troca de negociação e nem um processo houve

troca/negociação se o sujeito não for ao encontro do outro no que se dá o processo de confronto, logo, de negociação. A incapacidade de compreender o outro é sempre um processo arbitrário, mas que sempre pode ser necessário para se relacionar com o outro.

Entendemos, pois que as diferenças são vistas como patológicas, mas em lugares e momentos elas podem ser vistas como relacionamento - não há uma decisão final. Como se pode olhar o outro? Pensar o outro é um processo que deve ser revisto e repensado, pois a alteridade resulta da identidade narrativa que busca estabelecer o outro num lugar de modo fixo. Assim, pensar sobre o sujeito onde ele não estaria é um exercício de desconstrução da dominação.

Este espaço é o espaço da exclusão, que ocorre quando o sujeito está inserido num determinado espaço e os sujeitos que estão inseridos neste cenário não toleram o outro que aparece neste momento. Ao que Skliar (2003) pergunta: existe um terceiro espaço, um entrelugar onde este sujeito possa ficar, se inserir, num outro espaço para lhe servir, de repente, como um lugar de passagem sem ser condenado à exclusão pelo grupo? Bem, em tempos de guerra, o excluído é o inimigo, por representar o outro, mas mesmo no grupo de soldados havia os aflitos e os afligidos pelos horrores que viviam. A fome e a cólera foram os mais terríveis dos mortais inimigos e para Taunay os heróis foram os que sobreviveram.

Desta forma, é bem possível que os sujeitos envolvidos naquela guerra tenham construído um entrelugar, um espaço/tempo para entrever suas dores, seus anseios, suas necessidades físicas e intelectuais, suas derrotas e suas vitórias, seus medos, um entrelugar que servisse de passagem para eliminar a exclusão. Portanto, nos parece neste caso, que podemos definir exclusão como sendo o ato de eliminar a diferença ou o ato de silenciar diante dela, de não observá-la de não tratá-la, pois não ter significação suficiente para enxergar a diferença, constitui um ato de exclusão.

E o que dizer então da participação de índio na Guerra contra o Paraguai, em uma reflexão acerca do relacionamento da comitiva com o indígena? Os indígenas foram a serviço da campanha, quando solicitados e, por conseguinte foram quase extintos. Será que os povos indígenas não criaram um espaço, um entrelugar para sobrevivência? Em muitos relatos, aparecem que ao término da guerra, povos inteiros perderam suas terras e essa perda resultou em uma perda da própria identidade, pois para o indígena seu território e sua identidade estão relacionados. Estamos falando do século XIX. Quanto tempo ainda restará forças a esses povos para que geração após

geração continue sua luta pelo seu território? É uma pergunta quiçá ainda esperamos resposta.

No século XIX, havia um poder hegemônico que ditava comportamentos e gerava exclusões. Pensamos então como esses povos foram descritos nos relatos de Taunay, sendo este um homem de origem europeia, foi difícil compreender o homem rude do interior do Brasil. Era-lhe um conflito escrever sobre esses seres que tinham sua própria cultura, seus valores, seus costumes, sua terra, sua identidade, mas em muitas passagens Taunay rememorou a convivência com esses povos, nas *Memórias*. Na obra *A retirada da Laguna* Taunay não comenta a cultura dos índios, suas identidades, suas crenças, seus costumes. Preferiu silenciar diante desses dados já que para o autor, o livro escrito em francês na sua primeira versão, foi escrito direcionado ao público francês e a ele não interessaria saber que no interior do Brasil viviam culturas rústicas como os índios. O homem chamado primitivo que falava uma língua estranha, que se vestia de modo diferente, quase nu, e que comia raízes, plantas, frutos, causando estranhamento até a Taunay; que estava tão próximo ao ser diferente dele, só seria revelado quando seu livro *Memórias* fosse divulgado, cinquenta anos após a sua morte. Por isso Taunay se calou. Mesmo consagrando em muitas falas o índio como heroico, bravo, e guerreiro, Taunay mencionou no livro que este era conhecedor da natureza como ninguém, o que protegeu a equipe de soldados dos inimigos em muitos momentos citados pelo autor.

Na guerra, o índio foi perseguido e morto. Conheceu a fome, tendo que carregar armas, combatendo e enfrentando a cólera, a beribéri, a sede, cercado pelos incêndios, pelo inimigo, pela falta de ânimo, pelo cansaço, pelas privações de toda a equipe. Segundo Taunay, aos índios não eram dadas as armas, eles apenas as transportavam diante dos olhares dos soldados, pois temiam serem atacados por eles, visto que todos os consideravam cruéis, portanto um inimigo em potencial. Em dado momento, no texto, Taunay admite terem sido os índios fiéis, que jamais conjugaram com o inimigo, mesmo falando o guarani, como eles.

Lutas históricas e grandes transformações sociais e culturais permearam estes povos nas décadas e conseqüentemente, nos anos após a guerra.

A guerra transformou a história desses povos, que, quer consciente, quer inconsciente, estiveram lá e modificaram a história, mas principalmente a sua própria história. Os reflexos ainda podem ser sentidos, séculos depois, mas historicamente não se podem mudar as decisões desses povos.

Caberia sim uma investigação para melhor compreender como esses *povos* estiveram durante tanto tempo ao lado dos soldados, longe de suas terras, passando as necessidades que passaram. Pensamos se teria sido um processo de negociação com o governo imperial. Um estudo futuro, quem sabe. Basta a princípio pensar a condição desses *povos* e como aqui se propôs desde o princípio da discussão, tentar compreender essa relação intercultural e interétnica que ocorreu nos campos de batalha. Como cita Kreutz (1998) em seu livro, “as culturas mesmo onde aparecem como marginalizadas e excluídas, não são realidades mudas, mas são fontes do sentido e de construção do real”. Isso sugere nova leitura acerca desse universo tão sobremaneira fascinante, as culturas e a relação de interculturalidade entre os povos. E se mesmo as culturas marginalizadas não são realidades mudas, podemos então pensar que os índios não foram seres completamente inocentes nesta guerra. Tinham seus interesses particulares e processos de negociações com o homem não índio, para com isso, poderem usufruir de privilégios, junto ao governo imperial.

Taunay foi o homem urbano que se deparou com a natureza farta e insípida. Ele mostrou-nos em muitas passagens de seu relato esse deslumbramento e ao mesmo tempo, surpreendeu-se diante da natureza, por muitas vezes, como em enchentes súbitas, queimadas violentas, podendo ser provocadas pelo próprio inimigo. A natureza também foi um desafio. É a natureza sendo observada pelos olhos do retratador e vista em imagens e os lugares retratados por ele aparecem em alusões romantizadas da natureza. O ‘outro’ aparece representado quando retratou os companheiros de expedição, os soldados, o inimigo, os índios, as mulheres e por que não a própria natureza.

Durante os anos em que a expedição avançou, o autor reforçou os trabalhos dos camaradas de guerra retratando-os sempre como seres corajosos e seres de qualidade, no combate em terras inóspitas e nos sertões com a imensa dificuldade das intempéries. Além dos combatentes valorosos, como escreveu Taunay ao longo de seus relatos, citou também os índios, valorosos pela presença de espírito ao longo das caminhadas. Não fosse o conhecimento dos territórios por onde passou a expedição dificilmente as tropas brasileiras teriam chegado ao inimigo, ou sobrevivido aos ataques sem sacrificar toda a comitiva. Os índios conheciam os caminhos, os atalhos e os lugares mais perigosos, fazendo entrincheiradas ao inimigo e promovendo as retiradas das tropas quando essa estivesse em risco. Taunay comentou em alguns trechos dessa bravia gente e em alguns os citou como selvagens, porém úteis à *pátria* e a toda a expedição.

A comitiva apareceu contada em prosa e versos. O autor de *A retirada da Laguna* não poupou elogios às tropas e as comitivas que promoveram a defesa do território brasileiro, segundo ele. Os camaradas, como eram citados, peões de fazendas, eram os que campeavam e aparecem no texto como seres de qualidade, pelos serviços prestados.

Os oficiais foram destacados pelo autor pela valente cooperação nos campos de guerra, pelas tomadas de decisão quando se fez necessária extrema coragem. Mas o autor comenta várias passagens em que os oficiais hesitam nas tomadas de decisões por estas serem de extrema dificuldade. As mulheres aparecem pouco nos textos de Taunay, porém percebemos a presença de mulheres que acompanharam seus homens carregando seus filhos e em *Memórias* (2004) elas aparecem destacadas, pois sabemos que estiveram lá.

Como podemos buscar um discurso epistemológico aceitável, no discurso de Taunay, que convença a visão academicista de que ao escrever não houvesse mergulhado nas forças obstinadas e monarquistas que tinha? Que poder é esse que Taunay recolhia na ponta da pena para ocultar ou revelar fosse como fosse a nós, meros espectadores? A inspiração que conduziu o autor revelou-nos o olhar explicitado de verdades ou essas poderiam estar ocultas nos traços românticos que o autor pretendeu nos mostrar?

Seria então uma verdade romantizada e oculta, nos traços ‘enfeitados’ de palavras elaboradas para que sensibilizassem o leitor. A ambição tomou a forma de poesia. O poder tornou-se uma voz que mergulhou no vento e dispôs-se a entrever os caminhos, ocultar os dissabores, desdizer os mal-feitos e omitir o que não poderia ser dito. Calar significava silenciar. E o silenciar poderia ter ocultado muitas respostas que omitidas podem ter mais significados do que se faladas. Isso nos remete ao silenciar das vozes em relação às mulheres na obra *A retirada*, por parte do autor. Então esses silêncios são significativos, na medida em que o silêncio remete o outro a mero sujeito, um sujeito sem voz, um ser invisível naquele lugar. Mesmo os soldados, tidos como heróis, foram sujeitos que fizeram a guerra, que estiveram nos campos de batalha como os sujeitos promotores da própria guerra, mesmo assim o autor não os nomeou, e sem nomes foram apenas sujeitos, foram sim meros sujeitos de um evento. Sem nomes, sem identidade. Assim como os índios. Estiveram lá, sabemos, porém foram tão insignificantes, para o autor, que não mereceram ser nomeados. Da mesma forma que os soldados, se fizeram partícipes, mas para o autor, quase invisíveis.

O aporte teórico presente nos relatos de Taunay possibilitou – nos refletir sobre a posição histórico-literária dos seus textos. Também nos reporta a pesquisa dos eventos históricos que a obra aponta, mas que em alguns casos, omite. Essa omissão por parte do autor leva-nos a refletir, e a tentar responder a pergunta que nos fizemos ao longo da caminhada: ao omitir o autor esteve posicionando-se em favor de tal evento ou contrariando-o, se assim lhe fosse conveniente? Ao calar, ao silenciar, Taunay nos impele a refletir sobre o porquê se calou diante desse acontecimento? É a reflexão que nos fazemos desde o início da caminhada: a historicidade dos textos de Taunay e de como o autor se posicionou diante dos fatos narrados.

Taunay foi para a guerra por ordem do imperador D. Pedro II, amigo de seu pai. A princípio pensou no que seria viajar pelo interior do país em busca de novas aventuras. Jovem demais para perceber que a guerra seria uma ‘inesquecível aventura’. Foi como engenheiro do exército que o jovem Taunay embrenhou-se pelos sertões de Mato Grosso. Participou dos acontecimentos da guerra e em muitos momentos, fez anotações que resultariam em obras como *A retirada da Laguna*, *Memórias* e *Relatos de Guerra*. Essa obra reproduz em parte os pensamentos do autor, por isso optamos por introduzir na pesquisa as obras acima citadas para complementação do estudo aqui apresentado. Nesses textos, percebemos a presença dos relatos escritos por um descendente de europeu que tem no seu discurso elementos linguísticos de proximidade com o colonizador. Os adjetivos empregados pelo autor nos textos estudados reforçam a exclusão, a ideologia, as narrativas apologéticas aparentes que hierarquizavam os líderes, os soldados brasileiros sempre vistos como heróis e os demais membros do grupo (mulheres, índios, crianças, inimigos), subalternizados.

Importante salientar, como cita Candido (2004), que no século XVIII, não havia no Brasil universidades e a vinda da família real trouxe projeção e desenvolvimento no sentido cultural. Mas as ideias de alta cultura e baixa cultura permaneceram nos descendentes de europeus, principalmente naqueles que filhos de fazendeiros estudaram na Europa e voltaram ao Brasil com ideias libertárias. Não conseguimos deixar de pensar no conto Machadiano “O Alienista” que promulga com uma ironia debochada, como os brasileiros que iam a Europa estudar e voltavam a sua terra com certezas, criando melodramas e perspectivas beirando o deboche.

A chegada de homens instruídos, vindos com a Família Real de vários países como viajantes, artistas, pintores, cientistas, dentre eles, Candido (2004) cita Taunay,

como pintor e representante do Neoclassicismo como proposta de modernidade, e um dos importantes veios culturais desse período.

Daí, podemos concluir que das leituras apreendemos que: interculturalidade é pensar no outro, é ver-se cada vez mais a si próprio e ao outro, são as culturas que entram intencionalmente em dialogar e esse diálogo só ocorre em sociedades simétricas, só há diálogo onde existem colocações paralelas, acabando definitivamente com o monólogo cultural. Esse realmente é um desafio.

Na abordagem da questão da diferença nos deparamos com inúmeros conceitos teóricos para o termo em si. Apesar de consideramos a diferença um embate, um enfrentamento da desigualdade, quando não respeitada, é tomada como exclusão, pois o que é diferente de ‘mim’ deve ser eliminado. O padrão homogeneizador, presente em Taunay, criou concepções e valores pré-estabelecidos que deixaram ‘marcas’ durante séculos na nossa sociedade. E refletimos sobre esse processo homogeneizador no âmbito escolar. Os sujeitos envolvidos com a escola encontram dificuldades em lidar com as diferenças na sala de aula, então padronizam as diferenças para silenciá-las, ou ocultá-las.

A escola necessita enfrentar as questões da diferença, da desigualdade, do poder, da exclusão, do padronizar, atitudes tais que causam desconforto e uma realidade assustadora, vinculada às questões mais amplas como desistência escolar, repetência, *bullying*, violência e traumas. Todas essas formas de exclusões devem ser repensadas e combatidas, por educadores conscientes de sua participação na desconstrução de certos valores engessados; que se estabilizaram durante séculos. Mas que podem ser mudados, e questionados, priorizando o conhecimento e a construção dos saberes e respeitando a identidade e individualidade de cada sujeito.

Finalizando nossa reflexão pensamos em como a obra *A retirada da Laguna* pode contribuir para o estudo em sala de aula. É uma leitura instigante e de grande valor literário/histórico para o aperfeiçoamento do conhecimento. Pode ser estudada com o foco de nossa pesquisa, abordando as diferenças. Uma leitura sociológica que permitirá várias indagações sobre a existência do outro, do diferente, entre nós e em sala de aula. Um estudo histórico pode ser conduzido pelo professor da obra *A retirada*, pensando em capturar os elementos que farão parte do estudo, como o século XIX, a história desse século, os países da América Latina, os europeus. Dentro da história podemos retirar dessa leitura inúmeros fatores de aprendizado. Se a leitura, por outro lado, for

realizada com o olhar da literatura, a obra permeará além do fator histórico ainda a beleza e a viagem que a literatura permite, por direito ou pela imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCALÁ, Guido Rodríguez. *Residentas, destinadas y traidoras*: testimonio de mujeres de La triple Alianza. Assuncion: Servi Libro, 2007.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: Introdução ao jogo e a suas regras. São Paulo: Loyola, 2004.

BACKES, J.L. **Cultura, representação, linguagem e poder**. In: A negociação das identidades/diferenças no espaço escolar. São Leopoldo:UNISINOS, 2005.

BAUMAM, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAM, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAM, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria. **A História do Povo Terena**./ Circe Maria Bittencourt, Maria Elisa Ladeira – Brasília: MEC.2000. 156 p.

BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura brasileira. 39 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAND, Antonio. **Indígenas no Ensino superior**: experiências e desafios. Apresentado no 15º COLE – 04 a 08 de julho de 2005.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. Ed. Companhia das Letras, SP: 1994.

CANCLINI, G. N. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANDAU, Vera Maria. **O/A educador/a como agente cultural**. In: Cultura e política do currículo. Alice Ribeiro Casimiro Lopes, Elizabeth Fernandes de Macedo e Maria Palmira Carlos Alves (org.). Araraquara, SP: Junqueira & Martin, 2006.

CANDIDO, Antonio. CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira** – Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre Práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm Acesso em: 16/09/2011.

- CUNHA, M. Carneiro da. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo. In: **Política Indigenista do Século XIX**. São Paulo: Schwarcz, 2008.
- DANNEMANN, F. K. 1867: **Retirada da Laguna**. 2007. Disponível em: www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br. Acesso em: 15 Jan. 2010.
- DORATIOTO, F. Maldita Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DOURADO, M. T. Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis**: a presença feminina na Guerra do Paraguai. Ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2005.
- FANTINI, Marli. Águas Turvas, identidades, quebradas-hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas. In: **Margens da Cultura: Mestiçagem, Hibridismo & outras misturas**. Benjamin Adala Junior (org), São Paulo: Boitempo, 2004, p. 159 a 180.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9ª Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2001.
- FLORES, Elio Chaves. Etnicidade e Ensino de História: a matriz cultural africana. In: **Nós e Eles: etnia, etnicidade, etnocentrismo**. Rio de Janeiro: Tempo. Nº 21. Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, 2006.
- GIROUX, H. A. MACLAREN, P.L. **Por uma pedagogia crítica da representação**. In: Territórios Contestados. O currículo e os novos mapas políticos e culturais. 5ª edição, Tomaz Tadeu da Silva e Antonio Flávio Moreira (org.), Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 144-158.
- GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995 p. 85-103.
- GOMES, N.L. **Escola e Diversidade Étnico-Cultural**: um diálogo possível. In: Múltiplos Olhares sobre educação e cultura. Juarez Dayrell (org.), Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 85-91.
- GOMES, Otávio Gonçalves. **Mato Grosso do Sul na obra do Visconde de Taunay**. Brasília: Centro gráfico do Senado Federal, 1990.
- GREGOLIN, M. R. ...et al. **Análise do discurso**: entornos do sentido. (org.). In: Análise do discurso: os sentidos e suas movências. Araraquera: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial, 2001
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**: Europa 1789-1848. Ed. Paz e terra: 1997. Rio de Janeiro.
- HOROCHOVSKI, Marisete T. H. **Representações Sociais**: Delineamentos de uma Categoria Analítica. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC- Vol. 2 nº 1 (2), janeiro-junho/2004, p. 92-106. Disponível em: www.emtese.ufsc.br
- HOUAISS, Antônio.../et al. **Dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- KREUTZ, Lucio. Etnia e Educação. Perspectivas para uma análise histórica. In CATANI, Denise Bárbara. SOUSA, Cynthia Pereira. **Práticas educativas, culturais escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.
- KREUTZ, Lúcio. **Identidade Étnica e Processo Escolar**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS - XXII Encontro Anual Caxambu – MG. 1998.
- LAPLANTINE, François. -1943- **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LÉVAY, Emeric. **Uma índia chamada Antonia**: a grande paixão de Taunay. Junho de 2011. Disponível em: <http://www.tj.sp.gov.br/museu/Memoria/Antonia.aspx>
- MAESTRI, Mário. **Guerra contra o Paraguai - Da instauração à restauração historiográfica**. La Insignia. Brasil, 2003.
- MENEGAZZO, M. A. Representações literárias de Mato Grosso: o europeu, o latino americano, o brasileiro e o mato-grossense. In: **Literatura Comparada: Interfaces e Transições**. Coordenação Paulo Sérgio Nolasco dos Santos. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001, p.113-122.
- MINAYO, M.C.S. et all. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 21.
- NETO, Antonio Garcia de Miranda... /et al. **Dicionário de Ciências sociais**/Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Benedicto Silva, coordenação geral; Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- PRADO, G. Cintra do. **Medalhas do Brasil Real e Imperial (1808- 1889)**. Disponível em: www.monarquia.org.br. Acesso em 10 e 11 de Maio de 2011.
- SANTOS, R.C.Z. **De memórias, de fronteiras, de viagens e de violência em A retirada da Laguna**. In: ESTEVES, A. R., Zanoto, S.A., (orgs.). Literaturas de viagem, viagens na literatura, Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2010. p.247-258.
- SECO, A. P. **A educação que emerge dos livros de viagens**. In: www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/periodo_imperial_arquivos.html, acesso em: 12/05/2011.
- SGANZERLA, F. A. **A História do Frei Mariano de Bagnaia**: Missionário do Pantanal. Campo Grande: FUCMAT, 1992.
- SILVA, T.T. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Organização e tradução de Tomas Tadeu da silva –3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006. 240p.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SKLIAR, Carlos. **A educação que se pergunta pelos outros: e se o outro não estivesse aqui?** In: LOPES, Alice Cassimiro; MACEDO, Elizabth (orgs.). Currículo: debates contemporâneos, São Paulo: Cortez, 2002. p. 196-215.
- SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (Improvável) da Diferença**. E se o Outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Neimar Machado de. **A Catequese colonial jesuítica na região do Itatim no século XVII**. São Carlos, SP: UFSCAR, 2009.

SOUSA, R. **A Guerra do Paraguai**. 2010. Disponível em: .
<http://www.mundoeducacao.com.br/historiadobrasil/guerra-paraguai.htm> Acesso em: 22/11/2011.

SOUSA, V. A. de. **História da Educação Popular**. 2006. In:
<http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/historia-da-educacao-310/artigo/>. Acesso em: 08/04/2011.

TAUNAY, Alfredo d' Escagnolle. 1843-1899. **A Retirada da Laguna**: episódio da Guerra do Paraguai/Alfredo d'Escagnolle Taunay, tradução e organização Sérgio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Diário do Exército**. v. 2. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, (1869-1870) , p.136. 2009.

TAUNAY, Visconde de **Memórias**. Edição de Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras; 592 páginas, 2004.

TAUNAY, Visconde de. **Céus e Terras do Brasil**. 7 EDIÇÃO. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1930.

VARGAS, Vera L. F. **A construção do território Terena (1870-1966)**: Uma sociedade entre imposição e a opção. Dourados: UFMS, 2003.